

Rio, 30 de Julho de 1971

MEMORIAL JESUITA UNISINOS

Meu caro Octávio

Meu querida encorajar-te a ser candidato da Academia, já que não tens mais em pequeno. Fui muito feliz em Academia, já falei, ou melhor, tornei a falar com os meus superiores e a receptividade me pôde ser melhor. A falta de hesitação está resolvida e Octávio de Paris, depois de anos de hesitação não está se candidatando. As duas notícias de tua eleição muito boas, não te desanimar com a conveniência de tua eleição em processar as coisas em todo o caso é certa, no dia em que te inscreveres no livro, a turma vai ter que abrir alas e deixar o lugar para, inclusive o Octávio de Paris, que é rumineiro de hoje não consigo distinguir um da outra e seguir, sei muito melhor. Para encontrar a história, a tática (ou estratégia) de candidato, negociar com os partidários dele no sentido de estabelecer um ordem de prioridades, seja a teu favor, seja a favor dele, etc. Se o Octávio não pode não dar nem o mesmo diabo para ele, conforme as circunstâncias e balanças de última hora, etc. Se o Octávio não se candidatar, na primeira, na segunda, ou na terceira vez, no primeiro, no segundo, no terceiro ou quarto encrutimento, cada um por hoje é hoje.

Na abstração para ti. Outro sem o Breno.

Do velho

Moog



**VIANNA MOOG
DO ARQUIVO PESSOAL
AO ACERVO NA UNISINOS
2006-2020**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

MARA ROSANE HAUBERT

VIANNA MOOG DO ARQUIVO PESSOAL AO ACERVO NA UNISINOS (2006-2020)

São Leopoldo

2020

MARA ROSANE HAUBERT

VIANNA MOOG DO ARQUIVO PESSOAL AO ACERVO NA UNISINOS (2006-2020)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi dos Santos Grazziotin

São Leopoldo

2020

H368v Haubert, Mara Rosane.
Vianna Moog do arquivo pessoal ao acervo na Unisinos
(2006-2020) / Mara Rosane Haubert. – 2020.
121 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.
“Orientadora: Profa. Dra. Luciane Sgarbi dos Santos
Grazziotin.”

1. Arquivos pessoais. 2. Moog, Vianna, 1906-1988.
3. Memorial Jesuíta. 4. História - Educação. I. Título.

CDU 37

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

MARA ROSANE HAUBERT

VIANNA MOOG DO ARQUIVO PESSOAL AO ACERVO NA UNISINOS (2006-2020)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em (dia) (mês) (ano)

BANCA EXAMINADORA

Doris Bittencourt Almeida – UFRGS

Isabel Cristina Arendt – UNISINOS

Luciane Sgarbi Grazziotin (Orientadora) – UNISINOS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.185851/2018-00.

Dedico o trabalho aos meus filhos Carolina e Heitor Haubert Macks, mas também, às mulheres que assim como eu, de um jeito ou de outro, lutaram e lutam por dias e mundos melhores, espaços de justiça e reconhecimento, pessoas melhores e mais humanas.

AGRADECIMENTOS

Ao escrever palavras de agradecimento tenho plena certeza de que cometo injustiças, porque sei que posso não ter sido grata o suficiente, mas alguns nomes e pessoas têm que constar neste texto.

Pessoas como Leonardo Lodi, Ariele Dias, Eduardo Hass, Rosane Sasset, Juliana Rhenheimer não podem deixar de configurar nessas primeiras linhas, porque contribuíram com o melhor de suas almas para minha escrita. Obrigada!

À minha orientadora Luciane que desde a iniciação científica acompanha minha vida, minha aprendizagem e que, a meu ver, cresce cada dia mais como orientadora e pessoa. Obrigada!

A Enildo de Moura Carvalho, em primeiro lugar pela disponibilidade e acolhida, pelos ouvidos e pela sempre pronta disposição em esclarecer minhas dúvidas, por mais absurdas que fossem. E em segundo, pelo desarranjo que provocou em mim ao apontar a arrumação que eu tinha do AVM. Obrigada!

À família que compreendeu minha ausência e apoiou-me por toda a vida. Obrigada!

Ao Programa de Pós Graduação em Educação- PPG Edu Unisinos. Obrigada!

Aos amigos e colegas de trabalho da EMEI Hugo Gerdau que ajudaram modificando seus horários para eu poder comparecer às aulas, além de escutar e respeitar minhas angústias. Obrigada!

À banca, nas pessoas de Doris e Isabel, que de maneira humilde e generosa contribuíram de forma significativa. Obrigada!

À Pepper e a Branca pela companhia nos dias de total solidão. Obrigada!

Ao grupo de pesquisas EBRAMIC. Obrigada!

E a todos aqueles que acreditaram em mim, quando eu mesma tive dúvidas. Obrigada!

*Se eles vêm com fogo em cima, é melhor sair da frente
Tanto faz, ninguém importa se você é inocente
Com uma arma na mão eu boto fogo no país
E não vai ter problema, eu sei, estou do lado da lei
(Capital Inicial, Veraneio vascaína).*

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral identificar as diferentes etapas que envolveram o processo de salvaguarda de documentos. De modo específico, o processo de constituição do arquivo Vianna Moog no Acervo do Memorial Jesuíta, localizado na Biblioteca Central da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Os objetivos específicos são descrever o processo de salvaguarda do arquivo pessoal de Vianna Moog desde a sua aquisição até a higienização, conservação e disponibilização para consulta no espaço institucional de uma universidade jesuíta. Analisar o arquivo pessoal do escritor Vianna Moog e sua potencialidade como documento histórico e para as discussões referentes à História da Educação. O suporte metodológico foi a História Oral e a Análise Documental Histórica. De acordo com os pressupostos da História Cultural e da História da Cultura Escrita, compreendi que os arquivos pessoais são fontes históricas de fundamental importância para o fornecimento de subsídios e para problematização de tempos e espaços dos sujeitos e seus modos de inserção na sociedade. Assim, o trabalho arquivístico desenvolvido nos documentos pessoais deve ser orientado pela gênese dos artefatos culturais, bem como a custódia do patrimônio documental pessoal deve ser precedida do interesse de disponibilização para pesquisas, assim como o acesso aos pesquisadores deve ser facilitado e melhor compreendido.

Palavras-chave: Arquivos pessoais. Vianna Moog. Memorial Jesuíta. História da Educação.

ABSTRACT

The present study has the general objective of identifying the different stages that involved the document safeguarding process. Specifically, the process of constituting the Vianna Moog archive in the Collection of the Jesuit Memorial, located in the Central Library of the Unisinos University. The specific objectives are to describe the process of safeguarding Vianna Moog's personal archive from its acquisition to hygiene, conservation and availability for consultation in the institutional space of a Jesuit university. Analyze the personal archive of the writer Vianna Moog and its potential as a historical document and for discussions related to the History of Education. The methodological support was Oral History and historical documentary analysis. According to the assumptions of cultural history and the History of Written Culture, I understood that personal archives are historical sources of fundamental importance for the provision of subsidies and for problematizing the subjects' times and spaces and their ways of insertion in society. Thus, the archival work developed in the personal documents must be guided by the genesis of cultural artifacts. As well as the custody of personal documentary heritage must be preceded by the interest of making it available for research, as well as access to researchers must be facilitated and better understood.

Keywords: Personal files. Vianna Moog. Jesuit Memorial. History of Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vianna Moog - 1927 e 1972.....	25
Figura 2: Carta enviada a Mario Quintana – 1971.....	31
Figura 3: Casal Vianna e Frigga Moog.....	49
Figura 4: Documentos organizados em prateleiras com caixas enumeradas que contém pastas enumeradas.	95
Figura 5: Prateleira do Arquivo Vianna Moog.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Linha do tempo: história da atuação dos jesuítas na região Sul até o memorial.....	36
Quadro 2: Acervo Documental.....	39
Quadro 3: Intérpretes do Brasil.....	43
Quadro 4: Vianna Moog o intérprete e intelectual mediador.....	45
Quadro 5: Entrevistas realizadas	66
Quadro 6: Localização e organização de alguns materiais do AVM.....	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SOBRE CLODOMIR VIANNA MOOG: O ARQUIVO DE UM INTÉRPRETE DO BRASIL	22
2.1 ACERCA DE VIANNA: SUAS PRODUÇÕES ESCRITAS E SEU ARQUIVO PESSOAL NA UNIVERSIDADE	29
2.2 VIANNA MOOG UM INTÉRPRETE DO BRASIL	41
2.3 UM LUGAR PARA FRIGGA MOOG NO ARQUIVO DE “CLODO”	48
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS: PASSOS DE UMA ESTRADA EM CONSTANTE CONSTRUÇÃO	53
4 VIANNA MOOG: DO PESSOAL AO INSTITUCIONAL	76
4.1 ARQUIVOS PESSOAIS E ACERVOS: ALGUMAS DEFINIÇÕES E LIMITES	82
4.2 A CONSTITUIÇÃO DE UM ARQUIVO PESSOAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE CUSTÓDIA DOCUMENTAL	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	117
APÊNDICE B – BUSCA NO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES	119
ANEXO A – TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS DO ACERVO DO MEMORIAL JESUÍTA – BIBLIOTECA DA UNISINOS	120
ANEXO B – RESPOSTA DE TIAGO À SOLICITAÇÃO ENVIADA POR E-MAIL SOBRE O ARQUIVO VIANNA MOOG	121

1 INTRODUÇÃO

Gracias a la vida, que me ha dado tanto me ha dado la marcha de mis pies cansados con ellos anduve ciudades y charcos playas y desiertos, montañas y llanos y la casa tuya, tu calle y tu pátio. (Mercedez Sosa, Gracias a la vida).

Epígrafe deste capítulo, o trecho da canção de Mercedez Sosa, faz lembrar a minha juventude, etapa da vida na qual ainda acreditava em muitas coisas, mas também me clama a jamais esquecer, a aprender e a compreender melhor por meio da memória que me constitui. Todavia, reforça que ainda devo caminhar muito.

A Educação e a Literatura são temas caros para mim, pois sempre despertaram inquietações e deleites que influenciaram a minha formação acadêmica e pessoal. Formei-me no curso Técnico de Magistério, no Colégio Luterano Concórdia em São Leopoldo/RS em 2008, aos 38 anos de idade. Por entender que aprender é um processo contínuo, fiz uma graduação em nível superior, o curso escolhido, por afinidade, Letras-Português o qual, no momento, estou ampliando para Letras Português/Espanhol.

O curso de Licenciatura em Letras não bastava para contemplar todas as minhas necessidades formativas sobre educação, escola, literatura e docência. Assim, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em nível de Mestrado, na Linha 1 de pesquisa - Educação, História e Políticas – que possibilitou ampliar meu repertório profissional agregando a pesquisa no meu processo formativo. É possível dizer que o fato de ter sido bolsista de Iniciação Científica foi um divisor na minha formação, e forneceu subsídios para que eu pudesse articular e transformar os novos saberes de forma a alicerçar meu desenvolvimento profissional e social, trazendo elementos da pesquisa para o meu cotidiano.

Os quatro trabalhos apresentados em Mostras de Iniciação Científica, de uma forma ou de outra, estavam diretamente relacionados ao quinto tema de pesquisa: *Não basta guardar para lembrar: uma reflexão sobre os espaços de preservação da memória escolar*, que pretendeu inventariar, discutir e pensar as potencialidades pedagógicas desses espaços de preservação da memória escolar, como os arquivos, os museus e os memoriais escolares.

A pesquisa que desenvolvo, constituiu-se nesse percurso acadêmico e pessoal. Certos entendimentos do objeto de estudo só foram possíveis a partir de construções ocorridas tanto na carreira docente, quanto na experiência adquirida em cinco anos como bolsista de iniciação científica. Atualmente, estou vinculada ao mesmo grupo no projeto *Instituições escolares na*

região metropolitana de Porto Alegre e Vale dos Sinos: Acervos, memórias e cultura escolar- Séc XIX e XX- fase II, orientada pela professora Luciane Grazziotin.

Como bolsista, sempre estive envolvida com a constituição e preservação de arquivos escolares. Participo do grupo de pesquisas EBRAMIC- Educação no Brasil, memória, instituições e cultura escolar. Nesse grupo tive muitas oportunidades de pensar e discutir algumas questões sobre documentos e arquivos escolares. Além disso, conheci espaços específicos de salvaguarda de arquivos como escolas, museus e universidades. Os arquivos privados não estavam muito presentes. Embora, em certa medida, tangenciassem as discussões da pesquisa com documentos de escola, uma vez que, vez ou outra, nos deparávamos com cartas de alunas, ou professoras, fotografias, diários íntimos de internas etc. Não escrevi sobre eles, mas sempre me interessaram.

Trabalhar nesses espaços proporcionou-me, entre outras coisas, adquirir experiência em identificação de fontes documentais, manipulação, higienização e preservação de materiais salvaguardados. Os arquivos, depois desse percurso, nunca mais foram os mesmos, ainda que sempre tenham chamado a atenção, pois o longo sempre despertou, encantou e inquietou meus pensamentos. Acredito que seja porque é importante entender como chegamos onde estamos, de que maneira nos constituímos como sujeitos, sociedade e produtores de culturas, de conhecimentos pois conforme Farge (2009, p. 32), “o arquivo mexe de imediato com a verdade e com o real”.

Das experiências como aspirante à pesquisadora, recorro que a higienização de livros, manuais de civilidade e tantos outros materiais angariados pela professora Luciane Grazziotin e alguns membros do grupo de pesquisa e eu na antiga sede da universidade Unisinos, foram minha companhia na iniciação científica. Companhia, visto que eu trabalhava sozinha naquela sala, e aqueles documentos mobilizavam meus pensamentos, minhas ações, inquietavam-me, agiam sobre mim. Com luvas, máscara e pincel deslizava sobre páginas e páginas, espiava cada letra e descobria recados, bilhetes e até algumas traças também, descuidadamente preservadas. Numa sala do Laboratório Saberes e Fazeres, cedida pelo coordenador do curso de Pedagogia Unisinos, professor Maurício, descobri a *Ratio Studiorum*, livro que só tinha lido sobre, no entanto, naqueles momentos tinha um exemplar em minhas mãos! E isso era estupendo.

Era um encontro com os arquivos, antes de tudo, um encontro entre passado e presente, falo do que experimentou Farge (2009, p. 49) quando compreendeu que “o sabor do arquivo se enraíza nesses encontros com silhuetas desfalecidas ou sublimes. Obscura beleza

de tantas existências”, povoada de inquietações e deleites, talvez por isso nunca tenha experimentado a solidão naquele espaço porque viajava acompanhada de artefatos históricos.

Em outra ocasião, trabalhei com o arquivo dos *santinhos*¹, no Memorial Jesuíta. Tratava-se de álbuns, mais especificamente 06, na maioria, da Gráfica e Editora Ambrosiana, e “faziam parte dos materiais da instituição para consulta e/ou encomenda para as paróquias e para as escolas em que atuavam”. (GRAZZIOTIN; BASTOS, 2017, p. 1). Minha função era selecionar e fotografar o material, também anotar alguma peculiaridade sobre os itens preservados nos álbuns, que continham exemplares de *santinhos*. Lembro, como se fosse hoje, passavam-se manhãs inteiras e nem se percebia, tantos eram os atrativos daquele material.

Cada coleção evidenciava um aspecto distinto, seja nas cores ora vibrantes, ora sombrias, seja nas figuras que mostravam santos e imagens de Jesus Cristo, crianças e sacerdotes de muitas formas, todas reforçando dogmas religiosos e práticas ritualísticas da religião católica. Além disso, creio que se expunha naqueles impressos um jeito de ver e pensar a Igreja em cada coleção, pois eram traços de entendimentos sobre muito mais que imagens a difundir. É um material rico para refletir sobre muitos aspectos acerca da educação religiosa, sobre práticas culturais e civilizatórias. Esse trabalho me remeteu à minha juventude, na época, ganhar um santinho daqueles significava que eu tinha sido uma menina comportada durante as aulas de catequese ou no final das cerimônias religiosas. Não tenho santinhos no meu arquivo, acredito que, hoje, recordo com tranquilidade, sempre manifestava minhas inquietações nas aulas, não ficava quieta, perguntava muito.

Com essas lembranças, me dou conta, que me embrenhei nesse campo da memória preservada por meio de arquivos e assim fui, paulatinamente, sendo instigada a pensar algumas questões sobre o tema: Quem guardou? Por que guardou? Havia um objetivo específico para a ação de salvaguarda? Por que estavam organizados daquela forma e não de outra? Tudo que se tinha daquele material foi preservado, e o que não foi? Por que foi descartado? O constante contato com memoriais escolares me suscitava perguntas. Entendi que muitos dos itens salvaguardados pertenceram às pessoas que os preservaram em âmbito privado, às vezes, eram de ex-alunos das instituições, de professores, ou seja, faziam parte de conjuntos documentais denominados de “arquivos pessoais”. A isso, fiz referência anteriormente, já que estavam ali os primeiros contatos com meu tema de pesquisa de

¹Segundo o Dicionário Houaiss (2005, p. 2.513), o verbete *Santinhos* se refere a uma “pequena imagem que representa a figura humana de Cristo, Virgem Maria ou de um santo; por derivação: pequeno prospecto de propaganda eleitoral com retrato e número do candidato”.

Dissertação, diários, cartas, fotografias que antes de pertencerem a um arquivo de uma instituição pertenceram a um indivíduo.

Antes mesmo daquela época em que visitava os memoriais escolares, já acreditava que os arquivos pessoais são uma oportunidade de entender melhor uma situação da qual não participei, como no caso das fotografias de família, nas quais aparecem imagens de pessoas que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas que fazem parte da minha história, e atizam sempre minha curiosidade. Amealhar artefatos memorialísticos é uma ação que exige olhares multidisciplinares, afinal, conforme Cunha (2019, p. 77)

Independente do local e da forma, guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo.

Um exemplo de como os objetos pessoais cuja memória contida é singular é a primeira mesa dos meus pais com mais de 50 anos. Hoje está na minha cozinha, nela ocorreram as primeiras refeições de nossa família, ao redor dela, muitas conversas e algumas aulas de divisão. As panelas, naquela época de ferro, marcaram as tábuas da mesa e para sempre o nosso paladar.

Os primeiros traços da alfabetização de meu irmão mais novo podem ser percebidos nela, porque, com um canivete, ele escreveu “Lárcio”, seu nome é Láercio. Recordar essas marcas é semelhante a dar um testemunho, isto é, “é um modo de evidenciar e memoriar nossas vidas - nossa existência, nossas atividades e experiências, nossas relações com os outros, nossa identidade, nosso “lugar” no mundo” (MCKEMMISH, 2018, p. 239), meu lugar na mesa de refeições da nossa família que é muito mais que um lugar físico. Para alguns não passa de uma mesa velha, para mim é uma oportunidade de lembrar-me de onde vim e de como cheguei aqui.

Fiz até aqui uma digressão do meu percurso como aluna do curso de letras, como bolsista do campo da História da Educação. Esses aspectos estão profundamente implicados com minha escolha de pesquisa que tem como objeto de investigação o arquivo pessoal de um escritor, no caso, Viana Moog.

Sua documentação está preservada no setor de Coleções Especiais do acervo do Memorial Jesuíta, localizado na Biblioteca Central da Unisinos, campus São Leopoldo/RS. A possibilidade de que poderia se tornar o objeto deste estudo emergiu de uma discussão sobre autor e obra. Estávamos numa aula de Seminário de Prática de Pesquisa, da qual

participávamos eu e os outros colegas orientandos da professora Luciane Grazziotin. Em determinado ponto da discussão, referente às leituras daquela aula, o colega doutorando Eduardo Haas levantou uma questão sobre o que seria, de fato “o livro”? Indagava se era o texto do autor da obra ou se era todo o conjunto incluindo a sua materialidade? E as intervenções dos editores? Aquela fala despertou algo em mim. Sem saber, o amigo tocava em um assunto muito próximo e interessante para mim, a Literatura e a Crítica Genética.

Lembrei-me do dia em que participei de uma Aula Magna², no primeiro semestre do ano de 2015, na universidade em que à época, era graduanda do curso de Letras, Unisinos/RS. Foi nesse momento, que, objetivamente, tive o conhecimento da existência da documentação de Vianna Moog. A aula inaugural do curso de Letras daquele ano ocorreu no Anfiteatro Padre Werner, e foi assistida por alunos, dentre eles, eu, professores, reitor da universidade e demais convidados. À mesa de cerimônias, estavam as professoras Eliana Pritsch, Isabel Cristina Arendt e Marcia Lopes Duarte. A professora Márcia Ivana de Lima e Silva era a convidada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Márcia Ivana, como professora de Teoria da Literatura, contribuía com algumas questões evidenciadas por meio das escritas marginais percebidas na produção literária de Vianna Moog, que estavam preservadas no arquivo pessoal do autor. A filha de Clodomir Viana Moog, Ana Maria Moog, também compartilhava alguns comentários que entendia relevantes ao conteúdo discutido ou que para ela eram pertinentes.

O tema da Aula Magna era a crítica genética a ser pensada na obra de Vianna Moog. Ressalto que assim como o fez o autor, o farei eu neste estudo quanto à referência ao seu nome, pois optou por ser conhecido como Vianna Moog enquanto autor literário. No entanto, era reconhecido também enquanto figura política e, portanto, pública como Clodomir Vianna Moog. Tratava de um processo criativo que é muitas vezes árduo, sempre subjetivo e próprio de cada autor. E de uma construção que deve ser olhada individualmente, em seu aspecto idiossincrático.

Naquele seminário, relatei a existência do arquivo pessoal do escritor e contei que todo o material havia sido doado à Unisinos. Lembrei das páginas de seus livros datilografadas e cheias de anotações periféricas, cheias de recados marginais, cheias de sinais de um processo construtivo, algo que é do livro, ou seja, faz parte da sua tessitura. Ao falar sobre essas questões algo também despertou na professora Luciane, que imediatamente falou:- Está aí o

² Aula inaugural de um curso, em que uma personalidade com representatividade em sua área de atuação é convidada para enviar uma mensagem aos alunos ingressantes: a aula magna do primeiro semestre letivo da Universidade Federal de Roraima terá como palestrante um líder indígena. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aula-magna/>

tema da tua Dissertação! Embora, ainda sem uma definição específica, sem delineamento ou problematização dele, o início de um estudo começava a se delimitar.

Ao discutir as motivações da doação dos arquivos de seu pai para a salvaguarda na universidade em questão, e as peculiaridades tanto de Clodomir, quanto de Vianna Moog, Ana Moog e a professora e pesquisadora Marcia Ivana-UFRGS- exibiam imagens selecionadas para a apresentação e a discussão sobre várias obras da produção literária de Vianna Moog, destacando *O rio imita o Reno*³, *Bandeirantes e Pioneiros*⁴, *Uma jangada para Ulisses*⁵, entre outras.

A filha do autor, tutora legal do arquivo até a doação para a universidade, dividia com os demais presentes, algumas singularidades sobre as cartas idas e vindas. Falo em cartas *idas e vindas* uma vez que é uma alusão a uma prática cultural daquela época, isto é, escrever cartas com cópia em papel carbono, o que permitia que o autor da carta, se assim o desejasse, conservasse consigo sempre uma cópia da carta que ele havia enviado. Sua relevância para Mckmmish está na capacidade que têm de fornecer indícios sobre as feições da vida dos indivíduos, mas antes de tudo porque falam sobre as relações e as interações entre o remetente e o destinatário (2018, p.249). Da mesma forma, partilhavam-se falas sobre os artigos publicados em jornais da época sobre as críticas literárias publicadas em jornais sobre seus romances, sobre as fotos e trechos de um caminho vivido por Clodomir Vianna Moog: escritor, político, advogado e funcionário público.

Compreender o arquivo pessoal de um escritor como Vianna Moog, implica em ampliar as percepções sobre determinados acontecimentos, por isso, destaco que os estudos em torno de arquivos pessoais como documentos históricos têm registro em meados de 1980. O que vale recordar que, no que tange a História da Cultura Escrita, a necessidade, primeiramente contábil de registrar a vida por meio da escrita remonta ao Antigo Egito. Conforme Perez Largaha (2002, p. 34), “[...] la escritura tuvo originalmente um carácter

³ Publicado em 1938, trata sobre a integração cultural de descendentes de alemães com brasileiros, numa cidade imaginária chamada Blumental, localizada na região do Vale Dos Sinos, provavelmente inspirada na cidade de Novo Hamburgo ou São Leopoldo. Teve fortíssimo impacto na época de seu lançamento, por abordar o racismo alemão contra os brasileiros, tema que cresceu enormemente de importância por conta da realidade histórica: o romance saiu poucas semanas antes de começar a II Grande Guerra, quando o governo de Hitler começou a pôr em prática sua política racista contra os não arianos. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/71012#>> =>. Acesso em 29 abr. 2019.

⁴ Primeira obra a comparar o processo de formação do Brasil e das nações da América do Norte. Escrito em 1954, o livro remonta a trajetória dos pioneiros paulistas que se aventuraram pelo sertão brasileiro no século XVI em busca de riquezas. Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/bandeirantes-e-pioneiros-paralelos-entre-dua-s-culturas-22-ed-3665501.html>>. Acesso em 29 abr. 2019.

⁵ O livro foi publicado em 1959 conta a história de Juvenal Maia, que graças a um boato bem plantado vê-se diante da tarefa de escrever uma biografia de um grande diplomata brasileiro, José Marcos de Andrade Ripol. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/257767/mais-gostaram>>. Acesso em 29 abr. 2019.

utilitário, la necesidad de conocer los recursos de que se disponía, pero también un componente ideológico”.

Herança da Mesopotâmia, os hieróglifos demonstram que a escrita possuía seu caráter visual por meio dos desenhos feitos em estátuas, monumentos públicos e tumbas. Eram um tipo de comunicação, ainda que naquele tempo apenas 1% da população local lia ou escrevia. Eram impressões artísticas e revelavam significados atribuídos culturalmente à escrita. Em específico, um arquivo pessoal de um escritor pode contribuir de maneira bastante relevante para a reflexão sobre vários aspectos e não somente sobre suas atividades profissionais, mas segundo Hobbs (2018, p. 262-263):

[...] também suas ideias, opiniões, preconceitos e reações emocionais com relação ao circuito literário, atividades de ensino, de publicação, participação em juris e exercício da crítica, além de toda a experiência do próprio ato de escrever.

Inegavelmente, conforme Alberti (2006, p. 159), é comum haver “mais registros pessoais - como cartas, autobiografias, diários etc., das práticas sociais de determinados grupos classes sociais”. Creio que esse fato não inviabiliza este estudo ou o torna menos relevante. No caso de um escritor como Vianna Moog, as suas funções diplomáticas e políticas ampliam o leque de possibilidades de seu arquivo, não pelo valor de seus cargos ou atividades, mas pela gama de indícios sobre os seus papéis sociais em uma determinada época da sociedade. Além do mais, pode revelar o desenrolar de uma produção literária, indicar o caminho percorrido por um autor de romances, por um autor de vários ensaios e, principalmente, a sua própria construção e desconstrução pessoal, seus dilemas, seus conflitos e suas evoluções que são comuns a muitos indivíduos.

Esta pesquisa tem como um dos aportes teóricos a História Cultural, que segundo Pesavento (2003, p. 15), “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. Ao produzir seus romances, ensaios, colunas jornalísticas e demais escritos, Vianna Moog estabelecia relações que eram intermediadas por suas experiências pessoais, profissionais e culturais. Apontamentos com identidade própria do escritor se repetem em mais de um arquivo e revelam um jeito singular de pensar e entender o mundo que transferia para as folhas, naquele momento, datilografadas na grande maioria, ou ainda escritas a próprio punho. Páginas preservadas em seu arquivo pessoal, outras histórias que precisam ser contadas.

Entender historicamente esse processo, analisar o arquivo do escritor, problematizar esses espaços está relacionado, justamente, ao fato de que os traços que cortaram trechos inteiros ou os recados marginais que demonstravam alusões a fatos históricos, a ocasiões sociais, são referências históricas e culturais que são pertinentes para muito mais que a literatura, dado que são traços de memórias, são produtos culturais, portanto, designam jeitos de ser, de pensar e de estar no mundo. Nesse entendimento, convém seguir os passos de Ângela de Castro Gomes (1998, p. 123) ao indicar o caminho e entender que a

[...] história cultural que, *grosso modo*, vai sendo proposta a partir desse longo esforço de reflexão e aprendizado, se quer distinta porque recusa fundamentalmente a "expulsão" do indivíduo da história, abandonando quaisquer modelos de corte estruturalista que não valorizem as vivências dos próprios atores históricos, postulados como sujeitos de suas ações.

Desse modo, os artefatos do arquivo de Vianna Moog podem fornecer subsídios importantes para algumas indagações acerca de um tempo e de um espaço, de um indivíduo em seu tempo. Índícios de uma época, os ajuntamentos pessoais são peças reunidas que formam um desenho, não estão intimamente ligados posto que são únicos, no entanto, aglomerados e seguindo uma lógica estruturante designam uma arquitetura maior, um mosaico. Nesse sentido, entendo a potencialidade de meu trabalho visto que, conforme Cunha (2017), há uma ação posterior ao acúmulo de arquivos que vai além da “esfera jurídica, profissional ou pessoal do seu titular, e seu uso é destinado à pesquisa realizada por terceiros”. Sim, *não basta guardar*, preservar porque é necessário problematizar esses documentos de memórias, esses trajetos percorridos pelos indivíduos.

Acredito não ser possível pensar especificamente um arquivo pessoal sem entender que individualmente possuem suas peculiaridades, mas que examinados e melhor compreendidos podem contribuir com muitas questões sobre tempos e espaços determinados, e são, pois, parte de um todo. Posso pensar que tais documentos são uma metonímia, ou seja, tomo o todo pela parte. Olho um arquivo particular para refletir sobre ele em si mesmo, na sua individualidade, mas também para pensar o global.

Em tempos de questionamentos de fatos históricos, os arquivos pessoais são fundamentais produtores de argumentos sólidos, e por consequência, podem fomentar uma discussão mais crítica na contemporaneidade sobre muitos temas políticos, sociais e culturais. O que me leva a recordar que no romance *o tempo entre costuras*, obra da escritora María Dueñas, há um trecho com o qual sempre relaciono minha pesquisa, visto que faz uma referência ao fato da personagem principal ter sido uma costureira que era também uma espiã

disfarçada na Segunda Guerra Mundial. A relevância de suas ações para a história que se desenvolveu, provavelmente não será discutida. Nesse sentido, Dueñas faz uma interessante constatação que reforça a crença nos arquivos pessoais a partir da narrativa da personagem principal:

Nossos destinos poderiam ser esses ou outros totalmente diferentes, porque o fim que levamos não ficou registrado em nenhum lugar. Talvez nem sequer tenhamos chegado a existir. Ou talvez sim, mas ninguém percebeu nossa presença. Afinal de contas, sempre estivemos por trás da história, ativamente invisíveis naquele tempo que vivemos entre costuras. (2017, p. 543).

Portanto, quanto mais pesquisas dotadas de historicidade forem realizadas pensando e problematizando sobre arquivos pessoais, mais subsídios terá a história. Assim, os arquivos pessoais são fontes documentais com muitas possibilidades para várias áreas do conhecimento acerca de indivíduos em seu tempo. Devido ao fato de serem traços de memórias individuais e coletivas, são suscetíveis para pesquisas porque podem produzir inúmeras elaborações. Para Ketelaar (2018, p. 197):

[...] toda vez que um criador, usuário ou arquivista interage com um documento, intervindo, interrogando e interpretando, esse documento é construído de maneira ativa. Cada ativação deixa marcas no documento ou em seu contexto, as quais constituem os atributos da significação ilimitada dos arquivos.

Por isso, o estudo proposto tem o objetivo geral de identificar as diferentes etapas que envolveram o processo de salvaguarda de documentos. De modo específico, o processo de constituição do arquivo Vianna Moog no Acervo do Memorial Jesuíta, localizado na Biblioteca Central da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Os objetivos específicos são descrever o processo de salvaguarda do arquivo pessoal de Vianna Moog desde a sua aquisição até a higienização, conservação e disponibilização para consulta no espaço institucional de uma universidade jesuíta. Analisar o arquivo pessoal do escritor Vianna Moog e sua potencialidade como documento histórico para as discussões referentes à História da Educação.

No segundo capítulo, apresento Clodomir Vianna Moog, contextualizando-o social e historicamente com as buscas que realizei nos bancos de dados, particularmente no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Enfoco algumas particularidades, mas principalmente, suas produções literárias. Artigo a breve biografia sobre o autor com a revisão bibliográfica que realizei para o estudo de acordo com os descritores escolhidos com alguns apontamentos sobre arquivos pessoais e, em específico, o arquivo Vianna Moog, atualmente sob a

salvaguarda da Universidade do Vale dos Sinos- Unisinos- no município de São Leopoldo/RS.

No terceiro capítulo articulo o referencial teórico metodológico que me permite compreender e problematizar os dados empíricos obtidos a partir do estudo proposto.

No quarto capítulo, problematizo a constituição do arquivo no Acervo do Memorial Jesuíta na Unisinos. Por meio dos relatos obtidos a partir de entrevistas realizadas com Isabel Arendt e Enildo de Moura Carvalho, faço algumas reflexões sobre o processo de salvaguarda do arquivo do escritor na universidade, pois foram pessoas que estiveram diretamente envolvidas nesse processo. Também agrego informações e dados relevantes que obtive a partir do questionário enviado as duas arquivistas responsáveis, inicialmente, pela seleção, exclusão e organização dos materiais do AVM no Memorial Jesuíta. Assim, retomo os objetivos iniciais do estudo e encaminho-me para as considerações finais obtidas por meio da pesquisa realizada.

2 SOBRE CLODOMIR VIANNA MOOG: O ARQUIVO DE UM INTÉRPRETE DO BRASIL

De resto, haverá nada mais perigoso para o equilíbrio emocional do que o indivíduo que romper pela vida acreditando na bondade virtual da natureza humana, para acabar defrontando situações em que esta bondade natural se converte em mito, burla e mentira, nos conflitos do ideal com a realidade? (Moog, 1957, p. 319)

O excerto utilizado para a epígrafe deste capítulo foi retirado do livro *Bandeirantes e Pioneiros paralelo entre duas culturas*, capítulo quatro intitulado *Sinais dos tempos* escrito por Vianna Moog. Esse exemplar, vale destacar, foi um presente recebido de um colega do grupo de pesquisa, Eduardo, que ganhou da professora Maria Helena Câmara Bastos. Mas por que contar isso? Importa? Sim, pois foi assim que chegou a mim esse artefato, essa é sua história, o que, pelo menos para mim, confere-lhe valor e status de preservação. Por isso, creio que seja oportuna a citação, por outro lado, se fôssemos analisar o excerto, teríamos que separar muitas páginas deste estudo, como esse não é o foco, limito-me à epígrafe.

Estamos em um momento em que democracia, censura e ditadura devem ser, mais do que nunca, discutidas. Situação em que a bondade e a maldade se defrontam na recorrente desigualdade de poderes. A fome e a miséria humanas são evidenciadas por redes sociais virtuais que aparentemente não usam do mínimo de bom senso e caráter. Outro motivo para usar o trecho escolhido como uma epígrafe deste capítulo, é que ao apresentar Moog, não quero idealizar meu objeto de pesquisa, muito menos demonizar. Assim, para esta etapa do estudo, creio que escolhi essa por ser uma citação de um livro escrito pelo produtor do arquivo que estudo. Quero apresentar ao leitor do meu trabalho um escritor que angariou mais de 70.000 itens que culminaram na criação de um arquivo de sua vida.

Para compreender a trajetória pessoal e profissional de Vianna, trabalhei com as bases de dados do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), bem como com o Repositório Digital da Biblioteca Unisinos (RDBU), em especial, o Banco de Teses e Dissertações da Capes no intuito de fazer uma articulação com os trabalhos que se tem produzido sobre o autor e sua trajetória pessoal, literária e política.

Optei por ler algumas pesquisas em específico, uma vez que tinham uma relação mais próxima com o meu trabalho, seja na referência explícita ao autor Vianna Moog e seus escritos e/ou alusivos a ele no que se refere à sua vida pessoal, ou sobre arquivos pessoais. Da mesma forma, o fiz com o Memorial Jesuíta, pois entendo sua relevância no que tange a sua

identificação como Acervo do Arquivo Vianna Moog. Assim, o primeiro movimento que realizei foi um processo de identificar pesquisas que já foram produzidas relacionadas à temática de minha investigação: Clodomir Vianna Moog e seu arquivo pessoal. Ao entender também a pertinência do apoio à pesquisa e à educação em nosso país, decidi montar um quadro⁶ com trabalhos do catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, mesmo que também tenha realizado a pesquisa em outros repositórios digitais e que os perceba como fundamentais.

Utilizei os descritores “Vianna Moog”; “arquivos pessoais”; “arquivo Vianna Moog”; “Memorial Jesuíta”. Ciente de que também tomei decisões as quais direcionaram a pesquisa para um determinado caminho, o que igualmente ocorreu com os bancos de dados por mim entendidos como importantes para o estudo que realizo.

Os trabalhos pesquisados nos bancos de dados serviram de base para algumas reflexões importantes, como no caso de Weber (2015), com a qual pude entender melhor as relações de Clodomir Vianna Moog com suas origens familiares sobre sua trajetória e também sobre as opções políticas do autor, algumas vezes contraditórias. Ao definir como um dos delimitadores o termo “Arquivo Vianna Moog”, também assumo os pressupostos teóricos que fazem a distinção entre acervo e arquivo⁷. Desse modo, o arquivo está inserido em um acervo, que pode conter mais de um arquivo. De maneira geral, arquivo designa os processos que envolvem a salvaguarda de documentos pessoais ou não, e ainda mais, produção, compilação, seleção, descarte, circulação apropriação e, ainda, a estrutura da materialidade documental.

O quadro, em anexo, evidencia a carência de trabalhos sobre arquivos pessoais, e em específico sobre o arquivo do escritor. O que observei é que existem estudos sobre os materiais salvaguardados como: livros, textos, ou fotografias, mas nada sobre o arquivo dele em particular. Ainda assim, conhecer melhor esse escritor é o objetivo principal desta etapa do estudo. É importante registrar alguns movimentos pessoais e acadêmicos que realizei ao aproximar-me da história de Clodomir Vianna Moog e seu arquivo pessoal. Moog nasceu e foi morador de São Leopoldo/RS. A sua infância e juventude desenvolveram-se pelas ruas da cidade, sua esposa também nasceu e foi moradora local. Ele estudou no colégio que até hoje funciona na rua Independência, popular Rua Grande- o Colégio Visconde de São Leopoldo.

⁶ Anexo B.

⁷ Os pressupostos teóricos que orientaram este estudo no sentido de discernir acervo de arquivo são orientados em particular pelos estudos realizados pelas pesquisadoras Letícia Nedel e Lucianna Heymann, entre outros.

O primeiro momento em que tive contato com o autor Vianna Moog foi em 1985, ano em que trabalhei na Tabacaria Central, em São Leopoldo/RS. Naquela época, alguns jornais vinham de outros estados e chegavam por correio. Na Tabacaria, algumas pessoas tinham uma assinatura mensal, outras encomendavam esporadicamente, caso de Clodomir Moog. Ele fazia reserva de alguns jornais somente quando estava em visita a São Leopoldo/RS: *Folha de São Paulo*, *O Estadão* e *Jornal do Brasil*. Lembro dele no balcão cumprimentando o meu antigo empregador: - Forneck! Em resposta: - Moog.

Eu estava com 16 anos de idade, e lembro que já gostava muito de literatura, talvez por isso Cândido tenha me dito que aquele senhor era um escritor leopoldense famoso. Mas o primeiro encontro com Moog limitou-se a esse momento. Fato era que nunca tinha sido tocada por seus livros ou por sua trajetória. Era um autor famoso, porém estranho para mim. Na verdade, ao participar de uma aula magna na Unisinos, durante a graduação em Letras na mesma universidade, na qual discutiam a crítica genética sobre sua obra, ou seja, uma análise sobre as suas escritas marginais foi que o interesse por ele aumentou significativamente.

O fato de ter conhecimento de que o Escritor tinha um arquivo pessoal preservado revelou-se intrigante. Por conseguinte, ao fazer a pesquisa sobre sua carreira literária, social e política, principalmente no espaço do Memorial Jesuíta, tornou-se cada vez mais interessante entendê-lo. Há lacunas que sei que não poderei preencher totalmente. Li suas cartas, seus recados marginais nas páginas dos livros que escreveu e que fez questão de preservar. Li boa parte dos recortes de jornais que falavam de seus livros, ou colunas que mostravam seu entendimento sobre determinados temas nacionais e internacionais, e ainda não tenho certeza de seus reais posicionamentos. Talvez porque esteja claro para mim, assim como para Bosi (1994, p. 38) que “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”. Compromisso que exige criticidade e empatia com o objeto de estudo, compromisso que onera um estado de vigilância permanente.

Por meio, principalmente, dos trabalhos que li, inicialmente, pude compreender alguns aspectos da trajetória pessoal, acadêmica e profissional do escritor. Vianna nasceu em 1906 e faleceu em 1988 em consequência de uma parada cardíaca, após passar por um procedimento cirúrgico. Foi um intelectual, escritor, jornalista, político e advogado. Esposo de Frigga Câmara Moog e pai de Ana Maria Rodrigues, Gilberto e Geraldo Moog.

Os dados biográficos do autor foram levantados por meio de pesquisas que dissertavam sobre sua vida pessoal e profissional. Segundo Weber (2015, p. 63), a morte da mãe, Maria da Glória Moog, professora e diretora da escola onde estudou quando criança, influenciou de maneira decisiva na trajetória do escritor. Com apenas oito anos de idade, a

rejeição da família paterna ao casamento do pai com Maria da Gloria e o posterior envio a um colégio interno reforçaram a aversão aos Moog. Passar mais tempo com a família paterna serviu para aumentar os conflitos entre o que entendia importante na educação recebida pela mãe e os traços da cultura germânica originários da família do avô Marcos Moog.

Em 1917, foi interno do Instituto São José, da rede Lassalista, em Canoas e no mesmo ano aluno do Colégio São Jacó, escola Marista. Clodomir Moog concluiu os exames preparatórios no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre⁸. À época de ingressar no serviço militar, Moog não conseguiu alistar-se na Escola Militar em Realengo/RJ, como era seu plano inicial, porque não houve vestibular naquele ano. Então, voltou ao Rio Grande do Sul e iniciou a faculdade de Direito. Com essa titulação assumiu em 1926 na cidade de Santa Cruz, por dois anos, o concurso público de Agente Fiscal de Imposto de Consumo. Em 1930, casou-se com Frigga Camara e se formou em Direito. Colou grau pela Universidade Livre de Direito de Porto Alegre, bacharel e orador da turma. Viveu em um momento em que ocorreram fatos históricos que repercutem até a atualidade, desde a obrigatoriedade para o sexo masculino do alistamento militar, até a Semana de Arte Moderna⁹ em 1922.

Figura 1: Vianna Moog - 1927 e 1972.



Fonte: Memorial Jesuíta – Arquivo Vianna Moog, 2017.

⁸ Escola estadual onde estudaram políticos como Leonel Brizzola, e Antônio Britto, ex governadores gaúchos, também Luciana Genro, deputada rio-grandense. Escritores como Tatata Pimentel, Dante de Laytano e Joaquim José Felizardo frequentaram a instituição pública de ensino Júlio de Castilhos que, inicialmente, foi construída para ser uma escola de engenharia e que por determinado período teve um público na maioria masculina, no entanto, concomitantemente lá estiveram meninas, que mais tarde tornaram-se professoras na mesma escola como Pepita Leão que lecionava leitura, contabilidade, geografia, ditado e caligrafia.

⁹ A Semana, realizada entre 11 e 18 de fevereiro de 1922, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliaram por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com este propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Embora tenha sido alvo de muitas críticas, a Semana de Arte Moderna só foi adquirir sua real importância ao inserir suas ideias ao longo do tempo. O movimento modernista continuou a expandir-se por divulgações através da Revista Antropofágica e da Revista Klaxon, e também pelos seguintes movimentos: Movimento Pau-Brasil, Grupo da Anta, Verde-Amarelismo e pelo Movimento Antropofágico. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/artesliteratura/semana22/>.

A figura 1 mostra o escritor em momentos e temporalidades distintos. A primeira fotografia datada no ano de 1927, feita para presentear sua futura esposa, Frigga Câmara, costume entre namorados naquela época, não tão diferente da atualidade, que é focada em imagens difundidas virtualmente por meio das redes sociais, mudou o suporte, mas a prática continua. Tecnicamente, avançamos bastante no quesito registros visuais na história da humanidade, porém, segundo Fox (2017, p. 222):

Uma diferença está no fato de podermos alterar a imagem de modo a eliminar dela marcas e componentes, um detalhe que revela os interessantes desafios que a fotografia sempre trouxe ao universo dos registros humanos por ser uma arte ao mesmo tempo poderosa e potencialmente enganadora e manipuladora.

A segunda, do ano de 1972, registra a visita do escritor brasileiro à Sociedade Portuguesa de Escritores (1972). As relações do autor com Portugal evidenciaram contatos, trocas e produções importantes como o livro *Eça de Queirós e o Século XIX*, sobre o qual Tolomi (2007) aponta que Vianna Moog fora um dos principais críticos de Eça de Queirós.

Por “sua iniciativa e visão interpretativa dos fatos da vida de Eça, renovou, em 1938, o método crítico utilizado por seus antecessores” (WEBER, 2015, p. 82), num caminho diferente do tomado por seus contemporâneos com relação a escrita biográfica. A pesquisa realizada por Moog para escrever seus textos, apoiando-se em fotografias, cartas, relatos de amigos, contribuições de seus pares registradas por meio de bilhetes e críticas feitas em colunas de jornais, preservadas, mostra uma compreensão de documentação pessoal como fonte de pesquisa já anterior à constituição efetiva do seu próprio arquivo.

Para a construção do romance que traria algumas questões importantes sobre a vida pessoal de Eça de Queirós, o autor afirmava ter fotografias que sustentariam algumas inspirações literárias para a escrita do romance *Eça de Queiros e o Século XIX*. Portanto, ele próprio já era, assim, como eu, um pesquisador em arquivos pessoais e mostrava indícios de que sabia da importância da salvaguarda de documentos pessoais para a produção de conhecimento.

Naquele mesmo período, havia uma intelectualidade que produzia literatura voltada às questões do país Brasil. O intuito era entender a gênese e a essência dos brasileiros, em verdade, direta ou indiretamente contribuía com o processo de Nacionalização¹⁰. Alguns

¹⁰ A **Campanha de Nacionalização** foi instituída dentro do Estado Novo no governo de Getúlio Vargas, entre os anos de 1937-1945. A proposta principal era construir um país patriota, valorizando a cultura brasileira. O conjunto de medidas criadas por Vargas na Campanha de Nacionalização eram baseados em ações que

compreendiam que a miscigenação não era o problema, mas a possibilidade de absorver uma formação multicultural. Atributos agregados devido às influências de índios, negros, portugueses, espanhóis e alemães. Essa característica legava ao país uma vasta gama de predicados, os quais o tornavam único e digno de ser olhado de acordo com as suas especificidades. Assim, Clodomir Vianna Moog, em 1930, escreve em colunas de jornais textos sobre alguns movimentos políticos do cenário brasileiro. Segundo Santos (2017, p. 2):

O final da década de 1930 e o princípio dos anos 1940 foram marcados pela publicação de uma série de obras abordando a questão da presença de imigrantes e descendentes em terras brasileiras, sobretudo no Sul do país. Algumas tinham um caráter mais político-pedagógico ou se atribuíam o caráter denunciativo.

Outros entendiam como um dos motivos do “atraso brasileiro” em comparação a outros países, no caso, Estados Unidos, naquela época, não tão distante, eleito como modelo de país avançado. A própria ideia de “atraso” pode também ser discutida como uma fabricação, visto que para tal se estabelece um padrão de ideal, de modelo de país a ser copiado. Se pensarmos que para comparar elementos eles devem ter a premissa da igualdade e assim pensarmos a diferença, o debate se amplia ainda mais, bem como podemos refletir sobre a concepção de país avançado, ou país de primeiro mundo e tantas outras “criações”.

Moog, em 1932, é mandado para Manaus, Teresina, Piauí, porque era participante da Revolução Constitucionalista, nesse período, sua afinidade com a literatura se aprimorou e escreveu seu primeiro livro *Heróis da Decadência*, estudos numa versão humorística das obras de Miguel de Cervantes, Petronio e Machado de Assis, foram dois anos produtivos.

Nessa temporada de exílio em outra região brasileira, sua esposa o acompanhou. Com o apoio de pessoas influentes, como América Vargas, antiga vizinha no Magestic e esposa do irmão do presidente Getúlio Vargas, senhor Protásio, além de Luzardo embaixador do Uruguai, ela conseguiu embarcar para acompanhá-lo. Os dois moraram em um quarto de pensão bem diferente do que moravam no Hotel Magestic, Porto Alegre. Logo após casarem-se, principalmente por causa da temperatura da região. Nesse mesmo Hotel, atualmente Casa de Cultura Mário Quintana, Enildo de Moura Carvalho conversou mais tarde comigo sobre Vianna Moog.

De volta ao Rio Grande de Sul, pois recebera anistia do próprio governo que o exilara, em 1934, residiu em Venâncio Aires e trabalhou como um Fiscal do Imposto. Mais tarde,

ocorreram no cenário mundial sobre governos autoritários e patriotas, os casos mais significativos o nazismo na Alemanha de Hitler e o fascismo da Itália de Mussolini.

torna-se diretor do jornal *Folha da Tarde* e fixa residência na rua Esperança. Nasceu a filha mais velha do casal, Ana Maria Moog, e, posteriormente, Geraldo e Gilberto. Os passeios da família eram mais curtos, limitavam-se à ida de Porto Alegre a São Leopoldo. Porém, foi nessa época também que conheceram o Rio de Janeiro, cidade na qual residiram até a velhice. *Novas Cartas Persas* era uma de suas produções do momento na qual fazia uma sátira da situação político-social do país.

Em 1942, Vianna Moog passou oito meses nos Estados Unidos. A sua esposa, posteriormente, o acompanhou e deixou os filhos com a tia, irmã de Frigga. Era um momento especialmente complicado para viagens ao exterior. No mesmo ano, o escritor pronunciou, a convite da Casa do Estudante do Brasil, no Itamaraty a conferência *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*, nela versou sobre a literatura nacional numa perspectiva de ilhas culturais autônomas, devido à suas especificidades, tanto geográficas, quanto históricas e sociais, porém, interligadas por um sistema comparável a um arquipélago.

Como referido anteriormente, o texto foi escrito para a conferência na Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, a convite do Departamento Cultural da Casa do estudante do Brasil, contudo, mais tarde Moog o publica como ensaio¹¹. O ensaio era um dos gêneros textuais em que o autor destacou-se, em verdade, a maioria dos escritores brasileiros do período constitui-se na produção de ensaios sobre temas nacionais, nos quais questionavam, ou reforçavam conjecturas políticas, ou sociais e também salientavam e debatiam as produções de outros colegas escritores. Acerca desse tema, Rodrigues (2009) propõe uma discussão em torno da história da literatura brasileira ao interpretar a análise feita por Moog, que entende que ao se falar sobre literatura do Brasil a que se ter o olhar voltado para um país literariamente composto por ilhas culturais. Nesse sentido, a diversidade étnica, cultural e geográfica brasileira evidencia um aspecto peculiar à formação literária no Brasil e o denota como um arquipélago de sete ilhas, *autônomas e diferenciadas* (Moog, 1983). Seriam elas a ilha da Amazônia, do Nordeste, da Bahia, de Minas Gerais, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro que compõem um arquipélago que extrapola conceitos e padrões literários e cronológicos para a definição de literatura.

Reconhecido e projetado tanto dentro do país quanto fora dele, Vianna Moog conquistou o prêmio Graça Aranha pela escrita do romance *O Rio Imita o Reno*, páginas que

¹¹ Ensaio: Ao contrário do estudo, o ensaio não é investigativo, podendo ser impressionista ou opinativo. É um texto breve, situado entre o poético e o didático, contendo ideias, críticas e reflexões sobre diferentes temas. Disponível em:
<https://www.google.com/search?q=ensaio+significado+liter%C3%A1rio&oq=ensaio+significado+liter%C3%A1rio+&aqs=chrome..69i57j0l3.12901j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

discorriam sobre a questão da imigração alemã no Brasil e o preconceito étnico racial no momento em que se descortinava a Segunda Guerra Mundial. Vianna Moog foi percebido como escritor, como político e como jornalista no cenário brasileiro como figura pública e, de certa maneira, influente e emblemática. Em viagem aos Estados Unidos, por pouco mais de oito meses, escreveu artigos em periódicos e em revistas locais e atuou na delegacia do tesouro em Nova York.

Em 1945, tornou-se o terceiro ocupante da quarta cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Morou em Nova York por mais de quatro anos representando o Brasil quando atuava na Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas. Em 1952, participou do Conselho Internacional Cultural, e por mais de dez anos, no México, atuando como representante eleito para a Comissão de Ação Cultural, OEA, foi presidente da Comissão Social das Nações Unidas em 1961. Em 1963, o seu intuito era ser eleito para o Conselho Superior do Instituto Internacional de pesquisa para o Desenvolvimento Social, Genebra. Aposentou-se em 1969 como servidor público, no cargo conhecido como Fiscal do Imposto de Consumo. No mesmo ano em que renunciou ao cargo de conselheiro da OEA.

2.1 ACERCA DE VIANNA: SUAS PRODUÇÕES ESCRITAS E SEU ARQUIVO PESSOAL NA UNIVERSIDADE

No ano de 2006, aconteceu um fato que indiretamente, contribuiu para que eu chegasse ao estudo proposto. Enildo de Moura Carvalho, acadêmico do Programa de Pós Graduação em História da Unisnos realizou à época, um estudo comparativo das obras de Erico Veríssimo e Vianna Moog, e não somente pensou a criação literária, mas também as trajetórias pessoais e públicas dos dois escritores brasileiros. O livro que foi produto de sua dissertação de Mestrado realizada em 2007- *Estados Unidos: espelho do Brasil em Érico Veríssimo e Vianna Moog* evidencia uma análise criteriosa e crítica de obras dos dois escritores.

No livro que o consagrou no estilo ensaísta, *Bandeirantes e pioneiros, um paralelo entre duas culturas*, 1954, Moog alerta que Brasil e Estados Unidos não eram comparáveis devido as suas diferenças étnicas e culturais, geográficas, hidrográficas e religiosas, além da questão da colonização portuguesa e espanhola, indiscutivelmente, distinta da colonização norte-americana. O que pode ser problematizado é que o autor discute a comparação, mas reforça a discriminação entre os dois países ao reafirmar as ideias de avançado e atrasado, mesmo assim, o livro é um marco da literatura do período. Carvalho (2007) aponta que nessa

obra, Moog discutia que embora o Brasil tivesse sido colonizado quase cem anos antes dos EUA sua modernização ocorrera tardiamente.

No caso em específico de Moog, um dos aspectos observados é a questão da imigração e a memória do imigrante europeu. Essa constituição identitária que se apoia num imaginário coletivo, numa memória que é social é um dos quesitos fundamentais dessa formação, segundo as análises feitas da obra de Moog. Segundo Carvalho (2007, p. 63):

O olhar de Vianna Moog perante à aproximação e o distanciamento do imigrante em relação ao passado europeu também pode ser abordado pela lente da memória social, na media em que esta memória se forma na afirmação do esquecimento: Memória e esquecimento.

Conforme Enildo, essa relação com o passado propicia um distanciamento significativo entre as duas culturas, a saber, brasileira e norte-americana, a partir da comparação. Para Vianna Moog, o norte americano entende que o esquecimento de alguns equívocos humanos na Idade Média é benéfico à construção cultural, ao passo que reforçar a tradição católica permitia aos portugueses estabelecer algumas premissas para a problematização de uma identidade. “Na ótica da memória e da História, a relação entre Brasil e Estados Unidos revela o estatuto político da História articulado segundo preposições previamente estabelecidas” (CARVALHO, 2007, p. 65), a tradição e a modernidade para compreender as formações culturais. Assim, “a discussão comparativa de Moog e Veríssimo também analisa o significado das relações sociais e do nacionalismo diante da compatibilidade calvinista e católica” (p. 66), o que demonstra o inegável caráter religioso dessas construções.

Atributos étnicos, religiosos, geográficos e até fluviais são analisados comparativamente entre as duas culturas pelos autores, no entanto, afirmar que “não há fronteiras raciais de maior relevância” Carvalho (2007, p. 66) na formação brasileira, diferentemente da norte-americana é, no mínimo, arriscado dada a atual situação política do país. Discorre sobre Vianna Moog e suas atividades sociais e culturais e percebe uma prática constante de redes de sociabilidades, nas quais é possível compreender as negociações e as trocas de favores entre políticos e escritores. São vestígios que podem ser percebidos em seus arquivos salvaguardados. Segundo Enildo (2007, p. 102):

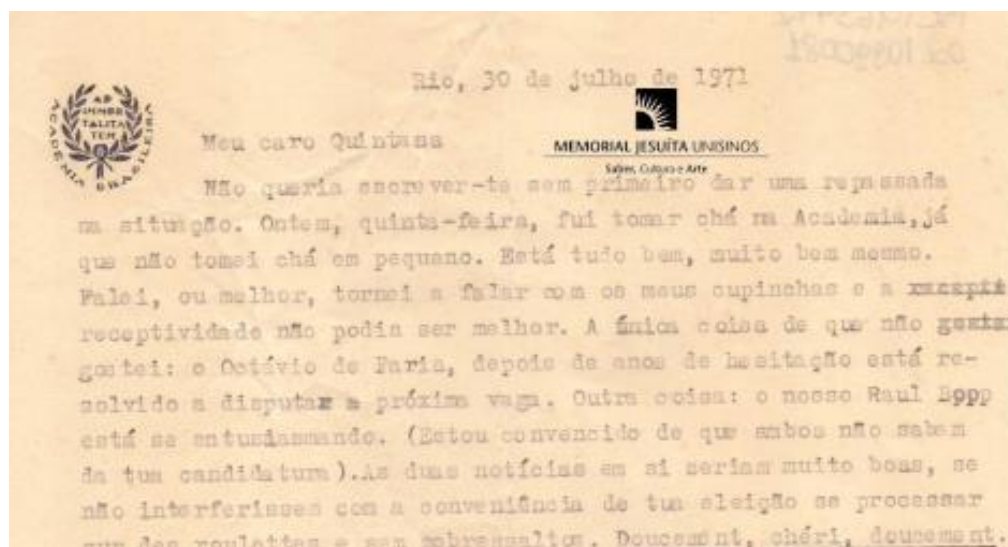
No relacionamento com integrantes de sua geração, o autor buscou não somente legitimar seus escritos, suas ações, mas, ao mesmo tempo, produziu

registros reais, caso dos textos, manuscritos, cartas, como legitimação de juízos de valores, de opiniões.

Ou seja, as relações com outros autores de sua época, legitimavam sua produção, além disso, guardar essas referências às suas produções, de certa forma, era uma troca, uma aprovação necessária entre os escritores, uma espécie de cultura entre pares, um respaldo literário. As cartas produzidas com cópia de papel carbono que evidenciam trocas de favores tanto no âmbito pessoal quanto no âmbito público, estão preservadas e mostram relações de cordialidade entre o presidente Getúlio Vargas e Vianna Moog. Além de nomes como Anísio Teixeira e tantos outros do circuito nacional e internacional de escritores e figuras públicas.

A figura 2 mostra um trecho que uma das cartas trocadas entre Vianna Moog e Mário Quintana, dois escritores gaúchos amigos e antigos vizinhos, pois os dois residiram no Hotel Magestic, na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

Figura 2: Carta enviada a Mario Quintana – 1971.



Fonte: Memorial Jesuíta Unisinos – Arquivo Vianna Moog, 2017.

Embora na figura dois não esteja visível, por meio da transcrição é possível compreender melhor alguns aspectos da missiva.

Rio, 30 de junho de 1971.

Meu caro Quintana

Não queria escrever-te sem primeiro dar uma repassada na situação. Ontem, quinta-feira, fui tomar chá na academia, já que não tomei chá em pequeno. Está tudo bem, bem meso. Falei, ou melhor, tornei a falar com os meus cupinchas e a receptividade não podia ser melhor. A única coisa de que não gostei: o Osévio de Faria, depois de anos de hesitação está resolvido a disputar a próxima vaga. Outra coisa: o nosso Raul Bopp está se entusiasmando. (Estou convencido de que ambos não sabem da tua candidatura). As duas notícias em si seriam muito boas, se não interferissem com a conveniência de tua eleição se processar sur des roulettes e sem sobresaltos. Doucement, chéri, doucement.

coisa que não xxx gostei: Octávio de Faria, depois de anos de hesitação está resolvido a disputar a próxima vaga. Outra coisa: o nosso Raul Bopp está se entusiasmando. (Estou convencido de que ambos não sabem da tua candidatura). As duas notícias eu sei que seriam muito boas, se não interferissem com a conveniência de tua eleição se processar sur des roulettes e sem sobressaltos. Doucemnet, chéri, douchement.

Uma coisa em todo caso é certa: no dia em que te inscreveres no pário, a turma vai ter que abrir alas e deixar o Flamengo passar, inclusive o Octavio de Faria, que é Fluminense doente. Para encurtar a história, a tática(ou a estratégia? Até hoje não consigo distinguir uma da outra) a seguir, salvo melhor juízo, deve ser a seguinte: se o Octavio fôr xx candidato, negociar com os partidários dêle no sentido de estabelecer uma ordem de prioridade, seja a teu favor, seja a favor dele, conforme as circunstâncias e balanços de última hora, etc., etc. Se o Octávio não for candidato ou arredar o cavalo para passares, será barbada: tua poule não dará nem o mesmo dinheiro. Mas que estás aí estás acadêmico, na primeira, na segunda ou na terceira vaga: no primeiro, no segundo, no terceiro ou quarto escrutínio, estás. Não deixo o caso por menos. O que é preciso é ficar atento e manobrar. E por hoje é só.

*Um abraço para ti. Outro para o Breno.
Do velho Moog.*

Na carta enviada ao amigo, é importante destacar que o timbre no papel é o símbolo da ABL, e a candidatura de Mário Quintana à Academia Brasileira de Letras é o assunto central. Na verdade, é a decisão de concorrer ou não que está em jogo. Nesse sentido, Moog mostra-se aberto a especular por Quintana, mas o que ouvira em conversas, ou melhor, nas horas de *tomar chá na Academia*, é que Octávio de Faria estaria disposto a concorrer, o que abalaria os planos dos dois amigos.

Ele alerta para as qualidades do amigo e diz que tudo é uma questão de estabelecer uma boa *tática*. O trecho transcrito evidencia o papel de Moog nas negociações para que seu amigo Mário Quintana ocupasse uma cadeira na Academia, mas também demonstra os traços que parecem peculiaridades de Vianna como a habilidade de manejo social. A parte inicial da carta pode ser vista pela figura 2. Memorial Jesuíta/AVM (2017, caixa 25):

Para encurtar a história, a tática (ou estratégia, até hoje não consigo distinguir uma da outra) a seguir, salvo melhor juízo, deve ser a seguinte: se o Octávio for candidato, negociar com os partidários dêle, no sentido de estabelecer uma ordem de prioridade, seja a teu favor, seja a favor dêle, conforme as circunstâncias e balaços de última hora, et., etc. Se o Octavio não for candidato, ou arredar o cavalo para passares será barbada: tua *poule* não dará nem mesmo o dinheiro [...] Velho Moog.

Pelo que consta na história da Academia Brasileira de Letras, Otavio de Faria foi eleito em 1971 para ocupar a posição cinco da cadeira 27. No site¹² da ABL, há o seguinte registro sobre Mário Quintana:

¹² Disponível em: <http://www.academia.org.br/artigos/sobre-o-passarinho-mario-quintana>.

No correr da sua história, a ABL viu-se obrigada a escolher, em determinadas eleições, entre grandes figuras da literatura brasileira. Mario Quintana concorreu em três ocasiões à ABL nos anos 80, mas as razões eleitorais da Instituição não lhe permitiram alcançar os vinte votos necessários para ter direito a uma poltrona.

O arquivo privado do escritor Vianna Moog pode fornecer subsídios para várias discussões acerca dessas relações de cordialidade ou não entre escritores ou políticos. De relações de poder, de relações que estabeleciam parcerias na escrita e na vida, também é possível pensar sobre muitas trajetórias de escritores gaúchos, nordestinos, paulistas etc., enfim, escritores brasileiros, além dos intercâmbios entre Vianna Moog e o Uruguai como Aya de La Torre, dentre outros. Carvalho sinaliza que,

Se, por um lado, a compilação de ideias produzidas pelo autor em sua trajetória intelectual e conversações com autores contemporâneos permitiu-lhe produzir boa parte de seus romances e ensaios, por outro lado, garantiu a produção do acervo literário pessoal. Vianna Moog não só produziu, como preservou um legado de milhares de documentos mantidos inéditos por ele e posteriormente pela família. (2011, p. 20).

Vianna Moog entre vida privada, viagens internacionais e nacionais e escrita de seus livros percebe um Brasil em que se iniciavam os primeiros cursos de Ciências Sociais na cidade de São Paulo, na USP- Universidade de São Paulo. Havia uma efervescência na criação de faculdades de Sociologia, Filosofia e Letras no país, e no Rio de Janeiro inicia-se o curso de Sociologia. Até então, a maioria dos cursos era de Engenharia e de Direito. Nesse momento, reflito sobre a atualidade, e indago os posicionamentos do atual governo brasileiro, o qual dirige suas ações na perspectiva de que não há necessidade de disciplinas como Sociologia e Filosofia nas escolas e questiono o quanto maléfico isso pode ser. No mínimo, um retrocesso, portanto, pensar arquivos pessoais, mais especificamente o Arquivo Vianna Moog, é sim produtivo e necessário.

Alguns entendimentos sobre Moog são bastante instigantes, as discussões em torno de alguns de seus posicionamentos são variadas, mas não frequentes. Há poucos trabalhos sobre o escritor e sua trajetória profissional e literária. Alguns pontos mais complicados na argumentação podem ser fundamentados pelos seus parentescos. Tendo em vista que seu irmão foi um coronel do exército em um período de Ditadura Militar, Olavo Moog, não que esse fato defina suas convicções e ideias, mas abre pressupostos para certas suposições sobre alguns acontecimentos em sua vida. O silenciamento, no sentido de não se colocar, se

posicionar de Moog durante o período de ditadura militar no Brasil, é apontado, algumas vezes, como causa do declínio do seu prestígio. Também o fato dele ter pretendido ser militar na juventude, quanto a isso não há indícios em seu arquivo que apontem a preferência, bem pelo contrário, há sim uma vasta gama de documentos que indicam suas relações com muitos escritores e políticos. Seu arquivo está preservado na sessão Coleções Especiais do Memorial Jesuíta que foi fundado em 2008.

Recepcionadas por Enildo de Moura Carvalho, quando chegaram ao pátio da transportadora contratada para fazer o traslado do Rio de Janeiro para Porto Alegre/RS, as 13 caixas, vindas da casa da filha de Vianna Moog, em Petrópolis- Rio de Janeiro- continham uma série de materiais bastante diversificados. E foram imediatamente encaminhadas para a universidade de destino- Unisinos, pelo próprio pesquisador. Portanto, saíram do sótão na cidade de Petrópolis/RJ e foram para o subsolo da Biblioteca da Unisinos/SL.

A biblioteca do escritor chegou em outro momento, totalizava em torno cinco mil títulos de livros que pertenceram à biblioteca particular do escritor gentílico leopoldense, vulgo *capilé* de São Leopoldo/RS. Alguns artefatos do escritor foram doados ao museu Histórico Visconde de São Leopoldo, localizado na cidade de São Leopoldo/RS. Lá existem outros arquivos de pessoas como o irmão de Moog, Olavo Moog. Conforme o curador do museu, a grande maioria dos materiais foi doada para a universidade pela capacidade de armazenamento e preservação dos documentos que a instituição possuía.

Em se tratando de documentação privada com acesso público preservada em instituições educativas, Molina observa que (2013, p. 34) “Se a discussão geral sobre patrimônio documental é recente e as ações de patrimonialização de acervos arquivísticos, no geral ainda pouco frequentes, quando se trata de arquivos privados essas tendências se acentuam”.

Sobre o tema, Molina (2013) contribui ampliando algumas percepções e propondo um olhar mais atento a uma área que tende a se expandir com as recentes pesquisas. Além do mais, defende e amplia a necessidade de investimento e olhares que se atenham às especificidades dos arquivos privados. A que se entender que mesmo preservados e disponibilizados por instituições, os arquivos privados requerem manter sua identidade como tal.

Entre recortes de colunas de jornais, cartas, contratos com editores, com livrarias, páginas e páginas de seus livros, Vianna Moog perdura no tempo, mas um tempo que é distinto daquele em que acumulou seus indícios no passado para o futuro e igualmente diferente do presente no qual investigo seus vestígios. Refiro-me a essa perpetuação no tempo

que não é linear e que afeta o olhar de quem preservou e de quem olha na atualidade. Da mesma forma que moveu a reorganização dos materiais do âmbito privado para o institucional, no que se refere à ação que o profissional arquivista exerce sobre os documentos salvaguardados numa instituição de ensino como uma universidade privada jesuíta, no caso, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos.

Há um crescente interesse pelos arquivos privados paralelamente aos novos interesses da historiografia nas perspectivas de fontes distintas. Especificamente, no caso de Vianna, seu arquivo pessoal foi adquirido por uma instituição de ensino superior privada, a qual tinha constituído, inicialmente, um espaço reservado para preservar a documentação e artefatos da história da Companhia de Jesus¹³, a saber, o Memorial Jesuíta.

Nesse momento, tento articular o percurso do escritor à história da Universidade do Vale dos Sinos, local onde estão preservados os documentos na atualidade. Em específico, é o local onde está preservado o Arquivo Vianna Moog, A Unisinos¹⁴ é uma instituição de educação superior de direito privado e de natureza comunitária e confessional que é mantida pela Associação Antônio Vieira.

A trajetória da instituição remonta ao século XIX, com a chegada dos imigrantes alemães à região. A partir desse momento começam a vir para o Brasil jesuítas que iniciavam suas atividades, o que implicava em lugares para desenvolver a educação jesuíta no país, como a abertura de escolas para formação do clero e de outros jesuítas. A formação de professores e de indivíduos da comunidade ocorreu subsequentemente na região Sul do Brasil.

O campus da Universidade está localizado na cidade de São Leopoldo/RS, há também outro em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Essas cidades foram impactadas pela educação jesuíta no estado. A universidade Unisinos desenvolve projetos e atividades com a comunidade local, tanto em sua sede antiga, quanto no atual campus.

Para facilitar a compreensão da trajetória da instituição, elaborei o quadro 1 com dados obtidos por meio de um vídeo¹⁵ produzido para divulgação do Memorial Jesuíta. E evidencia em ordem cronológica os eventos que compõem o percurso histórico da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS- e que também culminaram na criação do Memorial Jesuíta.

¹³ A história da Companhia de Jesus no Brasil teve início com a chegada dos jesuítas em 1549 à Bahia, que fundaram um colégio e iniciaram a catequese dos índios que aqui viviam, em 1534. Fundador Santo Inácio de Loyola, uma ordem religiosa católica, com sede em Borgo Santo Spirito/Roma e aprovada em 1540. Posteriormente, já na segunda metade do século XVIII, seriam expulsos de Portugal e de suas colônias pelo Marquês de Pombal.

¹⁴ A UNISINOS foi criada pela Associação Antônio Vieira, em 17 de maio de 1969; autorizada pelo Decreto-Lei n.º 722, de 31 de julho de 1969 (D.O.U de 1.º de agosto de 1969) e reconhecida pela Portaria Ministerial n.º 423, de 21 de novembro de 1983 (D.O.U. de 22 de novembro de 1983).

¹⁵ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B0f2uMNsI7c>>.

Quadro 1: Linha do tempo: história da atuação dos jesuítas na região Sul até o memorial.

Ano	Evento Histórico
1824	Chegam os primeiros imigrantes alemães ao Vale do Rio dos Sinos
1849	Chegam ao RGS os três primeiros jesuítas de língua alemã: Pe. Agostinho Lipinsky, Irmãos João Sedlach e Irmão Antônio Sonntag
1869	Fundação do Colégio Nossa senhora da Conceição de São Leopoldo. O internato serviu para formação do clero da região e para trazer professores às comunidades
1877	Colégio Conceição: atendendo a pedido passa a educar a comunidade em geral em nível de formação média
1890	Colégio Conceição ganha status de Escola Padrão no Estado, equivalendo-se ao Colégio Dom Pedro do Rio de Janeiro
A partir de 1900	Alguns dos alunos ilustres: Oswaldo Aranha, Clóvis Pestana, João Neves da Fontana, General Amaury Kuel e Barão de Itararé
Meados de 1910	Desativado o Colégio Conceição que é incorporado pelo Colégio Anchieta
1913	Fundação do Seminário Central de São Leopoldo (antigo Colégio Conceição) exclusivo para formação do clero
1937	Fundação do Colégio Santo Inácio de Loyola em Salvador do Sul
1942	Fundação do Colégio Cristo Rei, na época, exclusivo para jesuítas
1953	Oficializada a faculdade de Filosofia só para jesuítas
1958	Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras foram abertas ao público. Curso de Filosofia, Pedagogia, Letras e História Natural
1969	Oficialização da Unisinos
1974	Início da Construção do Campus da Unisinos. Primeiros cursos
1982	Mudança completa para o novo campus
1987	Criado o primeiro Mestrado na Unisinos: História
1999	Criado o Doutorado em História da Unisinos
2000	Primeiras coleções de obras raras e especiais chegam à Unisinos
2008	Fundação do Memorial Jesuíta
2012	O acervo do Memorial Jesuíta é aberto ao público

Fonte: Elaborado pela autora (2020) com base no vídeo¹⁶ institucional.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0f2uMNsI7c>

O quadro 1 mostra a linha do tempo montada a partir de um vídeo divulgado pela instituição via internet, da história da atuação dos jesuítas na região, e evidência a constante propagação de escolas e espaços da educação jesuítica na região sul do Brasil.

A instituição educativa possui, na cidade de São Leopoldo/RS, uma considerável biblioteca construída num espaço de mais de 227,38 m². Possui um acervo de mais de 750 mil títulos disponibilizados para consulta dos alunos, professores e demais interessados. Há também, uma série de mapas históricos e geográficos que totalizam 1693 itens. Tem um catálogo digital com o software de gestão, PERGAMUM, disponibilizado via Internet. As normas de organização do acervo são regidas pelo Programa Nacional de Comutação Bibliográfica – COMUT, com o apoio do Ministério da educação e Cultura – MEC. Possui ambientes climatizados e estrutura adequada para a exposição e preservação de seu acervo literário e documental. Concorre e realiza projetos para viabilizar a angariação, conservação e cedência para pesquisa de seus fundos arquivísticos com o apoio de incentivos financeiros privados e públicos.

O Memorial Jesuíta pertence à Associação Antônio Vieira, mantenedora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos¹⁷. Foi projetado e idealizado, inicialmente, com a prerrogativa de preservar e disponibilizar para pesquisas os documentos alusivos à memória e à história da atuação dos jesuítas da Companhia de Jesus, na América Latina. Assim, abriga um acervo com obras raras com mais de 26 mil títulos editados entre os séculos XV e XX. São textos dos quais muitas vezes, não é possível saber a procedência, boa parte chegou ao Brasil na bagagem de alguns jesuítas que vieram da Alemanha para o Sul do país há mais de 150 anos, por volta de 1824. São coleções vindas da Europa, América e Ásia, em latim, alemão, italiano, francês, espanhol e português. Além do arquivo de obras raras existem os livros e materiais didáticos do antigo Colégio Máximo Cristo Rei¹⁸, de São Leopoldo, do

¹⁷ Para saber mais, acerca do tema sugere-se o link com mais informações. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362016000501485&lng=pt&nrm=iso&tlng=p

>.
¹⁸ As atividades no Colégio Máximo Cristo Rei começaram em 1942, com as obras de conclusão do prédio se estendendo até 1943. Entre as décadas de 1940 e 1980, as dependências do atual CECREI serviram de espaço para a realização dos cursos de filosofia e teologia, quando as aulas foram transferidas para a cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, no ano de 1980. O então colégio máximo Cristo Rei recebe o nome de centro de espiritualidade Cristo Rei, oferecendo retiros, cursos e seminários, tendo como primeiro diretor o Pe. Eloy Osvaldo Guella, *sj*, na passagem de 1999 para o ano 2000. O CECREI passou por uma grande reforma, com diferentes obras realizadas nos anos seguintes, em 2015, o CECREI ampliou seus atendimentos, em virtude da frequente demanda por hospedagem e para a realização de eventos corporativos e científicos. Disponível em: <<http://cecrei.org.br/historia/>>.

colégio Anchieta¹⁹ de Porto Alegre e do Colégio Catarinense²⁰ de Santa Catarina, antigas instituições de formação dos jesuítas no Sul do país. Conforme dossiê encaminhado pela instituição sobre o Memorial, é possível dimensionar o tamanho do acervo bibliográfico e a procedência da maioria dos materiais salvaguardados pela instituição de ensino superior- Unisinos- campus São Leopoldo/RS, (Unisinos, 2017):

O Acervo Bibliográfico soma em torno de 200 mil itens, procedentes da biblioteca das antigas faculdades de Filosofia e Teologia Cristo Rei, da biblioteca histórica do Colégio Anchieta de Porto Alegre, do Seminário de Salvador do Sul, da Biblioteca Histórica do Colégio Catarinense, parte do conjunto de bibliotecas reunidas nos prédios da antiga sede da Unisinos no centro de São Leopoldo, além de bibliotecas doadas por particulares.

Além de disponibilizar esse acervo significativo, desde 2001 a universidade assumiu a tarefa de reunir os acervos históricos (biblioteconômicos e documentais) que foram sendo reunidos durante quase 150 anos de existência dos diversos colégios, seminários e paróquias fundados e/ou mantidos pelos jesuítas no sul do Brasil, agora reunidos sob o Memorial Jesuíta Unisinos.

O acervo bibliográfico do Memorial Jesuíta abriga a Coleção Cristo Rei que possui em torno de 58.811 itens entre material didático e livros; Coleção Antônio Vieira com 83.000 documentos; Coleção de periódicos de Santo Inácio de Loyola que totaliza cerca de 1.223 exemplares; Coleção Obras Raras e Especiais com 23.371 itens do século XV e XX.

O AVM faz parte do acervo documental do Memorial Jesuíta e por via de consulta no site do acervo é possível perceber que seu patrimônio documental está classificado entre arquivos pessoais de jesuítas com produção científica.

No quadro 2 é possível visualizar alguns dos arquivos que o acervo do Memorial Jesuíta abriga, dentre eles o AVM.

¹⁹ O “Colégio dos Padres”, nasceu em 13 de janeiro de 1890. O padre Francisco Trappe obteve de Roma a autorização para comprar a casa da família Fialho, situada à rua da igreja (atual Duque de Caxias). Com a licença conseguida e o negócio realizado, tornou-se necessário reformar o prédio e adaptá-lo ao funcionamento de uma escola. O Pe. Trappe, que seria o primeiro diretor da instituição, contou com a colaboração do Pe. Brikman e do Irmão Guilherme Boehlers. O Anchieta entrou em atividade pouco depois da proclamação da república. No Rio Grande do Sul, em especial, os preceitos pedagógicos cristãos tiveram de confrontar-se com os valores do positivismo, doutrina do Francês Auguste Comte, que encontrou aqui terreno favorável. No princípio, o Colégio dos Padres era destinado somente aos meninos, sendo dividido em duas seções: alemã e brasileira (Retirado do site do Colégio). Disponível em: <<http://www.colegioanchieta.g12.br/historia/>>.

²⁰ O Colégio Catarinense (CC) é um tradicional colégio particular de Florianópolis. Fundado em 1905 por padres jesuítas, o colégio é uma importante instituição da história Florianopolitana. O CC foi a primeira sede da Federação Catarinense de Futebol, fundada em 12 de abril de 1924. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=cole%C2%B4gio+catarinense+hist%C3%B3ria&oq=cole%C2%B4gio+catarinense+hist%C3%B3ria+&q=chrome..69i57.8486j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>.

Quadro 2: Acervo Documental.

Nome do arquivo	Especificidade
Arquivos Pessoais de Jesuítas com produção científica	Theodor Amstad (1851-1938), Max von Lassberg (1857-1944), Johannes Rick (1869-1946) e Balduino Rambo (1905-1961), Werner von und zur Mühlen (1874-1939), além de leigos como o professor alemão Kurt Walzer (chegou ao Brasil em 1937 e atuou na Escola Normal Católica), o advogado e indigenista Júlio Marcos Germany Gaiger (1956-2004), o advogado, jornalista, romancista e ensaísta Clodomir Vianna Moog (1906-1988) , o professor de filosofia e crítico de música e arte Aldo Obino (1913-2007).
Arquivos institucionais	Fundo da Sociedade União Popular - Volksverein (1912-1990), Fundo do Centro de Documentação e Pesquisa – CEDOPE (1970-2001), Coleção Círculo Operário Leopoldense.
Acervo de Imigração	Compõe-se de periódicos, dentre eles, almanaques editados na primeira metade do século XX, na sua maioria em língua alemã; bibliografia sobre imigração alemã, material didático editado predominantemente para as escolas comunitárias na primeira metade do século XX.
Coleção de Jornais	Esta coleção é composta por 345 volumes encadernados, compreendendo Correio do Povo (1939-1992); Jornal NH (1963 a 1992), Correio Rural (1958-1984), Brasil-Post (1958-1992), Deutsches Volksblatt (1883 a 1940; 58 volumes somando cerca de 42.000 páginas), Deutsche Post (1880-1928 em 45 microfimes), Mitteilungen des katholischen Lehrer- und Erziehungsvereins in Rio Grande do Sul [Boletim da Associação de Professores Católicos Alemães no RS], 1900-1939 (em suporte híbrido: microfilme e digital); dentre outros exemplares avulsos.

Fonte: Elaborado pela autora (2020) com base no Memorial Jesuíta – Currículo Resumido, 2017.

Ao conversar na entrevista concedida a mim, sobre essa classificação do arquivo do escritor, Isabel Arendt relatou que foi à época da chegada do arquivo à universidade, dos espaços que se tinha, esse foi entendido como o mais adequado para encaixar Vianna Moog.

No entanto, ele não foi um jesuíta com produção científica, seu arquivo é único no espaço de preservação. O que revela que é necessária uma compreensão e classificação mais adequadas, de acordo com as concepções desse estudo, tendo em vista a potencialidade dos arquivos de escritores para a história, é possível criar um espaço no Memorial Jesuíta específico para escritores nacionais como Vianna Moog.

Ainda assim, a salvaguarda da universidade permite que se ampliem os estudos sobre o autor e as possibilidades para outros arquivos privados, pois segundo relato de Isabel Arendt, a universidade já estava em tratativas de acomodar o arquivo de outro escritor gaúcho, Érico Veríssimo. Seus documentos agora são propriedade do Instituto Moreira Salles²¹, conforme a notícia o:

Acordo com o Instituto Moreira Salles para guarda do material do autor de [...] O Tempo e o Vento foi estendido pela família. Instalado há 10 anos no Rio, na sede do Instituto Moreira Salles, o acervo literário de Erico Verissimo (1905–1975) vai estender sua estadia na Cidade Maravilhosa. O acervo, organizado pelas professoras e pesquisadoras Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman, constitui-se de originais manuscritos e datilografados do autor, correspondências, artigos e anotações – abundantes, dado que o autor de O Tempo e o Vento tinha um método bastante minucioso para a construção de seus romances, o que incluía vez por outra desenhar personagens e cenários. (Gaúcha ZH, 2019, s/p).

Contudo, a instituição não perdeu o AVM e isso é motivo de ações e investimentos para que se ampliem as publicações e estudos sobre o autor e suas obras, dada a importância histórica do material preservado.

Como guardiã, ou instituição de custódia, do Arquivo Vianna Moog, a Unisinos investe na organização dos materiais e na disponibilização para consultas, visto que possuía um local com condições adequadas de conservação e uso e que se alargou para outros documentos como fundos, periódicos e materiais diversos, além de livros didáticos.

O tratamento dado ao Arquivo Vianna Moog e a organização arquivista, posteriormente adotada à aquisição, bem como o acesso possibilitado aos interessados e a divulgação dos materiais salvaguardados exigem uma discussão criteriosa entre público e privado dos arquivos pessoais, já que desde a aquisição se entende que a organização inicial seja de vital importância para entender a lógica de seleção dos materiais por quem os preservou desde o início.

Com isso, corrobora Hobbs (2018, p.263) ao entender que “[...] os conjuntos documentais pessoais requerem diferentes conceitos e diferentes formas de tratamento por parte do arquivista”, pois de fato são de pessoas, de indivíduos e não de empresas, instituições, são documentos da vida desses sujeitos.

²¹ Segundo a Gaúcha ZH. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2019/05/acervo-de-erico-verissimo-seguira-no-rio-por-mais-10-anos-cjw6yai5d005s01qtt99ed4a0.html>>.

2.2 VIANNA MOOG UM INTÉRPRETE DO BRASIL

Sobre Vianna, Carvalho (2011) defende que houve dois momentos bastante marcados e distintos na vida do escritor. Um teria sido o evidente apogeu de sua carreira literária e profissional e o outro o declínio. No auge de sua trajetória fora reconhecido nacional e internacionalmente como representante brasileiro, como escritor renomado e também como uma figura influente no meio literário, político e social. Ele compara a vida e obra do autor com dois personagens também bastante distintos: Aleijadinho²² e Malazartes²³.

Um advogava em prol de reformas significativas na sociedade brasileira para que houvesse a modernização e alguns avanços fossem conquistados em vários níveis sociais, um autor comprometido e dedicado a esse objetivo, um *Aleijadinho*. No entanto, paralelamente, havia outro mais irônico, dissimulado e sarcástico que convergia seus textos e suas ações em prol de si mesmo. Uma malandragem comparável a de *Malazartes* (CARVALHO, 2011, p. 18):

Essa espécie de recurso também aparece quando Moog projeta, ou defende demandas pessoais, espaços de pertencimento intelectual ou político cuja flexibilidade entre uma condição produtiva de Aleijadinho e criatividade manhosa de Malazartes surge constantemente.

Carvalho (2011) defende que a interpretação de Moog seja vista por dois vértices, basicamente, num movimento também comparativo entre os dois personagens, a saber, Aleijadinho e Malazartes. E compreende que o escritor também era um intelectual mediador de seu tempo. No site *intérpretes do Brasil*²⁴, inclusive, há uma lista de mais ou menos 20 nomes. Dadas a sua trajetória pessoal, profissional e os atributos conferidos pela sua produção literária por que o nome de Moog não configura entre eles? Poderia me ater a discutir essa questão muito mais a fundo, dada a quantidade de inquietações que surgiram ao refletir sobre o tema. Contudo, limito-me a expor um quadro que contemplará os nomes, os anos de

²² Aleijadinho. Ensinado principalmente por seu pai, Aleijadinho deixou um corpo impressionante de arte religiosa. Projetos arquitetônicos, esculturas em igrejas, conventos e mosteiros fazem parte de sua história. Ele sofria de graves deformidades físicas devido a uma **doença** (possivelmente hanseníase ou sífilis). Isso exigiu que suas ferramentas de trabalho fossem amarradas à sua mão. Disponível em:

https://escolaeducacao.com.br/aleijadinho/?gclid=cjwkcaiao7hwbrbkeiwavc_q8dpwsutxz2ueanj79izmr5ttz-v0m8oygmm13vcbngvp9ivaukuobcp9oqavd_bwe.

²³ Malazartes O nome dele pode ser escrito: Pedro Malasartes, Malazartes, ou das Malasartes. Ficou bem conhecido e se tornou um personagem tradicional da cultura portuguesa e, posteriormente, da cultura brasileira. Essa figura era um exemplo da esperteza, da inteligência, da criatividade, mas não se sentia nenhum pouco culpado em usar a mentira e enganar as outras pessoas em proveito próprio. <http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2013/08/voce-sabe-quem-e-o-pedro-malasartes>

²⁴ Disponível em: <http://www.interpretesdobrasil.org/>.

nascimento e morte e algumas das obras e atuações, também o tema central das discussões, publicações e ações políticas desses 20 sujeitos constantes em apenas uma das listas nas quais aparecem os indivíduos entendidos como *intérpretes do Brasil*.

Assim, apenas compartilho algumas inquietudes e conclusões que me parecem perceptíveis e oportunas para outro momento, tendo em vista que esse não é o foco deste trabalho. A partir da busca nos bancos de dados, e algumas referências sobre o tema, montei um quadro com ênfase em um dos sites que mostram mais de 20 nomes de figuras nacionais. Um(a)s mais conhecidas e outras nem tanto, contudo possuem características em comum com Vianna Moog, seja pelas produções e circulação literárias, seja pela atuação em espaços políticos nacionais ou internacionais, ou pelo trabalho em órgãos públicos.

Havia, pois uma rede de sociabilidades culturais e políticas ainda que em concordância, ou em discordância ideológica se complementavam no sentido de levantar, trazer à discussão temas sociais, políticos e econômicos e tornavam políticos e escritores interlocutores e produtores de uma cultura. De acordo com Sirinelli (1998, 294 295), criava-se uma relação em rede de políticas culturais, ou seja, “antiga e interessante que definia-se pelo conjunto das relações de troca, de subordinação, ou de resistência, de fascinação ou de rejeição, que ligam a arte e à política desde que ambas são atividade sócias separadas”.

Foram homens e mulheres que se destacaram em suas trajetórias, independentemente de suas ideologias, chamaram a atenção para temas sociais, políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo. Produziram conhecimentos que até a atualidade são utilizados em estudos realizados sobre assuntos como educação, literatura e política.

Quadro 3: Intérpretes do Brasil.

Autor/Ano	Atividades/ Obras	Tema Central
Caio Prado Júnior (1907/1990)	Político e Historiador Marxista; escritor- Fundador, juntamente com Monteiro Lobato da Editora Brasiliense. <i>Formação do Brasil Contemporâneo</i> (1942) - <i>Estruturalismo e marxismo</i> (1971)	Formação histórica do Brasil, sociologia e economia.
Celso Monteiro Furtado (1920-2004)	Advogado-UFRJ; economista e escritor- cadeira 11 na ABL. <i>A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina</i> (1973). <i>O mito do desenvolvimento econômico</i> (1974)	Formação histórica do Brasil e economia.
Darcy Ribeiro (1922-1997)	Antropólogo; político; escritor; criou a Universidade de Brasília; Ministro-chefe da casa Civil. <i>Estudos da Antropologia da Civilização</i> (cinco volumes, 96 edições); <i>Maira</i> (1976)	Formação histórica do Brasil, Causa indígena, Educação superior.
Florestan Fernandes (1920-1995)	Sociólogo; político; professor de Ensino Superior; contribuiu com a formulação da LDB; <i>Organização Social dos Tupinambá</i> (1949); <i>Contribuição à Crítica da Economia Política de Carl Marx</i> (1946)	Sociologia, causa indígena, educação pública, Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB.
Gilberto Freyre (1900-1987)	Jornalista, cartunista, escritor, professor, político. <i>Casa Grande & Senzala</i> (1933); <i>Sobrados e Mucambos</i> (1936)	Sociologia, Antropologia e cultura e oralidade.
Milton Almeida dos Santos (1926-2001)	Professor, Geógrafo, escritor. <i>Por uma Geografia Nova</i> (1974); <i>Espaço e Sociedade</i> (1979)	Geografia social, Antropologia e sociologia.
Maria da Conceição de Almeida Tavares (1930)	Professora; Economista; Escritora; <i>Política. Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil</i> (1975-1986). <i>A economia política da crise</i> (1982)	Economia, Desenvolvimento Social, Antropologia e História.
Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982)	Professor; Jornalista; Sociólogo; Historiador. <i>Raízes do Brasil</i> (1936); <i>Cobra de Vidro</i> (1944)	Sociologia, Antropologia, História do Brasil.
Paulo Freire (1921-1992)	Professor; Escritor; Político. <i>Educação Como Prática de Liberdade</i> (1967); <i>Pedagogia do Oprimido</i> (1968).	Educação, Sociologia, Alfabetização.

Fonte: Elaborado pela autora (2020) com base em Intérpretes do Brasil²⁵.

O quadro 3 mostra quão semelhantes foram as trajetórias de alguns intelectuais brasileiros contemporâneos de Vianna Moog, ainda que cada um na sua especificidade pessoal e profissional. A grande maioria foi escritor, professor e político, além de pensadores das causas sociais e culturais do país, mesmo que tenham entendido de maneira distinta as razões do desenvolvimento, ou subdesenvolvimento brasileiros, dissertaram sobre o tema.

²⁵ Disponível em: <http://www.interpretesdobrasil.org/>.

Todos, de uma forma ou de outra, chamaram a atenção para as questões de economia, da etnia e da educação brasileira. Escreveram em distintos gêneros textuais suas ideias e projetos para o Brasil, pesquisas, ensaios, gênero predominante na época, romances, colunas jornalísticas, publicações em periódicos, artigos publicados nacional e internacionalmente. Boa parte deles, assim como Moog, possuíam relações políticas e circulavam por meios culturais e sociais influentes. No Golpe de 64 muitos foram perseguidos, presos, ou exilaram-se em outros países.

Alguns contribuíram significativamente em processos educacionais como a formulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB, como Florestan Fernandes. Outros são referência nacional e internacional nas questões de alfabetização de Jovens e Adultos, caso de Paulo Freire. Nos aspectos geográficos e raciais, a participação e os apontamentos de Milton Santos são fundamentais para que se entendam melhor os processos de exclusão social no país.

Maria Conceição Tavares enfatizou que o desenvolvimento social, político e econômico brasileiro foi projetado de maneira que aumentou as desigualdades sociais. Vianna Moog por meio de seus escritos descrevia um país desigual e afetado por muitas questões sociais, religiosas, geográficas e culturais. As diferenças de opiniões entre eles eram consideráveis e variavam em concordâncias e discordâncias, e isso fazia com que dialogassem, trocassem cartas, discutissem entre si os temas em comum. Fazia com que cada um de sua área expusesse seus argumentos nas suas produções e nos eventos sociais e culturais que participavam.

Todavia, não se pode negar que chamar a atenção sobre temas não tão discutidos, cotidianamente, ou intencionalmente, é muito relevante em qualquer situação. Temas ignorados, porém, vivenciados por populações inteiras como a pobreza, a miséria, o racismo e a exclusão da maioria da população de espaços educacionais devem ser foco de discussão sempre, principalmente na atualidade. Pensar os arquivos pessoais é muito importante, porque eles podem fornecer subsídios e indícios de tempos passados para que se compreenda melhor os acontecimentos e assim, verificar as relações de continuidades e rupturas através do tempo.

Assim, montei outro quadro com algumas características da trajetória de Moog, que são paralelas as de seus contemporâneos, o que revigora a perspectiva da interrogação sobre sua exclusão do cenário nacional como outro *intérprete do Brasil*.

Quadro 4: Vianna Moog o intérprete e intelectual mediador.

Autor/Ano	Atividades/Obras	Tema Central
Clodomir Vianna Moog (1906-1988)	Advogado; escritor; jornalista; representante brasileiro na OEA; <i>Um rio Imita o Reno</i> (1938); <i>Bandeirantes e Pioneiros paralelo entre duas culturas</i> (1954)	Formação histórica do Brasil, sociologia, etnia e racismo.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Sem a intenção de qualificar ou desqualificar qualquer trajetória, chamo a atenção para o aspecto de singularidade entre eles. Poderia salientar o período histórico em que viveram ou as questões de criação das faculdades de Sociologia, Filosofia e Antropologia no Brasil, que a meu ver, contribuíram de forma decisiva para a formação desses acadêmicos de diferentes origens sociais. No entanto, alerto que os acessos e tensionamentos produzidos por eles e a projeção que obtiveram em suas vidas pessoais, acadêmicas, culturais ou sociais foram decisivos.

Alerto também que esses percursos pessoais e profissionais, enfim, os acessos que obtiveram permitiram uma circulação de ideias, propiciaram a sociabilização com seus pares, a propagação de suas ideias sobre a complexidade nacional, e fizeram com que muitos encontrassem apoio ou resistência para seus projetos. De uma maneira geral, não passaram incólumes pelos sistemas políticos nacionais e internacionais. Assim, alguns foram presos, exilados ou exaltados de acordo com a intenção dos diferentes governos pelos quais passaram no país, durante suas carreiras seja como escritores, políticos ou pesquisadores. Muitos foram exilados e encontraram apoio e respaldo em países que não eram os seus, como no caso de Darcy Ribeiro que foi assessor de Salvador Allende- Chile e Verasco Alvarado- Peru.

Esses acessos ou essa circulação propiciava trocas ou sociabilidades que podem ser visibilizados por meio do Arquivo Pessoal de Vianna Moog. Há cartas, fotografias, bilhetes, publicações de jornal em que Vianna Moog aparece configurando parcerias, discussões e interlocuções com esses seus contemporâneos.

As diferenças de opiniões entre eles eram consideráveis e variavam em concordâncias e discordâncias, e isso fazia com que dialogassem, trocassem cartas, discutissem entre si os temas em comum. Fazia com que cada um de sua área expusesse seus argumentos nas suas produções e nos eventos sociais e culturais que participavam. Contudo, não se pode negar que chamar a atenção sobre temas não tão discutidos, cotidianamente ou intencionalmente, é

muito relevante em qualquer situação. Temas ignorados, porém, vivenciados por populações inteiras como a pobreza, a miséria, o racismo e a exclusão da maioria da população de espaços educacionais devem ser foco de discussão sempre, principalmente, na atualidade.

Moog viveu, escreveu, pertenceu e dialogou com a geração de 30²⁶. Uma geração que fora entendida por alguns estudiosos como Intérpretes do Brasil. Em vários trabalhos sobre o tema como alguns que foram lançados em comemoração aos 500 anos do país, caso de José Carlos dos Reis que escreveu *Intérpretes do Brasil e As Identidades no Brasil*, seu nome não configura entre outros como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Capistrano de Abreu, etc., seus contemporâneos.

Mesmo não tendo seu nome configurado entre os nomes dos autores nacionais como um *intérprete do Brasil*, Vianna foi um deles. Todavia, há ainda mais a ser apontado sobre o tema. No entendimento deste trabalho e conforme Gomes e Hansen (2016, p. 10):

[...] os intelectuais seriam uma categoria sócio profissional marcada pela vocação científica, no dizer weberiano, ou pela especialização que lhes confere “capital cultural” e “poder simbólico”, nos termos de Bourdieu, quer pelo gosto da polêmica, inclusive a política. Na acepção mais ampla que aqui consideramos, são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta, ou indiretamente vinculados à intervenção político- social.

Seus trabalhos, questionamentos e posições políticas e sociais foram fundamentais nesse processo. Independentemente do reconhecimento que alcançaram durante suas trajetórias. No relacionamento com seus pares, na comunicação de suas ideias e na circulação social que obtiveram há que se considerar as idiossincrasias e os impactos de suas ações, o alcance que seus textos, suas pesquisas ou suas trajetórias produziram, alguns alcançam projeção até os dias atuais. São sujeitos históricos que possuem divergências conceituais, no entanto, são produtores de bens culturais e o fazem por meio de suas mediações.

Outros como Vianna Moog não são tão lembrados ou discutidos. O que pode mudar a partir da salvaguarda de seu arquivo pessoal, que pode lançar luz a essas vidas que ainda estão nas sombras, e por meio de seus documentos incrementar a produção historiográfica. Dessa forma, compreender os processos de circulação, de comunicação e de apropriação de bens

²⁶ A Geração de 1930 ou Segunda Geração Modernista, foi considerada um divisor de águas para a Literatura brasileira: longe das palavras de ordem evocadas na Semana de Arte Moderna de 1922 e da Literatura proveniente do grito modernista, atingiu uma condição adulta e moderna, responsável por alçar a produção literária a novos patamares. [...]Era preciso superar os primeiros modernistas; os tempos eram outros, tempos de tensões ideológicas nascidas em um complexo contexto de guerras: no mundo, a Segunda Guerra Mundial, e no Brasil, o Estado Novo, ditadura de Getúlio Vargas que vigorou entre os anos de 1937 e 1945. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/geracao-1930.html>

culturais é fundamental porque no período em que se constituíram suas trajetórias, estruturaram-se também ideias, pensamentos e conjecturas políticas, sociais e econômicas.

No Brasil, durante as décadas de 1930 e 1940 ocorria a disseminação de livrarias, de publicações literárias e de práticas sociais que envolviam a leitura e a escrita. O que propiciava a circulação de entendimentos sobre vários temas de interesse tanto para escritores, quanto para o sistema político em vigência ou a população em geral, ainda que se saiba dos altos índices de analfabetos no Brasil nessa época, mesmo com os programas de alfabetização de adultos.

Além de um intérprete do Brasil, conforme o entendimento que tenho e que expus anteriormente, Moog foi um intelectual mediador, pois suas práticas de mediação cultural são perceptíveis em seu patrimônio documental. Seus atributos de produtor de bens culturais estão salvaguardados em seu arquivo pessoal para que sejam interpretados e analisados e assim, seja possível entender melhor os tempos e espaços em que viveu e em que se fez memória coletiva. O que o torna também um intelectual mediador, dentre outras, é a característica da apropriação que fazia de diversos temas e situações sociais e políticas.

Ele não reproduzia somente, mas, a seu modo, inculcava também suas crenças e pensamentos. Escreveu contra o racismo em pleno cenário da Segunda Guerra mundial. Escreveu e posicionou-se contra os governos brasileiros mesmo sendo, muitas vezes, o porta voz internacional do Brasil. Essa peculiaridade de Moog o converte também no intelectual que subverte a interpretação dos fatos, das culturas, das práticas de mediação. Ele não era somente um transmissor, um divulgador, mas um produto e produtor, um articulador de cultura. Dessa forma, segundo Gomes e Hansen (2016, p. 10), ele e seus pares eram “[...] atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçavam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição e reconhecimento variável na vida social”.

O que é possível entender, contudo, é que a apropriação cultural também interfere nessa circulação, e que essa torna os consumidores de bens culturais também coprodutores de significados. Para discutir e aprofundar o assunto é primordial estar atento às “práticas de apropriação que envolvem os processos de recepção/consumo pelos públicos” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 15), são usos que subvertem a função original nos distintos grupos. Ou seja, a interlocução entre os intelectuais e seus mais distintos públicos e parceiros também tem que ser considerada para que os sistemas sejam devidamente compreendidos. Também é importante entender que os processos de mediação cultural ocorrem nos mais diversos espaços, privados, públicos, educacionais, órgãos representativos onde os intelectuais

mediadores ocupam cargos ou funções diplomáticas, ou ainda em redes de sociabilidades nas quais as suas ações produzem impactos.

Porém, o esforço para que a mediação ocorra é crucial e assim, importa “se especializar em escrever/falar/fazer/gerir/organizar livros e revistas, instituições culturais, programas de rádio e televisão, cinema, exposições, livros infantis etc.” (GOMES; HANSEN 2016, p.21-22), tal qual como o fez Vianna Moog, o que pode ser percebido por meio de seu arquivo pessoal. Nesse contexto social, político e econômico, Vianna constituiu-se jornalista, escritor, político e representante do Brasil em espaços sociais, culturais e políticos. O seu arquivo pessoal abriga indícios desses tempos, desses espaços e dessas relações multifacetadas.

Independentemente da óptica que se estabeleçam sobre ele, seus documentos são evidências socioculturais, por meio deles, é possível ampliar o leque de discussão acerca de distintos temas, pois estão preservados no acervo do Memorial Jesuíta da Biblioteca Unisinos/RS.

2.3 UM LUGAR PARA FRIGGA MOOG NO ARQUIVO DE “CLODO”²⁷

De forma a complementar as informações sobre Vianna Moog, valho-me de informações referentes à sua esposa porque ao estudar um arquivo pessoal, o privado está inerentemente presente, no caso de Moog, a sua esposa faz parte do que lhe é privativo e é sobre ela que tematizo nas próximas páginas. Os dados sobre Frigga foram obtidos em distintos documentos encontrados no AVM, bem como em suportes bibliográficos e documentos analisados no arquivo do autor. Também foi possível angariar algumas informações sobre a vida pessoal do autor a partir da leitura de uma série de entrevistas realizadas por Vera Regina Morganti com esposas de escritores nacionais e publicadas em livro intitulado *Confissões do amor e da arte* (1994).

O processo de pesquisa do autor implica em compreender determinados aspectos da vida dessa mulher que para além de ser sua esposa, cumpre um papel relevante no estudo empreendido porque, ao que tudo indica, ela foi decisiva na constituição do arquivo pessoal do escritor.

Os relatos da filha apontam, segundo Enildo de Moura Carvalho (2011), sobre a contribuição da esposa de Moog na trajetória do escritor. Ana destacou que era a mãe que articulava a vida privada e a vida social de Vianna, além de providenciar o aparato para que

²⁷ Como Frigga Moog chamava Clodomir Vianna Moog.

suas viagens e compromissos sociais fossem possíveis. Desses compromissos profissionais, artísticos, sociais e de vida privada, Frigga Camara Moog acumulou recordações e indícios materiais que manteve organizados e conservados durante sua vida inteira. O pai delegava à sua mãe a tarefa de gerir a vida da família para que ele pudesse seguir sua carreira.

Inclusive, tal qual relatou Ana a Enildo (2018), em sua casa em Petrópolis/RJ, grande parte do arquivo pessoal do autor foi organizada e preservada pela esposa dele. Acredito que o AVM seja também o arquivo de sua família, da história de Frigga Moog e de seu esposo, pai dos seus filhos visto que não foi produzido unicamente por ele. Muitos dos materiais salvaguardados no Memorial Jesuíta, em específico no AVM, me apontaram para o lugar de sua esposa na vida e obra do autor por ela referido como “Clodo”.

Figura 3: Casal Vianna e Frigga Moog.



Fonte: Memorial Jesuíta, AVM.

A figura 3 mostra o casal Moog na troca de alianças em idade mais avançada e com aparente alegria. Frigga era leopoldense assim como Vianna Moog. Ela era católica, mas justificou na entrevista que era porque a religião dos filhos era decidida conforme a religião do pai. No entanto, “a religião católica que seguíamos, em muito foi orientada pela minha mãe protestante. Ela cuidava para que não faltássemos à missa”. Ao falar sobre sua própria religiosidade, Frigga destacou que “depois dos oitenta acho que a gente está liberada desses compromissos” (1994, p. 306), por isso não ia mais à missa.

Sobre casar, conta que “[...] as minhas aprendiam tudo para serem donas de casa. Eu estudava e lecionava”. Falava francês e estudava piano. Além disso, também deu aulas de piano até casar-se. Dançava, namorava e divertia-se no mais conhecido clube da cidade:

Orpheu. Bosi (1994, p. 81), aponta que: “Se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e uma outra que revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares”.

Segundo ela, desde os 15 anos Vianna já despertava seu interesse pela elegância. Consoante com Morganti (1994, p. 304) “a vida de casada foi de companheirismo, viagens, grandes temporadas artísticas e vida social intensa no Rio de Janeiro, México e Nova Iorque onde moraram com os filhos”. Acerca da memória que é seletiva por natureza, é válido sublinhar que guarda o que lhe interessa e convém.

A ambiguidade que percebi na vida de Vianna Moog por meio das informações que obtive nos bancos de dados com as pesquisas sobre o escritor e sobre seus trabalhos foi uma coisa que não encontrei nos relatos de sua esposa. Ao analisar a entrevista que concedeu à Vera Morganti, percebi o envolvimento dela em todos os aspectos da vida do escritor, desde vida social até o exílio na Amazônia, no qual ela também ficou distante dos filhos para acompanhá-lo. Na década de 30, Clodomir foi preso por divergências com o governo de Getúlio Vargas. Frigga detalha de maneira clara acerca do acontecido, conforme Morganti (1994, p. 323-324):

Clodo era contra o governo do Vargas, contra a ditadura. Ele era pela democracia. Nessa ocasião, ele tinha escrito alguns artigos criticando o que acontecia na nossa política e acabou sendo preso. Prenderam também Ripoll que foi mandado para Livramento e acabou sendo morto com uma machadada ou um tiro, não me lembro. Foi uma coisa horrorosa. Vieram nos dizer que havia uma lista de prisões: primeiro, Ripoll, fiquei muito assustada. “Imagina, já mataram o primeiro, logo...”. Então, Flores da Cunha mandou prender o Clodo.

Esposa de Vianna há pouco mais de um ano, mesmo assim, ao saber da prisão e que depois seria exilado em Manaus, articulou toda uma rede de sociabilidades para acompanhar ele ao estado. Contatou, inclusive, os seus vizinhos de apartamento, o irmão do governador Espártaco Vargas e sua esposa, América, para ir ao encontro do esposo. Naquela época, uma viagem a outro estado tão distante era possível somente por navio. Sua postura decidida pode ser percebida quando foi visitar o escritor na cadeia, pois lá lhe informou: “Tu vai embarcar para Manaus e eu vou junto. Vim aqui para tu assinares um cheque para comprar passagem” Morganti (1994, p. 325). Os dois anos em Manaus passou na companhia de Frigga. Com isso, algumas situações cotidianas relativas à questões de gênero merecem ser discutidas sempre, ou seja, um homem preso em uma cela ter mais liberdade e autonomia financeira que uma mulher fora dela. Outra situação que não pode deixar de ser registrada é a resposta de Moog:

“Não Frigga, não. Isso não é coisa para mulher. É só de homem, é a Revolução, não vou deixar” Morganti (1994, p. 325).

A conversa terminou com ela avisando que ia e que a passagem, então, terá que ser paga pelo irmão de Vargas, situação que ficaria bem estranha. Vianna concordou e no cais estavam os dois lados tanto opositores, quanto favoráveis ao governo. Recorda que a situação parecia inusitada “chorava com um grupo, depois chorava com outro” (1994). O que me fez repensar algumas questões sobre a pesquisa acerca de Vianna Moog, foi o relato de Frigga, pois apontou que “tem muita fantasia na nossa política” (Morganti, 1994, p. 326). Assim como eu que fantasiava uma posição mais contundente e explícita dele sobre temas e posicionamentos políticos.

Refiro-me aos telegramas, cartas e bilhetinhos que encontrei no arquivo que mostravam a rede de sociabilidades entre Moog com tantos políticos, opositores num momento, parceiros em outro. Creio que seja o desnudamento do arquivo que me propôs olhar Vianna com mais criticidade também. Ela tinha, pelo que percebi, uma relação bem próxima com a preservação da memória. Inclusive, ao ser indagada sobre vários temas, constantemente, fez alusões a materialidade preservada dessas passagens de sua vida.

Um exemplo, é que ao recordar-se do avô, Ernesto Müzell, relatou que ele tinha sido um estudante de medicina na Alemanha e que fora perseguido politicamente. Assim veio para o Brasil ser agrimensor, ela declara, “tenho um diário dele” (1994, p. 307). Sobre seus gostos culturais Frigga responde, conforme Morganti (1994, p. 318):

Eu gostava muito de teatro. Lembro em Nova Iorque da peça *Joanna D’Arc* com Ingrid Bergman, uma coisa espetacular. Vi artistas maravilhosos. Guardei por muito tempo todos os programas das peças que assisti. Com a mudança joguei tudo fora.

Dois aspectos, no mínimo, do relato de Frigga Moog merecem especial atenção. O primeiro é que a constituição do arquivo pessoal de Vianna Moog é também a constituição do arquivo de sua família, esposa e filhos. A partir dos relatos de Frigga é possível compreender a relação próxima dela com a preservação e constituição do AVM.

O segundo trata de um fato bastante decisivo na salvaguarda de materiais para arquivos, no caso, o espaço de arquivamento físico no âmbito privado, aquele local que necessita ser disponibilizado para outros itens do cotidiano, aquela área na casa que tem a ver com as exigências e urgências estruturais domésticas e que faz com que ocorra, muitas vezes, o descarte de documentos.

A filha guardou seu arquivo um bom tempo após a morte do pai em um apartamento no Rio de Janeiro a pedido da mãe. Ela teve autonomia sobre os materiais salvaguardados do pai somente após a morte da mãe, como tutora legal do AVM, legalmente constituída pelos outros dois irmãos. Frigga Moog vivia em um conflito comum aos parentes que detém arquivos pessoais de seus familiares.

Ela, conforme Ana Maria, oscilava entre doar ou não, ora queria doar para uma universidade, ora não. O desapego em prol de pesquisas e da divulgação pública dos vestígios dos seus entes familiares implica também a exposição da vida privada, ainda que, sabe-se que habilmente detalhes são suprimidos, selecionados e omitidos em todo arquivo pessoal, porque como defende Hobbs (2018, p. 261) “os arquivos pessoais contêm documentos sobre as vidas particulares e a personalidade humana”.

A questão é maior do que desprender-se do material físico propriamente, é um apego também emocional, sentimental. Trata-se de uma relação que pode ser muitas vezes psicológica, logística, ou infelizmente até financeira, caso de arquivos privados que são vendidos para instituições que oferecem valores monetários aos familiares herdeiros do patrimônio documental.

Ou o inverso, familiares que entendem os arquivos privados como uma herança individual, no sentido de obterem vantagens pecuniárias e desconhecerem os valores humanitários desses documentos. Por conseguinte, há uma questão cultural envolvida no entendimento de arquivos pessoais que precisa ser compreendida de outra maneira. Assim como para Cook (2018, p. 63) “[...] a principal justificativa para os arquivos é a sua capacidade de oferecer aos cidadãos um senso de identidade, origem, história e memória social e coletiva”. Arquivos privados ou institucionais são, antes de tudo e de todos, patrimônio da humanidade.

Até o momento procurei trazer alguns apontamentos sobre a trajetória pessoal de Vianna Moog, e algumas informações sobre a instituição responsável pela custódia do patrimônio documental do escritor. No capítulo seguinte, discutirei alguns pressupostos teóricos que me permitiram caminhar alicerçada em entendimentos mais do que necessários para a análise do objeto de pesquisa - o Arquivo Pessoal de Vianna Moog, e que possibilitaram refletir sobre o espaço de salvaguarda da documentação pessoal do autor.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS: PASSOS DE UMA ESTRADA EM CONSTANTE CONSTRUÇÃO

A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruíra minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séquito daqueles tempos de dantes em que o herói fora o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava as frases e feitos do herói. (Mario de Andrade, *Macunaíma um herói sem caráter*, 1928, p. 186).

A epígrafe deste capítulo evidencia um trecho da obra de Mario de Andrade, *Macunaíma*, lançada em 1928. O excerto, na realidade, faz parte do epílogo do livro, nesse caso, o livro que utilizei é um integrante de uma série de 20 títulos de 1989 do Círculo do Livro intitulada *Grandes da Literatura Brasileira*.

Essa coleção eu adquiri na minha juventude e a preservo com cuidado. O excerto pode fornecer muitos pontos para discussões, no entanto, o intuito é apenas introduzir o capítulo a seguir a partir da ideia de que sobre todos os acontecimentos há testemunhos. Sendo assim, os arquivos pessoais podem ser importantes aliados testemunhais de tempos, espaços e sujeitos porque são indícios históricos acumulados pelos seus produtores.

Também não foi ao acaso a escolha do livro, já que é um texto que fala de o jeito do povo brasileiro ser gente, de traços culturais, linguísticos e regionais. Fala da gente brasileira, fala das regiões do país e da formação multicultural de povos. Fala da comida, do trabalho, ou não “- Ai! Que preguiça!...” (ANDRADE, 1989, p. 23) e de muitas coisas que o olhar externo não pode depreender, em verdade, pois Macunaíma propõe o contra herói.

O estudioso pode ter a expectativa de encontrar o peculiar preservado, escondido no arquivo, todavia, considerar, ainda que não tão evidente, a dimensão do estranhamento da banalidade e a alusão ao contra herói é fundamental. Macunaíma era preguiçoso, ardiloso, esteticamente não atendia aos padrões eleitos. Assim, pode se apresentar o conjunto de documentos pessoais. Mas há que se compreender que visitar o arquivo exige dosar as expectativas e saber lidar com a frustração do arquivo, o mal estar. Não deve ser interpretado à luz do deslumbramento, assim, espetacular é o banal.

O capítulo três deste estudo tem a finalidade principal de destacar os pressupostos teóricos que fundamentaram minhas ações investigativas. É, pois uma estrada que percorro de acordo com determinados objetivos, visto que nesse caminhar desejo chegar a lugares que nem sempre outros desejam aportar. Ando por essas trilhas de acordo com minhas

prerrogativas ao entender que olhar o arquivo pessoal de um autor literário pode ter múltiplas perspectivas. Segundo Grazziotin (2016, p. 169):

As pesquisas relacionadas ao campo da História da Educação têm, no reavivamento da memória três espaços geográficos distintos, a possibilidade de construir uma História, identificando – nos relatos de memórias individuais, nos documentos reunidos, nos objetos recolhidos, nos lugares construídos para guardar essa memória – os indícios, as marcas, as pegadas que determinaram caminhos a serem seguidos na historicização da educação.

Nesse sentido, sigo memórias de tempos e espaços que se materializam na forma de documentos a partir da análise historiográfica para produzirem a história do arquivo do escritor Vianna Moog. Dessa forma, os estudos realizados indicaram que há uma crescente investigação sobre arquivos pessoais tanto de escritores, quanto de outros sujeitos e tantos outros personagens do cotidiano.

Ainda há muito mais a se dizer sobre arquivos pessoais. Porém urge priorizar algumas distinções para que essa parte do estudo prossiga, uma delas trata das acepções dos termos “acervo” e “arquivo”. Alguns autores entendem e definem de maneiras distintas os dois conceitos. Neste estudo, também optei por diferenciar os dois, no entanto, mais do que optar ou não por distinguir, é importante que seja entendido que existe diferença de fato entre os significados das terminologias.

Portanto, já em 1898 baseando-me nas normas e definições de dois holandeses, a saber, Samuel Muller e Joahn Feit, segundo Cook (2018, p. 22), arquivo seria “o conjunto de documentos escritos, desenhos e material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou algum de seus funcionários”, a saber, funcionários das empresas, instituições das quais a documentação foi preservada. Note-se que mesmo sendo produzido por um funcionário, o arquivo aqui pensado é institucional e designa o artefato gráfico como documento.

Catherine Hobbs, com relação a arquivos privados destaca que:

Embora esses arquivos de fato, geralmente representem um testemunho registrado das atividades de seu produtor, tal como ocorre com os arquivos das organizações, os arquivos pessoais contêm igualmente indícios do caráter individual do produtor da documentação. (2018, p. 261).

Assim, admite-se que arquivo não é somente o documento, mas o seu produtor e as circunstâncias de produção. A autora também discute a pouca evidência de trabalhos sobre o

tema e utiliza-se de termos como “certo silêncio” para denotar a falta de pesquisas sobre determinados espaços de preservação da memória pessoal. Farge (2009, p. 11) diz que

O arquivo não se parece nem com os textos, nem com os documentos impressos, nem com os “relatos”, nem com as correspondências, nem com os diários, e nem mesmo com as autobiografias. É difícil em sua materialidade.

É mais que a estrutura material, é mais que um único gênero textual, mais que falamos sobre ele, é, pois, o conjunto da obra, a criação. Para Brothmann (2018, p. 85), a discussão sobre arquivos pessoais vai além da simples terminologia e seu enfoque porque

Busca incentivar uma reflexão mais profunda sobre os significados culturais da atividade arquivística contemporânea e o contexto em que eles ocorrem e ganham forma, bem como um exame do papel social específico dos arquivos na sociedade.

Nesse entendimento, o estudo desenvolvido aponta que o trabalho arquivístico desempenhado sobre o conjunto de documentos deve ser problematizado nas discussões sobre o arquivo uma vez que são ações que impactam, decisivamente, no processo de arquivamento preservação e disponibilização para consulta. Portanto, é importante desnaturalizar as práticas de arquivamento no que se refere a compreender os significados atribuídos ao arquivo. Segundo Heymann (2013, p. 75):

Investimentos pessoais, imagem pública e visões de mundo se objetivam nos arquivos pessoais e nos usos que seus titulares ou seus herdeiros lhes conferem, e fornecem chaves para compreender o arquivo que vão além das tradicionais associações *entre trajetória e documentos*.

Assim, influenciam nos pressupostos do arquivo. Nessa perspectiva, Heymann (2013, p. 73) aponta que

[...] longe de ser um objeto autônomo e unificado, o arquivo é formado por múltiplos elementos e possui uma identidade contingente, que pode ser desmembramentos ou ser reintegrada de formas diferentes, por meio de novas conceituações

Então, pensar em arquivo é refletir sobre um objeto de corpo disforme com múltiplas etapas de constituição que não são lineares, que constituindo-se, vai moldando-se, adquirindo forma própria ou desmembrando-se ao longo do tempo e mesmo assim, permanece arquivo.

Por isso, é complexo compreender um arquivo apenas como um conjunto documental de determinada procedência. Conforme Palmeira (2013, p. 92), “considerar o modo pelo qual o conjunto documental com que se lida foi formado e preservado é um dos passos necessários de um controle reflexivo do processo de produção de pesquisa”. E é esse um dos rumos que pretendo tomar neste estudo. Pensar o contexto de produção e acumulação documental por indivíduos e subseqüentemente por instituições é algo mais do que necessário.

Assim, crescem as investigações sobre os indivíduos ditos comuns, ou seja, homens e mulheres do dia a dia, personalidades pouco notadas anteriormente pela história, e não somente aquelas elevadas pelas suas posições sociais de destaque. Discute-se, na atualidade, o lugar negado à mulher e os silenciamentos de outrora, pois não encontram guarida na atual historiografia por meio dos documentos. Sobre o tema, Cunha (2017, p. 189) lembra que:

Uma realidade passada torna-se acessível, uma vez que documentos pessoais, ordinários, podem ser considerados vestígio de sensibilidades circunscritas num tempo e espaço. Ao contemplá-los e percebê-los como objetos de memória o exercício da reflexão propicia a elaboração de perguntas sobre as circunstâncias históricas de produção e de consumo desses, em geral, suportes da cultura escrita como a produção de significados pelos sujeitos que os produziram.

Portanto, compreender os arquivos pessoais é ampliar as percepções sobre as manifestações culturais humanas que revelam um jeito particular de articular relações sociais. E as singularidades construídas que denotam influências que vão além do cargo, ou função exercida política, ou socialmente, pois tratam do aspecto humano.

Por isso, a aquisição de arquivos pessoais por instituições públicas ou privadas exige sempre um olhar atento às suas particularidades. Similarmente, realizar a doação de um arquivo pessoal, seja pelo doador/autor do arquivo ou um parente após sua morte, pode assemelhar-se ao ato de “transferir a sua própria vida” e essa ação por si só demanda certos critérios de compreensão desses conjuntos documentais (HOBBS, 2018).

Perceber as várias nuances de um escritor a partir de seu arquivo pessoal é uma possibilidade de entender melhor o aspecto humanizador dos documentos e seu resguardo é fundamental para a história, pois como para Cox (2017, p. 255):

[...] a destruição deliberada como meio de se obliterar a memória e o patrimônio de um povo nos faz compreender de maneira exemplar porque os documentos, mesmo aqueles papéis pessoais aparentemente sem muita importância, são capazes de transmitir valores fundamentais de geração para geração.

Dessa maneira, o aniquilamento desses documentos pode ocasionar uma perda de identidade e é, muitas vezes, a causa de equívocos e distorções mal intencionadas da cultura e do patrimônio histórico e social de povos inteiros. Por conseguinte, entendo que os arquivos pessoais são semelhantes a um dispositivo de acesso, uma chave que alinha o nosso marco temporal para a interpretação de um tempo. Somos história por meio das pesquisas que são feitas por historiadores dedicados e rigorosos que encontram nos documentos dos sujeitos aportes decisivos para seus estudos.

Também importa destacar que alguns entendimentos, neste estudo, são obtidos pela óptica de Le Goff que propõe ampliar as discussões sobre história e documento (1990, p. 06):

[...] do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e [pg. 010] inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento (Foucault e Le Goff).

Assim, a noção de documento é ampliada e a partir da própria história oral algumas percepções sobre fatos históricos são obtidas por meio dessa metodologia de estudos. O gestual, a forma de arquivamento e toda uma gama de particularidades estão atreladas aos entendimentos em pesquisa sobre o patrimônio documental. Principalmente, porque necessitamos compreender nosso passado para vislumbrar melhores chances para o futuro, para que possamos agir criticamente no presente e, de tal forma, ampliar as nossas possibilidades. Assim, é importante entender que os registros de memória contidos nos arquivos privados são os maiores atributos dessas séries documentais já que podem quebrar a cronologia oficial, reconfigurar limites e espaços sociais da vida cotidiana (LORIGA, 2009, p. 15).

Os arquivos são compostos por documentos de vida e fazem pertencer a um tempo e a um espaço que é antes de tudo social e histórico. Com isso, não podemos ser ausência ou esquecimento visto que estamos circunscritos temporal e socialmente por nossos vestígios documentais. Consequentemente, as relações que efetivamos em nossas vidas, sejam elas sociais, afetivas ou legislativas, enfim, civis são suscetíveis à interpretação por meio de nossos arquivos pessoais. Logo, lacunas de um mundo que necessita ser interpretado e para tal, os nossos vestígios, nossos sinais, nossos documentos pessoais são memórias individuais e concomitantemente narrativas coletivas. Consoante com Galvão e Lopes (2010, p. 65), “[...] se aceitamos o fato de que o passado é imponderável, como ter acesso a ele?”. Por isso,

necessitamos compreender tais narrações do passado num presente por meio dos nossos indícios que são históricos por natureza, uma vez que esta pesquisa está relacionada à educação, é importante pensar esse arquivo que discuto a partir de sua relação com a dimensão da história da educação. Em que medida ele se relaciona, se articula e contribui para os estudos nesse campo é o exercício de pensamento que faço a seguir.

Este estudo entende que os arquivos pessoais são possibilidades para a interpretação de passados distantes analisados no presente. O patrimônio documental dos sujeitos é uma das maneiras de abordar questões do passado que repercutem na contemporaneidade por meio de relações que se estabelecem via discussão histórica, e para a compreensão de muitos fatos acerca de vários temas relacionados à história da educação. Conforme Galvão e Lopes (2010, p. 43):

Atualmente, pode-se falar de forma mais apropriada em histórias da educação, pois as investigações que vêm sendo realizadas no campo não se restringem mais ao ensino e ao pensamento pedagógico, objetos tradicionais da disciplina. A aproximação da história da educação com outras das ciências humanas e com outras áreas da história contribuiu para que as crianças e os jovens, os intelectuais, o livro e a leitura, as mulheres etc. também se tornassem objeto da disciplina.

Fundamentalmente, o campo de pesquisas nos arquivos pessoais é potente para a história da educação, mas os documentos exigem determinados investimentos dos pesquisadores. Para tanto, é importante o entendimento de educação em uma conceitualização ampla ou melhor dizendo, compreender a educação como um processo que é, antes de tudo, cultural, político e econômico.

Em vista disso, é essencial a compreensão de que educação é um processo que ocorre socialmente, culturalmente e historicamente e, portanto, acontece de diversas formas em vários aspectos do âmbito humano. Não ocorre somente na escola, ela é antes tudo um conjunto de inúmeras ações e situações controladas ou não. Por isso, a pertinência do AVM, porque conforme Veiga (2003, p.14), “o historiador não pode perder de vista o seu objeto principal: as diferenças e mudanças ocorridas nas sociedades em lugares e tempos diversos”. Assim, pelos avanços ocorridos e projetados nas pesquisas em história da educação e pela variada gama de objetos para o estudo nessa área, é importante compreender os arquivos pessoais como documentos fecundos para as discussões da temática educacional.

Vianna Moog, na visão desta pesquisa, é um intelectual e, portanto, sua relação com a educação pode ser estudada por meio do seu arquivo pessoal. Em razão de que, cósante com

Galvão e Lopes (2010, p. 46) “as próprias noções de “intelectual” e “intelectual da educação” têm sido problematizadas”. As linhas de definição e distinção entre alguns termos estão sendo revistas constantemente pela nova historiografia, bem como a visão sobre alguns processos educativos. Como a circulação por meio de jornais e revistas de entendimentos sobre política, religião, cultura e sociedade que escritores têm, eles são essencialmente em sua gênese influenciadores de opiniões.

Conforme Galvão e Lopes (2010, p. 46):

[...] sabemos que no século XIX, por exemplo, não havia uma distinção nítida entre campos do conhecimento; homens públicos opinavam sobre assuntos diversos- incluindo a educação. Nesse sentido, ganham relevo hoje os estudos que discutem não apenas as ideias pedagógicas desses sujeitos, mas também os procesos de formação intelectual, as redes de sociabilidades, as viagens formativas, o papel da imprensa e de outros veículos, as estratégias de legitimação etc.

Vianna Moog publicou, leu e escreveu sobre vários temas. Ele discutiu desde a formação do povo brasileiro até as questões políticas, em voga, situações de racismo e discriminação também tiveram seu ponto de vista exposto em seus romances. Circulou por espaços bastante variados, viajou inúmeras vezes e, na maioria das atividades, desempenhou funções políticas sob orientação de governos federais, estaduais ou municipais.

Enfim, entendo que as evidências da materialidade documental por ele utilizada como suporte para a produção dos seus textos é um achado valioso. A possibilidade de compreensão do processo criativo de um escritor é um dos maiores atributos dos seus arquivos pessoais para a história e para tantas outras disciplinas, pois poderá fornecer subsídios para o questionamento de vários fatos históricos e ampliar a discussão em torno de temas comuns à história da educação.

Com isso, é possível entender que não basta ter os textos de um autor para compreender seu processo criativo. Não basta ter o livro em mãos para analisar seu momento de produção, suas apropriações sobre os mais variados temas. Cada autor realiza sua pesquisa de acordo com o seu jeito próprio de produzir. Portanto, ter disponíveis suas escritas marginais, cria uma gama de possibilidades sobre escrita e leitura, objetos de pesquisa caros à História da Educação, já que desmitifica o ato de escrever textos. Pressupõe um processo que é único para cada indivíduo e, por conseguinte, fornece um arcabouço de possibilidades para a compreensão sobre a literatura, sobre a escrita e sobre a leitura e, principalmente, sobre tempos e espaços pelos quais o escritor circulou e criou productos culturais.

Os registros desses movimentos, dessas experiências, desses entendimentos sobre seu tempo e suas atividades podem ser percebidos em seu arquivo pessoal. As evidências desse trabalho intelectual estão preservadas no Memorial Jesuíta. Como a história não é linear, o Arquivo Vianna Moog é bastante viável para refletir sobre a história da educação porque nele há evidências de suas viagens, dos relacionamentos pessoais com escritores do período, com políticos amigos ou não, enfim, da rede de sociabilidades da qual ele participava, inclusive com a imprensa da época. E, por compreender que seus guardados podem apontar para a problematização desses espaços e tempos da educação no país, reforço sua importância.

Outro aspecto sobre a questão da produção escrita de Vianna, seria possível dizer que ao participar desses espaços sociais e políticos as possibilidades também se constituíram para outros autores? Não necessariamente, porque, segundo Enildo de Moura Carvalho (2007), uma das características de Vianna é a diversidade de expressões evidenciadas na sua produção escrita. Trata-se, obviamente, de muito mais do que circulação em espaços físicos, mas também de construções culturais que permearam a vida e a obra desse escritor. Nesse sentido, Bellei reforça que (2014, p. 161-162):

São as forças culturais, da Modernidade, portanto, que fabricam a função autoral em termos de um aparato que atende a demandas do momento, de uma ideologia que oculta condições de produção e naturaliza significados e de uma força produtiva que motiva práticas sociais, econômicas e políticas. Enquanto fabricação cultural, o autor nasce e morre no fluxo temporal, ainda que a designação autoral permaneça a mesma.

O que Bellei (2014, p. 163) complementa reforçando que “o processo de fabricação histórica do autor moderno vem normalmente acompanhado de energias socioculturais”, ou seja, são próprias de seu tempo e de seu espaço, portanto, o autor é reprodutor e produtor de culturas. Também, porque, na visão deste estudo, uma das maiores funções da Literatura é a educação, seja para o bem e para o mal, a escrita e a leitura forneceram e fornecem subsídios para escritores e leitores repensarem e articularem por meio da arte a história da humanidade. Seja para questionar sistemas de poder vigentes para reforçar suas medidas, ou para simplesmente permitir suportar por meio do deleite a falta de liberdade e democracia. Se não fosse por isso, certos governos antidemocráticos e opressivos como evidência a história, queimaram ou tomaram medidas para retirar, ou, por outro lado disseminar o uso e a circulação de determinadas literaturas? Porque, inegavelmente, a literatura é pedagógica.

Sobre a História da Educação, ainda há outro aspecto, em particular, do AVM, ele está preservado em uma universidade jesuíta, reconhecidamente uma referência em pesquisa e

educação nacional e, pode-se dizer, com alguma inserção internacional. Esse atributo lhe confere alguma especificidade, nesse sentido, a circulação e oportunização de seus documentos para estudos pode ou pelo menos deveria ser maior e melhor por meio dessa custódia documental.

Considerando que Vianna Moog foi um intelectual de seu tempo, reforço que compilou um complexo arquivo pessoal. Por consequência, os arquivos privados de escritores são, no mínimo, uma possibilidade de conhecermos os caminhos dos autores e suas trajetórias. São uma oportunidade para compreendermos seus processos de escrita por meio da salvaguarda dos artefatos utilizados por esses literatos para a elaboração de suas obras. Ao transformarmos esses artefatos em documentos arquivando-os em espaços próprios que facilitem o acesso para a pesquisa estaremos reconhecendo e estimulando seu valor histórico.

Da mesma forma, para pensar algumas questões da Educação, seja pela disseminação de editoras e publicações que ocorreram no período em que Moog constituiu-se como um escritor ou por inúmeras produções em que ele discutia temas que afetaram e afetam até a atualidade a educação brasileira. E, assim, é possível compreender uma lógica de produção literária que imprimia e reproduzia valores sociais, políticos e econômicos em voga e identificar comportamentos cotidianos de indivíduos em uma sociedade.

Em vista disso os artefatos memorialísticos, em especial de escritores, são importantes para a História da Educação. Para Galvão e Lopes “os autores não são somente testemunhas da escola de sua infância ou da idade adulta: eles são intérpretes sensíveis e apaixonados dos processos familiares e sociais (2010, p. 73)”, pois, de fato, a educação não é um processo isolado e essas questões são intrínsecas a ela.

Isto posto, compreender o arquivo pessoal de um escritor é, antes de tudo, identificar as formas de produção da escrita e da leitura de uma sociedade que se constitui e se articula por meio da educação de várias formas. Seja pelo acesso a ela negado, mesmo na atualidade em que tanto se diz sobre facilitar os meios para a disseminação da leitura e da escrita, ou pelo privilégio que nem todos têm de ler e escrever. O arquivo pessoal de um escritor, devidamente analisado, pode fornecer subsídios para se pensar em políticas educacionais para a educação.

Por meio do entendimento de que uma população só evolui ao entender seus processos sociais, e assim, é possível vislumbrar possibilidades reais de crescimento educacional. Portanto, o arquivo de um escritor é fonte de inúmeras vias para se pensar a história da educação em distintos períodos históricos, em específico, as vias percorridas por escritores para que fossem escritas e publicadas suas obras, enfim, seus textos.

Conforme Carvalho reconhece em seu trabalho de doutorado a partir dos estudos realizados no Arquivo Vianna Moog (2011, p. 21)²⁸,

[...] esse modo de observação das diversas faces do autor talvez sirva mais como forma de identificação do texto em questão, ou ainda, como ferramenta que permita situá-lo no meio em que está inserido, seja entre intelectuais contemporâneos de sua geração, seja no meio jornalístico, ou político em detrimento de uma expressão que vise enquadrá-lo numa determinada condição pré-estabelecida e reconhecida como sendo unicamente do romancista.

Com isso, seus documentos são indícios de tempos que são, fundamentalmente, históricos. Dessa maneira, interpretar essa cultura material na visão de Samara e Tupy é importantíssimo. Segundo (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 63):

[...] agregar a dimensão cultural aos estudos de organização material do núcleo doméstico, estudando os objetos e os artefatos, inova a historiografia, pois busca entendê-los no viver cotidiano, bem como as relações de uso e troca criadas pelos mesmos.

Desse modo, evidencia-se a pertinência da História da Cultura Escrita com Gómez (2002, p. 15), ao afirmar que essa:

[...] como objeto de reflexión, debate e investigación hasta puede que atraviesen por uno de sus momentos más fértiles. Indudablemente todo ello ha tenido mucho que ver con las inquietudes despertadas por la entrada en un mundo donde se empiezan a percibir transformaciones importantes y paralelas en las técnicas de producción de la escritura, en los soportes de su difusión y en las modalidades de su apropiación.

A história é narrativa e, por conseguinte, passiva de constantes análises, assim como os limites entre a narrativa histórica e a literária são demarcados por linhas tênues, que necessitam uma melhor compreensão. Necessitamos de novas miradas, entender certos processos sociais como o caso do arquivamento de si, já não demanda os mesmos olhares, as mesmas perspectivas. É necessário estabelecer um regime de verdade e compreender melhor os acontecimentos culturais cotidianos, pois são também, inegavelmente históricos.

Dessa forma, conforme Mckemmish, ainda que “uma ‘narrativa do ‘eu’ jamais venha a ser escrita, manter registros, em especial um diário, pode ser um meio de dar seguimento a

²⁸ Enildo de Moura Carvalho em sua dissertação de mestrado (2006) analisou a cultura brasileira e norte-americana nas obras de Moog e Érico Verissimo. Posteriormente, Carvalho (2011), em tese de doutorado, *Na terra de Malazarte e Aleijadinho: Vianna Moog, um intérprete do Brasil*, analisou principalmente os textos não ficcionais do autor.

uma narrativa particular” (2018, p. 242). E isso torna os arquivos pessoais fundamentais para a compreensão de uma coletividade. Assim, Veyne (2008, p. 12) reforça que “os historiadores narram fatos reais que têm um homem como ator “a história é um romance real” e, por conseguinte, pensar o arquivo pessoal de um escritor brasileiro é, no meu entendimento, uma possibilidade de ampliar as possibilidades para a História da Educação.

A narratividade da história lhe confere algumas especificidades que a legitimam, visto que, ainda que não faça reviver o momento em foco, realiza operações de seleção, de simplificação e organização e “faz com que um século caiba numa página”. (VEYNE, 2008, p. 18). Tal qual o faz o indivíduo ao preservar um artefato como indício de sua passagem por determinada época, ou evento, por ele significado. O historiador faz escolhas, realiza cortes e interpreta o que lhe convém de acordo com seus entendimentos de mundo e seus objetivos. Essas subjetividades revelam jeitos de ser e estar em sociedade.

Discuto aqui sobre o aspecto idiossincrático e legislativo dos documentos, como escrituras, registros civis e patrimoniais. Por isso, os usos e fins que atribuímos aos documentos em nossa vida cotidiana são bastante diversos, lidamos com enfoques jurídicos ou com enfoques pessoais. A função que costumamos dar aos documentos, especialmente na atualidade digital, ou seja, o lado burocrático da vida, aquilo que nos obriga a lidar diariamente com nossos sinais, nossa legitimidade enquanto cidadãos civis é também um impulso humano da modernidade. Além disso, chamo a atenção para o aspecto pessoal, para o carácter individual que é atribuído aos nossos indícios, aos nossos documentos de vida. Cox (2017, p. 213) alerta que “até quando escrevemos uma mensagem pessoal de condolências ou felicitações, algo que não é obrigatório por lei, estamos respondendo a impulsos culturais fundamentais internalizados”. As comprovações, os manuscritos, os impressos, os nossos objetos diários são, antes de tudo, manifestações culturais de legitimação social.

Por isso, os arquivos pessoais são identitários, são próprios de cada indivíduo, mas são circunscritos numa sociedade que é produtora e ao mesmo tempo produto de culturas. O que uma empresa faz ao revisar seus documentos em determinadas ocasiões, nós, similarmente, o fazemos, muitas vezes, seja para revisar alguns processos administrativos, ou para descartar o que já não possui relevância jurídica ou pessoal.

Revisitamo-nos sistematicamente por meio da memória contida nos arquivos pessoais. Para Cox (2017), todo o documento que examinamos- uma carta, um cheque, um recibo ou um formulário jurídico- é o resultado de gerações, talvez séculos de desenvolvimento. Percebemos aí o que há de mais fundamental nos arquivos individuais, a coletividade do

peçoal. O peçoal que revela o coletivo, aquilo que um testemunho pode fornecer de indícios de uma sociedade em constante transformação ou reafirmação.

Metodologicamente, optei por trabalhar com a análise documental histórica, pois, segundo Samara e Tupy, “nem todo registro escrito é um documento histórico e nem todas as fontes históricas apresentam-se como documento escrito” (2010, p. 69). A sua relevância não é necessariamente definida pela sua materialidade. O documento devidamente analisado e, de acordo com pressupostos teóricos que justifiquem a sua importância para a pesquisa devido às suas origens e as suas condições de produção, deve fornecer subsídios fundamentais à pesquisa na área das ciências humanas.

Não se trata de entender que tudo é fonte, é arquivo ou é documento histórico, mas de estabelecer que, no caso de alguns guardados de um escritor como Vianna Moog, é possível ampliar as discussões sobre um momento histórico do Brasil e do mundo. Além de aumentar as referências quanto às maneiras de produção escrita e de leitura de escritores contemporâneos de seu tempo.

Em vista disso, as fontes históricas exigem um aprofundamento quanto ao seu uso científico. Não basta retirar dados delas como se fossem estanques, reproduzir informações, mas criticamente analisar, além da sua materialidade estrutural, as condições de produção de tais documentos. Quem os produziu? Em que contexto eram utilizados? Qual a sua finalidade? Por que e como os preservou? Ou seja, a circulação em um meio social e as suas funções textuais que por tabela são sociais. E seu uso para estudo deve estar atrelado a demais documentos, não necessariamente da mesma circunstância de produção.

Não basta investigar os documentos salvaguardados num arquivo pessoal, mas compreender como esse processo ocorreu, porque como tal, a salvaguarda de patrimônios documentais é um fenômeno histórico, e o testemunho de alguns agentes intimamente implicados nesse movimento de preservação pode qualificar o estudo. Além dos documentos utilizados para entender o processo de arquivamento, bem como a estrutura e a materialidade dos artefatos salvaguardados, as memórias orais foram outra fonte utilizada para a realização do estudo.

A História Oral, entendida como metodologia, cumpre um papel bastante relevante na investigação. Tendo em vista que por meio dela, aliada a outros documentos, a narrativa histórica pode tornar-se muito mais rica, complexa e completa. A fonte oral pode ser tão subjetiva quanto à fonte escrita, portanto, sua relevância científica também exige rigorosidade e o devido tratamento pelo historiador. Assim, ampliar as referências científicas também

alarga a gama de objetos a serem discutidos e problematizados. Conforme Alberti (2006, p. 163), aumentar o interesse:

[...] pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade-temas que, quando investigados no “tempo presente”, podem ser abordados por meio de entrevistas de História Oral.

A interpretação do passado é um risco porque, na verdade, buscamos uma maior compreensão dele, e em meu caso, compreender melhor um arquivo privado em sua gênese, bem como a lógica de organização desde o privado até o institucional é de suma relevância. O que se pode inferir, após a interpretação de documentos de um arquivo privado pode fornecer subsídios para explicar o passado, compreender o presente e aumentar a oportunidade de um futuro diferente. Não há futuro sem passado. Por isso, o risco de uma visão deturpada e linear sobre as fontes a serem utilizadas existe e deve ser discutido inúmeras vezes.

Ao optar pela análise documental histórica vinculada com a História Oral, não o faço somente porque realizo entrevistas, posto que isso não basta para justificar o uso de fonte oral. Dessa forma, percebo que alguns indícios somente a História Oral pode fornecer. Não se trata de estabelecer verdades acerca do objeto eleito, contudo, melhor decifrá-lo e para tal, quanto mais subsídios históricos foram articulados melhor será a compreensão sobre o objeto de estudo.

Assim, concordo com Alberti (2006, p. 164) ao acrescentar o fundamento de que “o fato de uma pesquisa de História Oral ser interdisciplinar por excelência constitui, pois, mais um fator que favorece bastante sua aceitação por parte de historiadores e cientistas sociais”. Os relatos devidamente articulados com outras fontes documentais alargam a interpretação do objeto, tornam maior a sua compreensão e a sua relevância científica.

Para este estudo, elegi os depoimentos de Isabel Cristina Arendt e Enildo de Moura Carvalho por sua inequívoca relação com o processo de salvaguarda da documentação do escritor e, portanto, com a pesquisa que realizo. Com relação à Isabel Arendt, ela era uma das responsáveis pela captação e compilação de outros arquivos no Memorial Jesuíta, à época da aquisição do arquivo Vianna Moog. O fato de ter sido minha professora na graduação pode ter contribuído com a disposição em conceder um tempo para conversarmos, bem como seu envolvimento e crença no espaço do qual participou por mais de 20 anos na Unisinos.

Conversei com Isabel sobre a experiência dela no Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros, do qual participou durante bastante tempo no período de sua graduação no curso

de Letras Português/Alemão, sendo bolsista do Goethe Institut – IFLA, na mesma universidade. O café para discutir sobre a aquisição do Arquivo Vianna Moog, pela universidade, conferiu mais aroma e sabor à nossa conversa. Surgiram questões sobre os arranjos para receber os materiais no Memorial Jesuíta, sobre as suas funções na universidade, desde a iniciação científica na qual atuou como bolsista do professor Rambo e sobre as relações de poder entre algumas posições e disposições de salvaguarda.

Foi com ela que Enildo Carvalho fez os primeiros contatos para a vinda do arquivo pessoal de Vianna Moog para a universidade. Após ter tido o aval de Ana Moog para intermediar a negociação com universidades que atendessem as suas exigências para doação do patrimônio documental de seu pai, ele entrou em contato com possíveis universidades que atendessem as exigências da custódia.

Outro aparato metodológico que contribuiu com as análises do objeto foi o questionário²⁹ respondido pela arquivista inicialmente responsável pela organização dos materiais na universidade. Independentemente do instrumento utilizado para obtenção de dados, a História Oral cumpriu um papel fundamental na pesquisa que realizei.

De forma geral, o quadro 5 apresenta as principais informações de cada entrevista:

Quadro 5: Entrevistas realizadas

Nome do entrevistado/instrumento	Relação com o arquivo	Tempo da entrevista	Páginas da transcrição
Enildo de Moura Carvalho/entrevista piloto gravada em áudio	Interlocutor entre Ana Moog e Unisinos	02 horas	65
Isabel Cristina Arendt/entrevista piloto gravada em áudio	Responsável pelo Memorial Jesuíta	01h30	48
Débora Flores/ questionário enviado por e-mail	Arquivista/ consultora responsável pela organização dos documentos no Memorial Jesuíta	Questionário	02

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Conforme se pode observar no quadro 5, foram realizadas duas entrevistas e um questionário. As entrevistas somadas, contabilizam o total de 3h 30 min de gravação, bem como 113 páginas de transcrição, acrescidas ainda de mais duas páginas do questionário.

²⁹ Em anexo.

Isabel foi entrevistada na Unisinos, Enildo no Hotel Magestic, local escolhido pelo entrevistado e creio que propositalmente, pois lá morou Vianna Moog. Não foi possível conhecer pessoalmente Débora, mas nos comunicamos via e-mails.

Durante a entrevista sobre a aquisição do arquivo pela universidade, Isabel Arendt, relatou que as tratativas com a família do escritor e as ações iniciais dessa doação foram permeadas por Enildo de Moura Carvalho. Fato até então desconhecido por mim.

A expressão “justiça seja feita” foi utilizada por Isabel ao relatar a participação de Enildo de Moura Carvalho na aquisição do AVM. Foi por meio dessa entrevista que fiquei sabendo da participação dele no processo de aquisição do AVM. O que reforça o valor da entrevista piloto, porque no momento inicial de investigação se revela uma proposta muito mais de descoberta do que de direcionamento específico. Se eu tivesse ido aos encontros com os entrevistados com um roteiro de perguntas pré estabelecido, fixo, duro de certa forma, não teria descoberto o que descobri, porque, até então, eu mesma não tinha pensado nesse papel de interlocução que ocorre entre o proprietário particular dos arquivos e as instituições de salvaguarda.

Num entendimento prévio e de senso comum, pensava que a família que tratava desses trâmites normalmente, mas descobri que não é sempre assim. Essa ação de mediação e negociação entre a família e a instituição de custódia de documentos pessoais nem sempre ocorre por via de um familiar, muitas vezes, é um terceiro agente que realiza. Também não encontrei nos bancos de dados nenhum trabalho que evidenciasse essa perspectiva.

Por isso, há uma lacuna a ser preenchida no quesito deslocamento de arquivos do âmbito privado para o âmbito institucional. Ocasionalmente, as pesquisas descrevem os materiais salvaguardados, os locais de preservação, o produtor do arquivo, mas nada dizem sobre esses processos de realocação. Os quais influenciam diretamente na constituição dos arquivos pessoais em instituições de ensino, fundações, enfim, interessados em um conjunto de medidas que garantam a integridade e preservação de arquivos memorialísticos, independentemente das intenções para seu uso, ou seja, instituições de custódia de documentos. E esse fato torna o estudo proposto ainda mais relevante.

Alberti salienta que “preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo, leva tempo e requer os recursos financeiros” (2006, p. 165), creio que, além dos procedimentos básicos de uma entrevista estão as pessoas nela envolvidas. Tanto a pessoa que irá propor o encontro para a realização da entrevista, quanto a pessoa entrevistada, realizam movimentos subjetivos que ocorrem de maneira distinta em cada pessoa. É importante que o entrevistador tenha o cuidado com a escuta, que

saiba ouvir, que saiba calar e limitar-se a não emitir opiniões ou julgamentos. São virtudes de um bom entrevistador, e as mais difíceis de serem alcançadas. Recordo com bastante zelo tanto de Isabel quanto de Enildo porque foram especialmente solícitos comigo. Os dois estiveram intimamente imbricados nesse processo que envolvia os trâmites e o traslado, além da salvaguarda do arquivo na instituição. Isabel por parte da universidade e Enildo como interlocutor de Ana Maria Moog Rodrigues.

Essas sociabilidades que a História Oral nos permite, sempre foram cruciais para mim. Esses detalhes me impressionam porque conferem outras proporções ao estudo, uma vez que tratam de gente. A mesma gente que me acolhe no Memorial Jesuíta cada vez que vou lá e solicito algum material, os quais prontamente me disponibilizam, e se prontificam a auxiliá-me no que for necessário. É essa dimensão da pesquisa que confere humanidade e um aprendizado que extrapola as páginas da Dissertação.

Desde o início das tratativas, esclareci que tinha objetivos pré-concebidos, como entender os trâmites desse deslocamento e quais foram as primeiras ações da universidade em prol do recebimento do arquivo, da organização e da disponibilização para consultas. Também queria entender como ocorreu a reorganização do arquivo no âmbito institucional. Disse que esse era o roteiro que pretendia manter na nossa conversa, mas que era muito importante que isso não os limitasse e que a contribuição deles era fundamental. Enfatizei que acreditava que os apontamentos trazidos por eles em torno desse tema, tendo em vista as posições que ocuparam, eram muito importantes, pois não tinha encontrado nada sobre essa acomodação do arquivo pessoal de Moog. Dessa forma, creio que os mantive mais abertos a contribuírem com a pesquisa, porque não tinham que direcionar suas participações com meus pressupostos e que com o roteiro proposto para a conversa trariam o que lhes fosse mais significativo.

Eu não poderia antepor o que os fatos ocorridos tinham significado para eles, falava de um lugar que era meu, e queria saber qual o lugar deles, não tinha hipóteses pré-concebidas, queria conhecer o processo dessa transição. Coloquei-me ao lado deles para conhecer o caminho percorrido pelo arquivo Vianna Moog desde Petrópolis/RJ até a Unisinos/RS.

Cada entrevistado foi informado sobre as minhas intenções ao estudar o AVM, tanto pessoalmente, como por e-mail ou por rede social. Procurei deixar claro que pretendia ter com eles uma conversa sobre a constituição do arquivo na universidade e qual o papel deles nessa aquisiçãoC conforme Thompsom (1998, p. 254), “[...] a melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante a entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e

informações. Com a ajuda destas pode de definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo”.

Nessa orientação, no primeiro momento com cada um deles, foi realizada uma entrevista piloto, entendida por Thompson (1998 p. 254) como um levantamento de dados para o estudo, um mapeamento exploratório do objeto que pode ampliar as possibilidades. É por meio dela que informações novas e documentos novos são descobertos, talvez inesperados, e são possíveis novas correspondências. Dessa empreitada podem surgir outras entrevistas.

Da mesma forma que Zago (2006, p. 293) propõe “contatar pessoas pela posição que ocupam ou pelos conhecimentos que detém do local estudado” porque são elas que fornecem alguns indícios ou contatos primordiais. Portanto, não se trata de uma escolha aleatória e sim bastante fecunda, já que não vai diretamente ligada a uma hipótese para confirmação, mas confere uma não linearidade ao estudo.

Coloca-me como possível questionadora de “interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas” (ZAGO, 2006, p. 165), fato percebido com o que ocorreu com a informação que li e ouvi em muitos momentos de que o arquivo Vianna Moog ficou em São Leopoldo porque tratava-se de uma relação pessoal do escritor com a cidade natal. Segundo Carvalho (2019), essa constatação é improvável. Tendo em vista que os filhos nasceram em outros países e que ao conversar com Ana Moog, um dos pré-requisitos para a doação do arquivo à universidade em questão era o de que a universidade que o receberia deveria ter uma sala climatizada adequadamente.

Além disso, havia uma determinação específica: que houvesse um cofre que protegesse “artigos valiosos” Carvalho (2019), como as medalhas e honrarias que seu pai recebera durante sua vida, bem como alguns objetos pessoais singulares. O que reforça a ideia de que “a capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica- e nesse sentido permite a mudança de perspectiva” (ZAGO, 2006, p. 167). Justamente por isso, entendo que pessoas como eles, por meio das entrevistas que me concederam, podem contribuir com a pesquisa em minha perspectiva de análise. Existem questões que somente eles podem me apontar, e a partir de suas contribuições posso obter argumentos sobre arquivos pessoais de magnitude consideráveis para a minha pesquisa, bem como para a constituição de outros arquivos em espaços de pesquisa como universidades e fundações guardiãs de patrimônio documental.

Os bastidores desses processos de salvaguarda de documentos tanto no âmbito pessoal, quanto profissional têm que ser mais investigados, compreendidos, enfim, analisados

criticamente. É só por meio do conhecimento mais aprofundado é que poderemos entender os movimentos de preservação de vidas inteiras por via documental. Contudo, não me coloco em posição de certificar dados, de contrapô-los, mas de conferir à pesquisa uma flexibilidade e rigorosidade fundamentais para as concepções nas quais acredito, porque quanto mais subsídios o pesquisador obtiver por meio de indícios, documentos, depoimentos acerca do objeto analisado, melhor será seu entendimento e melhor serão respondidas suas perguntas.

A relação com Enildo não era tão próxima, pois não sabia de sua existência até conversar com Isabel, mas ele, desde o primeiro contato por telefone, destacou que queria me acolher em sua casa, da mesma maneira que fora acolhido por Ana Moog em Petrópolis/RJ.

O aspecto financeiro e o tempo que uma pesquisadora iniciante e trabalhadora como eu dispõe não permitiram a visita, mas ele escolheu o local “do primeiro encontro”, destacando que teríamos que ter outros porque “tínhamos muito que conversar” e dizer. Também pensou num café no centro da cidade de Porto Alegre, no Hotel Magestic³⁰, atual Casa de Cultura Mário Quintana. Conversamos no mesmo hotel em que morou Vianna Moog e sua esposa Frigga Câmara. O contato posterior à entrevista ocorreu por meio de rede social. Desde o início das tratativas, Enildo mostrou-se solícito e sempre respondeu minhas inquietações e dúvidas de maneira solidária.

Nessas conversações, contou-me que os movimentos iniciais de contato com o arquivo do escritor deram-se por meio de uma constatação que fez ao preparar seu trabalho de Dissertação de Mestrado. Ao participar da seleção de Mestrado no Programa de Pós-graduação em História da Unisinos, deparou-se com a perspectiva de que se a maioria dos autores do período em que viveu Vianna Moog, possuíam arquivos pessoais ele também deveria ter o seu. Assim, começou a fazer algumas pesquisas, buscas para encontrar informações sobre o autor e seu paradeiro. Descobriu que Moog morava no Rio de Janeiro quando morreu, e que lá deveria ter alguém de sua família. Assim, após encontrar uma única família Moog no estado do Rio de Janeiro, e sendo ela, justamente, a de Clodomir Vianna Moog, iniciou o árduo processo de contatos telefônicos.

Inicialmente, contatou por telefone uma neta, com ela conseguiu o número de telefone de um tio o qual após muita insistência, forneceu o contato de Ana Maria Moog, filha do escritor. Sua insistência e determinação fizeram com que fosse possível um contato com a

³⁰ O Hotel Majestic teve seu auge nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Durante esse período teve como hóspedes grandes nomes da política, como os ex-presidentes Getúlio Vargas e Jango Goulart, e do mundo artístico, como Vicente Celestino, Virginia Lane e Francisco Alves. A Casa foi nomeada em homenagem a um dos maiores poetas brasileiros, Mário Quintana, nascido na cidade gaúcha de Alegrete mas que adotou Porto Alegre como sua cidade de coração. O escritor viveu no hotel entre 1968 e 1980, no apartamento 217. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Cultura_Mario_Quintana>.

familiar que tinha a custódia dos documentos do escritor. São esses entendimentos e enfrentamentos que proporcionaram a pesquisa em muitas áreas, são essas ações pontuais desenvolvidas por indivíduos ou grupos que garantem uma vasta perspectiva de estudos nas mais variadas áreas do conhecimento.

O que me fez lembrar de um estudo semelhante, Marcos Hinterholz também se empenhou e moveu muitos obstáculos para arrumar um lugar para abrigar os materiais que seriam descartados da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida-CEUACA³¹. É impossível, no momento, prever as inúmeras possibilidades para a produção científica a partir dos documentos que agora fornecem subsídios para se pensar na história da moradia estudantil, entre tantas outras questões. Atualmente, os arquivos da CEUACA estão abrigados no Arquivo Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul³², assim como o arquivo pessoal de Vianna Moog está preservado no setor de Coleções Especiais do acervo do Memorial Jesuíta.

O esforço de Enildo lhe rendeu bastante, pois com base em seus achados no arquivo pessoal do autor ele escreveu sua tese de doutorado, *Na terra de Malazartes e Aleijadinho. Vianna Moog, um intérprete do Brasil*, trabalho selecionado para leitura conforme quadro um. Esses movimentos que visualizo, tanto de Enildo quanto de Isabel, mas também de Marcos, que são, de certa forma, isolados, visto que não encontrei trabalhos sobre essas particularidades dos arquivos, me impressionaram. Creio que são investimentos e ações pessoais que são decisivos para a preservação e acesso de outras pessoas aos memoriais, aos acervos e aos artefatos de tempos e pessoas distantes.

Contudo, documentos descartados, mal conservados, ignorados ou esquecidos são situações e questões com que muitos pesquisadores se deparam constantemente porque a cultura de preservação de artefatos memorialísticos necessita ser revista e ampliada. Falta uma maior compreensão sobre documentos pessoais como subsídios históricos, mas reitero que compreender o seu passado é algo primordial para a evolução humana.

³¹ Marcos escreveu sua Dissertação de Mestrado intitulada O lugar onde a casa mora: Memórias sobre a Casa do estudante universitário Aparício Cora de Almeida- CEUACA (1963-1981). Na sua trajetória estudantil ele descobriu que os documentos “da casa” seriam descartados para desocupação do prédio em que estavam. Ele iniciou um árduo processo de contatos e gastos pessoais para conseguir um novo abrigo para os documentos. Atualmente o arquivo da CEUACA está sob a salvaguarda do Centro Histórico do Rio Grande do Sul. Houve uma exposição em 2018, no mesmo local com fotografias, pôsteres e outros materiais visitados por um número considerável de pessoas, pesquisadores, estudantes, ex moradores “da casa” também visitaram a exposição. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172174/001058392.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

³² O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) é uma instituição cultural privada, sem fins lucrativos, que tem como objetivo preservar a memória cultural do Rio Grande do Sul, Brasil.

Assim, retomando a discussão, muitas vezes, não se sabe do percurso feito pelo material estudado, pois, de fato, não se pensou nessa perspectiva. Ou, talvez seja porque os investimentos financeiros são escassos, ou porque não exista propriamente uma cultura de preservação e estudos sobre arquivos pessoais. Creio que no aspecto brasileiro seja uma questão cultural, isto é, preservar a nossa história por meio dos indícios do passado é algo que não foi devidamente incentivado, ou melhor, serviu muito bem a determinados grupos o esquecimento, a não problematização de nossa história.

Portanto, compreender melhor o processo de aquisição do arquivo Vianna Moog pela Unisinos é um foco bastante relevante. Acredito que tão importante quanto pesquisar o arquivo no setor de Coleções Especiais é saber sua trajetória pregressa de constituição. Saber também das seleções, das implicações de uma universidade ao assumir para si o papel de mantenedora de alguns fundos e arquivos pessoais. Vale destacar o empenho da instituição em salvaguardar documentos. A compilação da maioria dos arquivos que estão no Memorial Jesuíta ocorreu a partir de uma normativa que a universidade impôs que tratava de angariar e concentrar documentações espalhadas por vários locais em um único espaço. Segundo Isabel, havia muitos materiais de outros arquivos em casas de jesuítas, e na antiga sede, localizada no centro da cidade de São Leopoldo.

Por isso, além dos livros e materiais didáticos da educação que pertenceram ao antigo Colégio Cristo Rei (São Leopoldo), Colégio Anchieta (Porto Alegre) Colégio Catarinense (Santa Catarina) destinados à formação dos jesuítas na Região Sul, foram arrecadados e preservados os documentos espalhados pelos distintos espaços da instituição.

Depois da nova normativa da universidade foram concentrados no Memorial Jesuíta. Local específico que tinha como objetivo inicial preservar a história da atuação dos jesuítas na América Latina, jesuítas da Companhia de Jesus. Assim, o Memorial Jesuíta possui em seu acervo um espaço denominado Coleções Especiais o qual abriga fundos diversos, dentre eles o AVM. Fundamentalmente, os arquivos privados constituem-se em espaços domésticos, mas sua disseminação e disponibilização para estudos e investigações que possam produzir conhecimento ocorrerão, essencialmente, em espaços institucionais públicos. O que ocorre é que, mais comumente, esse tipo de arquivo é salvaguardado em acervos maiores, que comportam outros documentos, como no caso do Memorial Jesuíta. Esse local é mais propício a facilitar o acesso aos interessados em conhecer ou pesquisar os documentos do escritor.

O deslocamento do espaço doméstico para a âmbito institucional de arquivos pessoais não é algo tão recente, no que se refere a arquivos privados adquiridos por fundações e universidades públicas ou privadas, entidades de custódia documental. Por isso, a negociação

que ocorreu entre a filha de Clodomir Vianna Moog e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos, não é um caso isolado. No entanto, a forma que ocorreu essa interlocução é única,

Um dos aspectos que torna mais relevante este estudo é que numa sociedade do efêmero e do descarte, preservar arquivos do passado pode parecer não ter muito valor, no entanto, justamente por ser assim, é que entendo a relevância da salvaguarda de arquivos. Percebo na atualidade, mais especificamente no Brasil, há uma indiscutível necessidade de estabelecer algumas noções básicas da história do nosso país. Acontecimentos podem ser distorcidos, manipulados e utilizados com fins nada ortodoxos. Urge, portanto estabelecer o dever de memória presente nos arquivos privados. Segundo Haymann & Arruti (2012),

O tema da memória, na França, nos últimos anos, esteve imbricado a um amplo debate de natureza política acerca dos efeitos sociais de discursos e práticas associados ao “dever de memória”, expressão cunhada ao longo dos anos 1990 e que remete à ideia de que memórias de sofrimento e opressão geram obrigações, por parte do Estado e da sociedade, em relação às comunidades que as carregam.

No entendimento deste estudo, o AVM é um espaço que tem a possibilidade de reivindicar o dever de memória tendo em vista que os materiais salvaguardados de Vianna Moog foram produzidos e compilados e têm registros desde 1906 até 1988. Nesse meio tempo houve uma Ditadura Civil Militar no Brasil. Moog, como tantos escritores, foi também um pesquisador que por meio da literatura expressava o que via, ou percebia ausente na sociedade da qual fazia parte. E as páginas dos seus livros demonstram evidências sócio- históricas dos movimentos realizados pelo autor para a sua produção escrita e vida pessoal, correlacionados com a temporalidade de publicação de suas obras. Por meio delas, é possível visualizar que ele fez relações com fatos históricos, pois uma das marcas do autor era de recorrer às suas reminiscências para escrever seus livros e fazer pesquisas em documentos e outras literaturas.

Suas fotografias, os jornais em que escreveu sobre as questões brasileiras são fontes históricas que, devidamente analisadas, encerram aspectos de determinados períodos bastante difíceis no país e no mundo. Portanto, seu arquivo pessoal sob o olhar atento e rigoroso de pesquisadores e historiadores pode potencializar e privilegiar a revisão e problematização da própria história. Em suma e, consoante com Haymann e Arruti (2012, p. 15):

[...] afirmar o dever de memória corresponde a defender a ideia de que cada grupo social, em outro tempo vítima e hoje herdeiro da dor, pode reivindicar reconhecimento pelo prejuízo sofrido, celebração de seus mártires e heróis, e reparação simbólica e material.

Para aqueles que ainda negam ter havido uma Ditadura Civil Militar no Brasil, para aqueles que não entendem a censura e seus poderes devastadores sobre as manifestações literárias e culturais, é importante salientar que existem evidências contundentes sobre um passado sombrio brasileiro nos arquivos pessoais. As marcas desse triste episódio nacional podem ser percebidas nos arquivos privados de escritores como Vianna Moog.

Destaco ainda que, por meio de pesquisas que já estão sendo feitas no AVM, o material de Vianna Moog já oportuniza a produção de conhecimento em vários níveis, seja de Doutorado, Mestrado ou Graduação. Foi o que fez Vanessa da Veiga, orientada pela professora Eliana Pritsh, umas das professoras que participou da mesa de convidados na cerimônia de doação do arquivo de Moog para a Unisinos (2015). Em seu Trabalho de Conclusão de Curso- TCC - (2017, f. 35)³³, afirma que Moog,

[...] no período entre 1964 e 1985, não assume oposição à ditadura militar. Isso pode ter sido um fator marcante para o seu “esquecimento” como autor, na medida em que ele silencia quanto ao caráter autoritário e repressor do regime. Talvez isso também se reforce possivelmente por seu irmão, Olavo Vianna Moog, ser general e comandante militar na época.

A afirmação procede, mas pode ser interpretada de forma distinta, tendo em vista os materiais presentes no arquivo por meio das escritas marginais. É possível perceber algumas estratégias utilizadas pelo autor para justificar a ausência de *Mitsu*, que podem ser uma representação da democracia distante. Da mesma forma, o trecho serve para elevar a importância do arquivo pessoal do autor como indício de uma oposição dissimulada a um período político, num momento igualmente complicado para Clodomir Vianna Moog posto que ele tinha uma relação parental com o general Olavo Viana Moog. O que pode ter dificultado uma oposição crítica e pública, no entanto, não é prudente interpretar a posição do autor como passiva, entendido que os arquivos preservados evidenciam a censura literária existente. E, acredito que quem quer negar, não deixa rastros.

Descrever e compreender esses deslocamentos que implicam olhares cuidadosos, exige esforços e apostas no patrimônio documental histórico. Os arquivos pessoais de escritores são, em específico, uma possibilidade de conhecermos os caminhos dos autores e suas trajetórias, compreendermos seus processos de escrita, e de vida pessoal em certa medida. Como tal, é importante investir na salvaguarda dos artefatos utilizados por esses literatos para construir suas obras. Ao transformarmos esses artefatos em documentos

³³ A sua obra não ficcional de maior sucesso, na área da sociologia e da história, foi *Bandeirantes e pioneiros*, estudo social, publicada em 1954 e que teve grande repercussão nacional e internacional. Trata-se de um estudo comparativo entre duas civilizações, a brasileira e a norte-americana

arquivando-os em espaços próprios para esse fim, e investindo na produção de conhecimento por meio da realização de pesquisas de cunho historiográfico, estaremos também preservando muito mais do que objetos, estaremos, quiçá, fornecendo subsídios para a compreensão da história da humanidade.

4 VIANNA MOOG: DO PESSOAL AO INSTITUCIONAL

Eu conheço o medo de ir embora [...] Não saber o que fazer com a mão [...] Gritar pro mundo e saber que o mundo não presta atenção [...] O futuro agarra sua mão. Será que é o trem que passou, ou, passou quem fica na estação? Eu conheço o medo de ir embora E nada que interessa se pode guardar Lembra se puder, se não der esqueça. De algum jeito vai passar. (Oswaldo Montenegro).

O trecho da canção do DVD de Oswaldo Montenegro, gravado no apartamento do cantor³⁴, além de marcar um momento específico da minha vida, denota o que acredito, o que aprendi e o que proponho. Intenciono um olhar sobre os arquivos pessoais numa perspectiva de entendimento sobre o passado para compreender que algumas relações que se estabeleceram em outro período perpetuam-se no presente.

Sem memória não existimos, porque nos constituímos por meio dela. Nos edificamos sobre aquilo que fomos e planejamos ser, definimos nossos objetivos e traçamos nossas metas a partir de nossas trajetórias pessoais. Cada momento vivido reverbera em lembranças boas ou más, pois são trajetos de vida que produzem marcas no passado, no presente e para o futuro. Nesse sentido, Loriga (2009, p. 24) aponta que “a memória e a história compartilham a esperança de serem fiéis ao passado; ambas visam representar *em verdade* o passado.” Com isso, vale entender que representar não é ter o passado em mãos, mas sobre os indícios documentais dele tecer uma narratividade com certa coerência histórica.

Assim, produzimos arquivos de vida, deixamos traços memorialísticos, enfim, nos projetamos para o futuro pelo passado. Registramos nossa convivência social por meio de cartas, e-mails, fotografias, na atualidade, por redes sociais. Esses arquivos são um panorama, um registro da sociedade que o produziu, são evidências das percepções individuais de sujeitos que essencialmente são sociais, sobre jeitos de ser e estar no mundo.

Tal como para Cook (2018, p. 39) “levando em conta que os arquivos devem refletir de modo mais global a sociedade que os produz”, intento compreender a produção e o arquivamento de documentos pessoais em seu aspecto global e tenho plena ciência de que isso implica em deslocamentos e problematizações históricas.

Conforme esclarecido anteriormente, o presente trabalho teve como objetivo geral identificar as diferentes etapas que envolveram o processo de salvaguarda de documento, de

³⁴ O CD e DVD “Intimidade” é o registro de um show feito para convidados em 2008, no apartamento do cantor no Rio de Janeiro. A atmosfera intimista do trabalho faz com que o ouvinte realmente se sinta na sala de Oswaldo, compartilhando a paixão do cantor ao interpretar “Estrada Nova”, um dos melhores registros do CD. “Intimidade” é uma proposta da Som Livre, gravadora do cantor, de lançar shows gravados na intimidade do lar de artistas, o de Oswaldo é o segundo trabalho da série.

modo específico, o processo de constituição do arquivo Vianna Moog no Acervo do Memorial Jesuíta, localizado na Biblioteca Central da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Os objetivos específicos são descrever o processo de salvaguarda do arquivo pessoal de Vianna Moog desde a sua aquisição até a higienização, a conservação e a disponibilização para consulta no espaço institucional de uma universidade jesuíta. Analisar o arquivo pessoal do escritor Vianna Moog e sua potencialidade como documento histórico e para as discussões referentes à História da Educação.

Para tanto, apresentei o escritor, bem como discuti os pressupostos teóricos metodológicos que sustentaram essa pesquisa e fiz sua articulação com a história da Educação. Nesta etapa do estudo, pretendo evidenciar a caminhada realizada para melhor conhecer os arquivos privados, nesse caso, o AVM. Por meio dele, pretendo destacar algumas tensões percebidas por mim no campo arquivístico de preservação de documentos pessoais em instituições. Segundo Heymann e Nedel (2018, p. 7):

[...] a relação entre teoria e prática arquivísticas passou a ser discutida à luz do pressuposto de que os arquivos- como conjunto documental e instituição - e a arquivologia- como profissão e saber constituído- são construções sociais. Como tais, não estão imunes aos valores e convenções dos contextos nos quais se inserem, mas os expressam, operando como agentes sócio-históricos, como instâncias nas quais o poder, para usar as palavras de Jaques Derrida em seu *Mal d'archive*, é exercido sob a forma de legitimação- uma legitimação da autoridade e das hierarquias fundadas no arquivo.

Assim, urge entender que arquivo é bem mais do que o documento na sua constituição material, pois é crucial compreender as relações de poder que envolvem os processos de arquivamento e salvaguarda tanto no âmbito pessoal, quanto institucional. Como designa o termo, são processos, ações humanas, portanto sociais e históricos. Poder aqui entendido a partir de Michel de Foucault em Revel (2005, p. 67),

Foucault nunca trata do poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas de "relações de poder" que supõem condições históricas de emergência complexas e que implicam efeitos múltiplos, compreendidos fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo do poder.

São essas relações que se evidenciam, muitas vezes, em processos de salvaguarda, tanto no âmbito pessoal, quanto institucional. Fazem parte dos procedimentos arquivísticos, dos espaços físicos, da disponibilização para consulta e, até da hierarquização de documentação pelas possibilidades que a semântica tem e apresenta na consulta efetuada nos

sites onde estão identificados os títulos dos artefatos memorialísticos. Contudo, ainda retomando Foucault, em Revel (2005, p. 68):

Caracterizando as relações de poder como modos de ação complexos sobre a ação dos outros, Foucault inclui na sua descrição a liberdade, na medida em que o poder não se exerce senão sobre sujeitos - individuais ou coletivos - "que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas [...] podem acontecer.

A partir desses e de outros entendimentos segui na caminhada no encalço de entender melhor esses movimentos de salvaguarda de arquivos pessoais por instituições, nesse caso, uma instituição jesuíta. Ações que determinam a constituição de espaços de memória e as relações de poder por meio delas estabelecidas.

Assim, creio que seja importante retomar e contextualizar, nessa etapa do estudo, alguns conceitos assumidos para a realização da pesquisa tais como: arquivos pessoais, memória e história. Da mesma forma, apresento as análises a partir da investigação que fiz. Análises que me permitiram que alguns entendimentos sobre o tema dos arquivos privados fossem se delineando de maneira mais clara, pois, foi um percurso investigativo que se formalizou no caminhar orientado e com objetivos pré-definidos para essa estrada.

Não há *Estrada nova* sem reflexão sobre os caminhos percorridos. Assim, para pensar em novas possibilidades, pretendo discorrer sobre a preservação de arquivos pessoais, no caso, os documentos de Vianna Moog. Portanto, a proposta de novas trilhas perpassa pela memória. Para Nora (1993, p. 5):

[...] a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações.

Dessa forma, a historiografia registra, em torno da década de 1990, a crescente reflexão sobre “o poder que arquivos e arquivistas exercem sobre os campos da memória, do conhecimento e das identidades” (HEYMANN; NEDEL, 2018, p. 7). Assim, não é possível negligenciar a necessidade de ampliação e aprofundamento de pesquisas nos espaços de preservação da memória, seja ela individual ou coletiva. Ou seja, se vamos refletir sobre a narrativa histórica a partir dos subsídios fornecidos pelos arquivos pessoais, temos que, inevitavelmente, compreender como ocorrem os processos de salvaguarda de documentos

privados por instituições e também como são orientadas as ações de arquivistas na organização, ou realocação desses arquivos privados em instituições de custódia de documentação.

Por essas ações, por esses remanejamentos e por essas reorganizações é que se estabelecem as formas de disponibilização, de hierarquização e de descarte ou não dos materiais. Os documentos salvaguardados são fontes importantes, uma vez que, devidamente organizados, podem confrontar, muitas vezes, alguns entendimentos de senso comum acerca da história. Em outras palavras, a partir dos arquivos privados pode-se ampliar a gama de indícios sobre tempos e espaços históricos, visto que além da materialidade exposta nos documentos, existe a apropriação exercida sobre eles pelo produtor do arquivo, pelo trabalho arquivista realizado e pelo pesquisador.

Dessa forma, compreendo os arquivos pessoais a partir de Nora (1993), como lugares de memória, por isso, são passíveis de serem analisados e interpretados porque são fundamentalmente vestígios para a história. Nora lembra que memória (1993, p. 5) “é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais”, no entanto, é componente básico da existência humana. Nessa perspectiva, memória e história se complementam ainda que uma seja composta pelo ir e vir e a outra tente estabelecer uma narrativa do passado por meio da rigorosidade científica, posto que história é, antes de tudo, um processo heurístico e sistemático de análise de documentos de diferentes ordens.

Compreendo os arquivos pessoais em ampla conceptualização e dirijo-me ao arquivo pessoal de Vianna Moog alicerçada nos pressupostos da macro e da micro história, pois conforme Cardoso (2010, p. 31):

[...] a macro-história possibilita a construção de generalizações e a micro-história enfoca o sujeito, por que não unir essas duas abordagens para melhor compreensão da História? Para tanto, faz-se necessária a utilização de fontes que não só permitam a construção de séries, pela sua homogeneidade, como igualmente possibilitem a investigação dos indivíduos dentro da sociedade em análise.

Os atos de amearhar documentos de vida são processos históricos e tratam do aspecto pessoal do indivíduo social, são, pois, parte da história da humanidade. Conforme Stephanou e Bastos (2005, p. 417), memória e história, à exceção do passado como elemento comum, operam diferentemente, embora estejam imbricadas e mantenham íntimas relações. Por conseguinte, são distintas, mas se complementam na sua especificidade, visto que por história é:

[...] um campo de produção de conhecimentos, que se nutre de teorias explicativas e de fontes, pistas, indícios, vestígios que auxiliam a compreender as ações humanas no tempo e no espaço. É um trabalho de pensamento que supõe o estranhamento da análise, da produção de argumentos que possam validar, no presente determinadas leituras da realidade passada, uma vez que o conhecimento histórico é uma operação intelectual que se esforça por produzir determinada inteligibilidade do passado e não uma cópia. (STEPHANOU; BASTOS 2005, p. 417)

A partir disso, elucidar as intenções de Clodomir Vianna Moog, bem como de sua esposa e filhos ao preservarem algumas páginas de jornais com críticas sobre seus trabalhos, fotografias e outros documentos, é impossível. Ainda que sejam movimentos que a humanidade realize sistematicamente, são ações que cada indivíduo opera de maneira singular. Ainda assim, creio que seja possível compreender melhor esse processo que é comum ao ser humano moderno, pois é um ato de preservação através do tempo, de perpetuação de vidas pessoais e, antes de tudo, de memórias de vidas.

A partir do exposto acima, indago sobre algumas ações humanas como as que realiza um colecionador de selos³⁵, de papéis de carta ou de ingressos de shows, cujas canções acalentaram seu viver e estar no mundo, será que havia a intenção de que seus pertences preciosos virassem itens de um memorial, de um arquivo, ou de um museu? Talvez sim, talvez não. E se tinha, como ele queria que isso ocorresse? Pode ser que esses ajuntadores de objetos, de histórias e de memórias tenham em comum o desejo de perpetuar momentos, de vencer o tempo pela preservação e de não ir embora.

É possível eternizar momentos além da memória de cada um, ou melhor, é possível compartilhar as recordações de vida por meio de marcas físicas dela, ou seja, produzir um arquivo pessoal. Ainda que, conforme observa Artiéres (1997, p. 3) “[...] fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em enxergo certas passagens, enfim, apartamos o que nos convém”, ainda que tenhamos plena ciência de que *vai passar, de algum jeito vai passar*.

Percebo as evidências de um tempo distante dele, ainda que historicamente eu tenha sido afetada, pois olho para o ontem alicerçada no hoje e mirando o amanhã. Assim, devo compreender que isso tem influência em minhas análises. Analiso no presente um arquivo pessoal composto no passado e projetado para o futuro. Essa sobreposição de camadas temporais é decisiva na constituição dos espaços de memórias porque, antes de tudo, são

³⁵ O selo postal representa momentos, instantes da vida, propicia a materialização de uma paisagem representacional sobre um suporte fixo, traz dados e informações. O selo postal é um documento, é memória. (f.135). FIEGENBAUM, Maicon. Os “Pequenos Notáveis”: a utilização do selo postal no processo de ensino-aprendizagem da Geografia. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2017.

processos históricos. Na verdade, os substratos temporais são fatores cruciais a serem pensados. Consoante com Prost (2008, p. 64) “por referir-se ao passado, a história é, por isso mesmo, conhecimento através de vestígios”. Esses vestígios são memórias preservadas, e podem fazer parte de um arquivo pessoal de um escritor. Essa memória possui seus disparadores, faz suas seleções e exclusões de acordo com os significados a ela atribuídos pelo ser humano, essas questões estão intimamente ligadas à composição de um arquivo de vida. Cabe à história estabelecer um regime de verdade sobre tais vestígios.

O patrimônio documental pessoal pode ser uma maneira de transgredir a efemeridade da vida humana, de demonstrar-se, um movimento de validação e legitimação. Mas *o futuro agarra sua mão* e os guardados, na grande maioria das vezes, são representativos do desejo de prolongar-se, nem que seja na lembrança das pessoas, por meio de vestígios documentais. Quiçá, por isso, preservamos em fotografias momentos que desejamos eternizar, voltar, relembrar, compartilhar, enfim, preservar. Dificilmente mantemos evidências de momentos que não queremos lembrar, muitas vezes, na hora do conflito rasgamos as cartas de quem se foi, ou daqueles que não queremos que ninguém saiba, apagamos as mensagens, omitimos as passagens, nem que seja pelo meio virtual, porque ainda permanecem na mente.

No calor da despedida, no momento da tristeza, fotografias são capturas indesejáveis porque farão recordar, na hora mais serena, no momento em que tudo ganha mais sentido, aquela em que a saudade aperta mais, os documentos são disparadores de memória, portanto têm que ser eliminados ou ressarcidos. A literatura, no seu aspecto multimodal, nesse caso, por meio da música e da poesia, expressa esses momentos conflituosos da preservação de documentos pessoais. A composição de Renato Barros e Lilian Knapp, pela voz de Adriana Calcanhoto³⁶, evidencia algumas marcas materiais das relações humanas e algumas situações de uso de artefatos documentais memorialísticos “rasgue as minhas cartas e não me procure mais [...] o retrato que eu te dei, se ainda tens não sei, mas se tiver, devolva-me!”.

Por isso, conforme Hobbs (2018, p.268) “certas opiniões, relacionamentos e atividades são filtrados, suprimidos, marginalizados ou, ao contrário, destacados, tornando-se essenciais na narrativa de autodefinição que a psicologia exige do eu”. Mesmo tendo sido regalos oferecidos a alguém num momento especial, ainda é propriedade do seu produtor inicial, evidência de seus sentimentos, de seus desejos, de seus pensamentos, pois para Hobbs (2018, p. 265):

³⁶ Cantora de música popular brasileira, álbum *Público* lançado em 2000. Música de Renato Barros e Lilian Knapp, lançada primeiramente em 1966 por Leno e Lilian, título *Devolva-me*.

Ninguém se senta para escrever cartas ou quaisquer textos, na presença de outros: o diálogo ou monólogo (que possibilita escrever essa carta ou texto) desenvolve-se na cabeça daquele indivíduo e é criado no contexto da sua imaginação.

Aquelas cartas, aquele retrato, são provas de um eu de outrora. Vale destacar que Lacerda (2013, p. 57) alerta “que na bibliografia sobre arquivos fotográficos, de modo geral, poucos trabalhos se detêm sobre sua natureza e constituição nos domínios públicos e privados”. As fotos preservadas no AVM merecem um destaque e, definitivamente, as circunstâncias de produção das imagens registradas por fotografias em arquivos pessoais devem ter um aprofundamento maior por meio de análises.

Dessa forma, o arquivo pessoal é representação do indivíduo naquilo que tange a ele, e não na sua totalidade porque as seleções e exclusões fazem parte tanto do processo de arquivamento pessoal, quanto da materialidade dos documentos nele contida.

4.1 ARQUIVOS PESSOAIS E ACERVOS: ALGUMAS DEFINIÇÕES E LIMITES

Para o escritor, ensaísta, romancista e funcionário público Clodomir Vianna Moog, valeu angariar seus vestígios documentais privados. As ações de salvaguarda de documentos efetuadas tanto por ele como pela esposa, Frigga Câmara, que também foi a coprodutora do arquivo, uma vez que contribuiu de forma decisiva na seleção, compilação e preservação do material no âmbito privado de sua residência, permitiram a compilação de um arquivo pessoal composto por mais 70.000 itens, além de uma biblioteca particular com mais de cinco mil títulos que se encontram no sexto pavimento da Biblioteca Unisinos São Leopoldo, lado A.

No Memorial Jesuíta, o qual possui o setor Coleções Especiais, dentre elas está salvaguardado o Arquivo Vianna Moog. Objeto de escrita deste estudo, os documentos do escritor foram doados ao Memorial Jesuíta por sua filha, Ana Maria Moog Rodrigues, pois após a morte da mãe, ela foi constituída guardiã legal do patrimônio documental do escritor.

Assim, o foco principal deste estudo foi contar a história da constituição do AVM, principalmente, porque ao realizar a busca no banco de dados percebi que a maioria dos trabalhos pesquisados até aqui sobre arquivos pessoais focaram-se essencialmente em documentos de arquivos e materiais salvaguardados. No entanto, pouco, ou quase nada se escreveu sobre a constituição e aquisição por entidades de custódia. Pouco se falou sobre esses deslocamentos do âmbito privado para o institucional, lacuna que pretendo ao menos chamar a atenção sobre já que isso também define um arquivo pessoal. Isso influi

decisivamente nas pesquisas que se farão sobre muitas áreas do conhecimento, sejam elas antropologia, ciências sociais, filosofia etc. A preservação e disponibilização de arquivos para estudos é crucial para a maior compreensão do ser humano e suas atividades sejam elas sociais ou profissionais. Esta investigação tem como foco o arquivo como objeto de pesquisa. Desse modo, é fundamental problematizar alguns entendimentos e desdobramentos que essa palavra abarca.

Dessa forma, creio que o termo mais adequado seja “arquivo” em ampla conceptualização. Ao referir-me ao ato de preservação de documentos, surge uma série de proposições, pois do arquivo fazem parte as relações de exclusão e inclusão, dele fazem parte os afetos e desafetos, nele estão as operações logísticas, dele não se pode remover as acepções pessoais do sujeito e também as suas relações humanas com o que entende por certo ou errado. Palmeira aponta para as subjetividades, em específico, na composição dos arquivos pessoais (2013, p. 95):

Os movimentos do arquivo ocorrem, portanto, nas oscilações do titular quanto ao que merece ser guardado, o que depende em alguma medida de como o indivíduo se apropria de um padrão de preservação que vai além daquele que executa o ato de guardar. Por extensão, a historicidade de um conjunto documental também atinge outros agentes da constituição desse conjunto em “arquivo”.

Assim, retomando as definições sobre os termos arquivo e acervo, há muitos fatores a serem considerados ao propormos a reflexão sobre o ato de amearhar e preservar documentos em todos os níveis, pessoal ou institucional. Arquivo é tudo que a ele pertence, documento ou não, tudo que nele há, desde a organização, o espaço físico que o acomoda e desacomoda, e o acesso a ele permitido uma vez que interfere e define a circulação e a apropriação dos documentos.

Em razão disso, destaco que é considerável pensar em tudo o que a ele se refere, ou seja, há uma sistemática de existência que é seu componente principal de definição. Arquivo é processo de arquivamento, de salvaguarda e de disponibilização para posterior pesquisa. Conseqüentemente, arquivo não é só o documento, o objeto, a carta, o livro, arquivo é todo o processo referente à constituição do patrimônio documental de alguma instituição ou sujeito.

Ao preservar certo documento, o produtor do arquivo articula relações e intenções que também fazem parte do conjunto de artefatos salvaguardados. Nesse sentido, essa pesquisa concorda com Heymann (2013, p. 67), pois olhar os arquivos pressupõe certos entendimentos porque

[...] nessa mirada, além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros, devem ser considerados os contextos nos quais os conjuntos documentais se inserem: contextos sócio- históricos mais amplos, de uma parte, e contextos arquivísticos nos quais são preservados, tratados e disponibilizados, de outra.

São movimentos e circunstâncias que influenciam na constituição do conjunto de conjuntos de artefatos documentais pessoais ou institucionais, visto que melhor compreendidos, seria possível fornecer as pistas para aplicações intelectuais distintas.

Assim, a distinção de conceitos sobre esses espaços é algo a ser pensado com bastante cuidado, pois na definição encontrada no site do CPDOC³⁷ para Arquivos Pessoais, lê-se que

[...] são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas. Essa acumulação resulta da seleção dos documentos a serem guardados, entre todos os papéis manuseados cotidianamente, e vai sendo feita ao longo do tempo. Muitas vezes, principalmente no caso de arquivos privados de pessoas públicas, essa seleção também é feita por auxiliares e, após a morte do titular do arquivo, por familiares e amigos.

Por isso, entender o arquivo pessoal na sua gênese é tão relevante, já que é o resultado de produções subjetivas. Desse modo, é importante estabelecer essas distinções uma vez que se formos olhar a constituição desses espaços de memória, perceberemos que a função inicial de cada um deles é diferente. A história da constituição de cada conjunto desses documentos evidencia intenções e seleções diversas, assim como as premissas que regem a organização dos documentos.

As inerências dos arquivos pessoais exigem um olhar específico para sua organização. Segundo Gomes (2017, p. 144):

[...] tais documentos além de se relacionarem às atividades/funções de seus titulares, obedecendo ao preceito arquivístico de proveniência, precisam ser correlacionados ao perfil desses titulares, além de terem que ser pensados como um conjunto, que tem uma lógica própria.

Nesse sentido, manter a organização de origem dos arquivos pessoais, idealmente, exige que os atributos de cada um sejam preservados, e que a lógica que o seu produtor empregou seja parte da sua referência, mesmo sendo posteriormente salvaguardado em nível institucional. Mesmo que seja evidente que a ordem original não seja propriamente uma

³⁷ Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>

ordem fixa, ela é, como se observa em muitos arquivos, cambiante. Ainda assim, o arquivo pessoal é fundamentalmente individual, mesmo que sua estrutura lide com aspectos públicos e do âmago particular concomitantemente. Esse aspecto do arquivo pessoal é um dos atributos mais relevantes, mas o mais perigoso, pois pode levar o pesquisador a algumas encruzilhadas. O gosto pelo contraditório, pelo inusitado pode distrair o senso crítico do estudioso desses espaços, ou como diria Gomes (1997, p. 124):

Este é o grande feitiço do arquivo privado. Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público ele revelaria seu produtor de forma “verdadeira”: aí ele se mostraria “de fato”, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros.

Essa é a ambiguidade do arquivo pessoal, ou seja, o encantamento produzido no pesquisador, pode ser também a sua ruína. Conhecer mais de perto um escritor, no meu caso, é um desejo íntimo antigo e procuro, ainda que com dificuldade, manter a criticidade necessária para a problematização dos seus registros. Afinal, conforme Farge (2009, p.15), “sem dúvida, a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome fonte”, e tenho sede de entender o arquivo pessoal de Vianna Moog.

Assim como para Travancas (2013, p. 231), “os arquivos contam muitas histórias e permitem muitas interpretações”, e isso é de suma relevância, mas é também um aspecto emblemático do campo dos arquivos como indícios de outros tempos. As histórias e as interpretações devem estar aliadas a um referencial teórico metodológico e articuladas com uma vasta gama de outros aportes documentais que sustentem as análises, pois não se trata de emitir opiniões, ou estabelecer juízos de valor sobre escritores ou outros sujeitos. Esse cuidado é primordial porque compreender um arquivo pessoal implica na percepção de que ele “nos conduz à trama que uma vida humana encena ao longo do tempo” (HOBBS, 2018, p. 267), alude, antes de tudo, a uma postura ética que deve guiar o pesquisador no trato de qualquer objeto de estudo.

Dessa forma, sentar-se à mesa de pesquisa do Memorial Jesuíta na Unisinos com os documentos de um escritor representa um momento de conversa menos formal com ele. “Nas páginas dos documentos privados há uma tensão entre a atividade “pública” controlada e o fluxo inconsciente da personalidade “interior””. Era, pois uma oportunidade de escutar suas minúcias, suas particularidades já que o aspecto formal e o informal fazem parte da construção de um arquivo pessoal, no entanto, inevitavelmente a partir da interação com o pesquisador as subjetividades de ambos estarão presentes.

Assim, no entendimento deste estudo, o Memorial Jesuíta é o acervo que abriga o arquivo pessoal de Vianna Moog. O termo “acervo” tem outra especificidade, tem a ver com a compilação de arquivos, entende-se como maior, porque nele pode haver mais de um arquivo, no entanto, mesmo sendo o acervo um espaço com suas especificidades próprias, abriga conjuntos documentais distintos com outras características, mesmo que com afinidade temática, o que ocorre com a maioria dos espaços como museus, memoriais, e acervos históricos.

Ao entrar em contato com o Memorial Jesuíta na Unisinos para investigar um arquivo pessoal, os interesses de pesquisa eram diversos, não havia um foco a priori. E escolher o que eu ia olhar naquele momento era muito difícil visto que eram tantas as perguntas que eu tinha, eram tantos os materiais a serem olhados, obras a serem revistas numa perspectiva científica. A cada visita ao Memorial Jesuíta para conhecer melhor o AVM, as perguntas aumentavam, cada documento despertava novas inquietações, novos significados em mim, porque cada artefato era um novo caminho a ser percorrido. Nesse sentido, alio-me a Farge (2009, p. 15) que percebe o arquivo como fonte na sua integralidade porque:

O arquivo age como um desnudamento; encolhidos em algumas linhas, aparecem não apenas o inacessível como também o vivo. Fragmentos de verdade até então retidos saltam à vista: ofuscantes de nitidez e de credibilidade.

Dessa forma, compreendi que quero saber cada dia mais sobre a história do AVM como um todo. Como alguém conseguiu compilar sua vida em mais de 70 mil itens salvaguardados em um sócio? Como uma universidade acolhe um arquivo desse porte? De que maneira o interpreta? Portanto, mais perguntas e a curiosidade gira em torno do conjunto de artefatos documentais e não especificamente em um único documento.

Quero entender o jeito que um escritor ver, fazer e organizar um mundo para si, porque sei que é possível fazer história e interpretar o mundo a partir da óptica de Moog, ele mesmo o fez. Contudo, todo cuidado é pouco uma vez que a literatura é um mecanismo compreendido pelo escritor de forma singular, a vida é texto e mescla-se na escrita. Todos os arquivos são singulares, nesse sentido é compreensível que patrimônio documental de Moog seja diferente dos outros indivíduos.

Como indica Hobbs (2018, p. 267), os escritores “estão conscientes de escolher suas expressões, romancear vidas, criar personagens, manipular vigorosamente a linguagem e a estrutura”, tendo em vista que, compreendem a vida como a sua ferramenta de trabalho. Dessa

forma, o cotidiano e a ficção, inevitavelmente são compositores de arquivos pessoais de autores literários. O que torna tão instigante o valor do arquivo, Farge (2009, p. 35) compreende que, “o real do arquivo torna-se não apenas vestígio, mas também ordenação de figuras da realidade, e o arquivo sempre mantêm infinitas relações com o real”. Com isso, sua relevância histórica demanda estar constantemente alerta ao realizar as análises acerca de sua constituição o que também confere maior importância a sua preservação dada a infinita gama de possibilidades.

As motivações do arquivamento de si, são maiores que a própria materialidade que a caracteriza, pois são fundadas numa seleção criteriosa e astuta, independente de convenções ou padrões sociais. Conforme Artières (1998, p. 3), “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Então, o arquivo pessoal de um escritor é a representação de vida eleita por ele, e necessita ser interpretado à luz da prudência e coerência científicas. Portanto, para pensar uma pluralidade infinita de questões antropológicas, sociais, educacionais, políticas, ou econômicas os arquivos privados de escritores podem fornecer subsídios decisivos, pois para Hobbs:

[...] o arquivo pessoal reflete não só o que a pessoa faz ou pensa, mas também quem ela é, como ela encara e vivencia a sua existência. Um indivíduo produz documentos para satisfazer seus interesses, seus gostos, ou sua personalidade, e não porque alguma lei, estatuto, regulamento ou política empresarial o obriga a isso (2018, p. 264).

Portanto, não há especificamente algo de institucional ou legislativo na produção de arquivos pessoais, amearhar documentos de vida é um ato que trata do aspecto idiossincrático do ser humano. Precisar qual foi o primeiro instante em que o sujeito iniciou o processo de arquivamento de si, como no caso de Vianna Moog, ou de sua esposa, Frigga Câmara, que na maioria das vezes foi a responsável por recortar, colar e arquivar o que era referenciado ao seu esposo, ou às particularidades que ela entendia relevantes sobre sua família, é uma tarefa complicada. Desse modo, compreender a constituição de um arquivo pessoal é um movimento bastante laborioso para o pesquisador, pois segundo Cunha (2017, p. 189)

[...] o primeiro momento corresponde ao processo de acumulação documental e sua utilização no cotidiano, como uma forma de comprovar a existência civil do sujeito perante as instituições, ou um modo de remeter a seus relacionamentos com as pessoas.

Essa retenção de si, é algo infinitamente reduzido do que fomos e somos, porque “não conservamos senão uma parte ínfima de nossas vidas” (ARIÉS, 1998, p.21), além de inviável logisticamente. As práticas arquivistas são interpeladas por outras práticas sociais como descarte para arrumar lugar para outros objetos, documentos, que entendemos como não importantes naquele momento, como as correspondências que na maioria das vezes destruímos, pois, o seu valor jurídico probatório já foi cumprido. Os movimentos de triagem são efetivados no cotidiano pessoal de cada indivíduo, são intrínsecos aos arquivos já que necessitamos nos visitar sistematicamente por vários motivos.

Talvez em outro momento, o sujeito fizesse outra seleção, isto é, a situação estrutural física, emocional e psicológica de cada produtor de arquivos pessoais influencia diretamente na preservação de arquivos pessoais no âmbito privado e faz parte da compilação de artefatos pessoais. Isso, segundo Artières (1998, p. 2),

[...] porque fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós. Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias.

A subjetividade lógica é inerente a cada ato de classificação de si, é algo que também chama atenção nos arquivos pessoais, pois demanda um processo reflexivo, solitário na maioria das vezes, e exige um repensar a si próprio, uma auto reflexão que, por essência, deveria ressignificar a própria sociedade. Assim, o produtor de um arquivo pessoal guardou, a princípio, o que era bom para ele e o pesquisador deve levar esse aspecto em consideração ao realizar suas análises. O arquivo é indiscutivelmente reflexivo, mas laudatório, ou seja, constitui-se na reflexão sobre a própria vida, porém, tem o objetivo de alçar, respaldar, legitimar o sujeito. Aspecto que, de maneira alguma, o torna inviável à pesquisa, apenas é mais um atributo a ser considerado nos estudos. Posto que o estudioso não esteja em posição de procurar questões boas ou más do indivíduo pois sua posição, de maneira alguma, é a de um avaliador, mas alguém que tenta compreender o porquê ocorreram certos processos na guarda de si. Por que a humanidade percorre determinados caminhos ou não? E por que se desenvolve de uma maneira e não de outra?

Escolhemos, cuidadosamente selecionamos, descartamos ou destacamos documentos, cartas, fitas, marcas do nosso tempo num dado recorte temporal por nós significado. Sabemos que a interpretação dessas pistas deixadas por nós, será, inevitavelmente, parte de outra

construção sobre o que fomos. Mas nos permitimos driblar esse fato com alguns apontamentos nas fotos, com algumas dobras em determinadas páginas.

Flores com fragrâncias ímpares têm seu perfume impregnado nas páginas dos livros que lemos e amamos, como também, nas cartas que recebemos. Queremos compartilhar o que nos importava, o que era valioso: o momento, o significado daquele objeto e não precisamente a flor, a carta, ou o livro e sim a permanência no tempo, no nosso tempo, as representações de algo vivido.

Assim, vale recortar as páginas de um jornal com alguma nota, vale escrever a data com a caneta e mais algum comentário, caso o próximo leitor tenha alguma dúvida sobre o que queremos que ele veja. Vale guardar o bilhete do amigo sobre o mais recente livro escrito por nós. Afinal, não é qualquer bilhete, pois aquele em específico confere legitimidade ao nosso trabalho e, em certa medida, a nós mesmos.

4.2 A CONSTITUIÇÃO DE UM ARQUIVO PESSOAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE CUSTÓDIA DOCUMENTAL

O processo que culminou com a salvaguarda da documentação do escritor Vianna Moog pela Unisinos se iniciou pelo contato de Enildo de Moura Carvalho com a família do autor. Naquele momento, no ano de 2007, ele realizava uma pesquisa para a escrita de sua Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em História da Unisinos. Já naquela época, ele compreendia que produzir arquivos privados era uma prática cultural comum entre a classe dos escritores e como tal, Vianna Moog poderia ter produzido o seu também. Acerca do tema, Artières (1998, p. 4) recorda que

[...] essa valorização coincide igualmente com a mudança profunda do estatuto dos manuscritos dos escritores. Victor Hugo foi o primeiro, no início dos anos 1880, a entregar à Biblioteca Nacional os seus manuscritos. A partir dessa data, a questão dos arquivos está colocada, e cada escritor define o destino dos seus papéis. Alguns, como Sartre, não lhes dão nenhum valor literário ("considero que são uma forma intermediária e entendo muito bem que desapareçam, uma vez produzido o objeto impresso"), mas não ignoram seu valor financeiro; outros, como Aragon, consideram que os manuscritos são parte integrante da obra e os põem à disposição dos pesquisadores.

Como se nota, há muito a ser discutido sobre arquivos de escritores e quanto maior o aprofundamento, maior podem ser as problematizações acerca do tema. No contexto em que se encontrava, o mestrando realizou uma série de buscas por dados da família de Moog e

conseguiu entrar em contato com sua filha. Assim, procurou e descobriu que os documentos do autor estavam na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Então, Enildo viajou ao estado, acompanhado de sua, então, esposa. Iniciou a etapa de pesquisa nos documentos do autor, que foi realizada no próprio sótão da casa da filha de Moog, em Petrópolis, como dito anteriormente, o local onde estavam os documentos.

Desse empreendimento pessoal e acadêmico, Enildo escreveu sua Dissertação de Mestrado intitulada *Estados Unidos: espelho do Brasil em Érico Veríssimo e Vianna Moog*³⁸, uma das referências para minha pesquisa. Após conversas e negociações com Ana Moog, ela concordou em doar o arquivo do pai para a universidade. Mais tarde, com os materiais já realocados e uma parte deles organizada na Unisinos, escreveu sua Tese de Doutorado *Na Terra de Malazartes e Aleijadinho: Vianna Moog um intérprete do Brasil*³⁹.

Aliada à análise documental histórica, trabalhei com a metodologia da História Oral, assim, obtive dados que permitiram refletir sobre o objeto com mais propriedade. Entrevistei Isabel Arendt e Enildo de Moura Carvalho. Nesse sentido, vale destacar que as suas contribuições foram fundamentais, porque não há nada escrito que designe esse processo propriamente dito. Os dois estiveram intimamente imbricados desde a negociação até a aquisição e disponibilização para consultas.

Isabel relatou que no processo inicial havia sido feito um trabalho em nível de recolhimento e acomodação, muito mais do que propriamente um trabalho arquivístico em cima dos materiais. Pela quantidade e qualidade dos itens evidenciou-se a necessidade de contratar uma empresa de consultoria arquivística. Ela contou-me que houve duas arquivistas que foram contratadas especificamente para essa função. De posse dessa informação, embrenhei-me em conseguir o nome dos profissionais responsáveis pela organização do Arquivo Vianna Moog na Unisinos por parte da empresa de consultoria.

A vida atarefada na atualidade e o tempo que as tarefas cotidianas exigem, forçam o pesquisador a tomar atitudes diversas para realizar seus estudos, para entrar em contato com pessoas que possam ajudar a responder suas perguntas. Estava empenhada em obter mais informações para encontrar as pessoas que lidaram de imediato com o AVM. Sabia de sua relevância para a minha pesquisa. Compreendia, assim como Hoobs (2018, p. 269), que “os arquivistas responsáveis pela seleção, organização e descrição desses arquivos pessoais têm a

³⁸ Um olhar comparativo entre a formação cultural brasileira e norte-americana, segundo a perspectiva do ensaio, da literatura e das ciências sociais. CARVALHO (2007).

³⁹ Tese de Doutorado que defende a ideia de que Moog foi um intérprete do Brasil (CARVALHO, 2011).

visão mais próxima e ampla possível da produção documental do indivíduo”, e alguns dados desse processo somente eles podiam me fornecer.

Depois de algumas tentativas frustradas, consegui falar por e-mail com uma delas, graças aos contatos com uma ex-funcionária e amiga na universidade que me conhecia desde a época em que eu trabalhava com o arquivo dos *santinhos*, anteriormente identificado. Registro o contato porque esses apoios também necessitam ser divulgados, essas redes de sociabilidades entre pesquisadores e colaboradores devem ser incentivadas, uma vez que fazem a diferença no percurso investigativo, solidariedades às quais agradeço.

A partir disso, consegui falar com Pâmela Flores e Débora Flores. Débora, 35 anos, arquivista da Universidade Federal de Santa Maria e consultora designada pela empresa contratada como responsável pelo processo de arquivamento do AVM no Memorial. Também é importante registrar que utilizo o questionário respondido pela arquivista Débora, inicialmente, como base, mas que as conversas com os funcionários do Memorial foram especialmente enriquecedoras para a pesquisa que realizei. Uma coisa que sempre me chamou a atenção foi a óptica, o foco que cada um de nós estabelecia ao nos encontrarmos. Ou seja, de onde cada pessoa envolvida falava, ou melhor, para onde cada sujeito mirava enquanto conversávamos.

Eu tinha olhos para o AVM e as pessoas que atendiam minhas demandas, respondiam minhas muitas dúvidas, pois olhavam sempre o AVM no Memorial, o centro de enunciação deles era o Memorial Jesuíta. O fundo de Vianna Moog era mais um dos inúmeros conjuntos de documentos, mesmo que o funcionário tenha relatado que desde o início de suas atividades no Memorial tivesse realizado suas tarefas especificamente no AVM e mesmo sabendo que minha pesquisa era no AVM.

Deslocado do espaço doméstico para o Memorial Jesuíta, o AVM passa aos cuidados de uma empresa de consultoria arquivística. A arquivista responsável relatou que houve o descarte de itens, mas que nada foi eliminado por avaliação e sim pelo critério de duplicidade de cópias ou quantidade (questionário anexo) “Por se tratar de acervo histórico recolhido, não foi realizado processo de avaliação, apenas a eliminação de cópias originais múltiplos e de documentos descontextualizados ao acervo.” Fiquei intrigada com a expressão “descontextualizados ao acervo”, mas não consegui contato posterior, mandei e-mail para entender melhor e não recebi retorno.

Ao entender o percurso da constituição do AVM, bem como seu deslocamento para o Memorial Jesuíta, percebo o que é usual, que houve uma seleção posterior à sua produção

inicial, e que após, houve outra realizada na sua reorganização no novo espaço, relativa ao deslocamento do âmbito privado para o institucional.

Todos esses movimentos, essas seleções, essas hierarquizações fazem parte da sua gênese, porque não é possível analisar um arquivo sem pensar nesses atos que são reflexivos sobre o conjunto de documentos no sentido de pensar a sua própria constituição. Ao fazer uma nova seleção após a morte do esposo, sua viúva, certamente, realizou esse processo, a filha também, bem como a universidade que adquiriu a posterior custódia. E a cada movimentação de seleção e exclusão vai constituindo-se sob um novo olhar, uma nova significação de existência, um novo tempo do arquivo. Mas entendo que não seja possível pensar arquivos sem ter essa noção clara.

Somos produtores de arquivos, e por meio deles, *somos vestígios circunscritos num tempo e espaço*, marcados por documentos do passado interpretados no presente. Assim, conforme Cunha (2017, p. 189):

É importante sublinhar quais são as configurações desses acervos pessoais, decorrentes do seu deslocamento para o espaço público. Por que esses objetos foram guardados? Quais as motivações que permearam a doação para um arquivo público? Como se caracteriza essa instituição? Como esses objetos foram dispostos e organizados para uma posterior consulta?

Para retomar, vale lembrar que o AVM estava anteriormente à doação ao Memorial, instalado na casa de Ana Maria Moog Rodrigues, pois a custódia pertencia a ela, após a morte de sua mãe, que recebeu a autorização legal dos irmãos para gerenciar e ceder o arquivo da maneira que achasse conveniente.

O ambiente privado impunha certos cuidados tanto pela filha que recebia pessoas que se diziam interessadas nos documentos, quanto para os prováveis pesquisadores. A questão de adentrar a residência pessoal exigia estar num ambiente privado que poderia limitar o acesso para alguns pesquisadores interessados nos arquivos salvaguardados pela família. Da mesma forma, abrir as portas da sua residência para alguém estranho era algo bastante delicado para a filha do escritor, e creio que para qualquer pessoa, pois criava um certo receio com relação a segurança pessoal. Mesmo assim, Ana Moog, sem ter conhecido pessoalmente Enildo Carvalho, abriu-lhe as portas de sua casa em Petrópolis/RJ e o levou ao sótão para o encontro com os documentos de seu pai.

A logística do deslocamento para a realização do seu trabalho de Mestrado evidenciou algumas questões importantes para Enildo. Primeiramente, a potencialidade do arquivo

peçoal de Vianna Moog para pesquisas em distintas áreas, sejam elas da Educação, do Direito, da História, da Literatura, das Ciências Sociais, dentre outras. Além disso, por mais bem preservados que estivessem os itens do arquivo, existia também outra situação fundamental: as condições de acondicionamento dos materiais e o acesso estavam limitados.

Esses casos, referentes à conservação física e acesso, são situações recorrentes na preservação de documentos em âmbito privado, pois muitos arquivos são removidos de sótãos ou porões de antigas casas, empoeirados, umidificados pelo ambiente e deteriorados pelo tempo, pela ação de insetos e/ou condições climáticas. No entanto, conforme destacou Enildo, os documentos de Vianna estavam no sótão da casa de sua filha, Ana Moog, num condomínio da cidade de Petrópolis, muito bem preservados. Juntamente com sua esposa, *in memóriam*, ele acessou o sótão e deparou-se com uma quantidade considerável de artefatos memorialísticos do escritor. Um funcionário da casa ajudava no deslocamento de alguns materiais e conforme Enildo, a ordem original dos documentos era mantida após as consultas. Sobre essa questão Meehan (2018, p. 317) explica que

A ordem original fornece um senso de direção à análise arquivística dos documentos tal como se apresentam por ocasião do processamento, além de servir como quadro de referência para se compreender um conjunto de documentos em seus próprios termos, ou seja, tal como eles foram criados, mantidos, transmitidos e utilizados ao longo do tempo pelo produtor e todos os custodiantes ulteriores, inclusive arquivistas.

Dificilmente a ordem original é mantida, mas ela pode auxiliar na decisão dos rumos para os trabalhos com os conjuntos documentais e apontar para algumas direções no sentido de pensarmos a história custodial dos arquivos pessoais. Conforme Enildo, as condições do material revelaram o zelo e o cuidado com a preservação da memória da família. Mas sabe-se que com o passar do tempo essa conservação seria afetada negativamente naquele local. Contudo, no momento ainda não se evidenciavam estragos significativos causados pelo tempo e condições de acondicionamento. Segundo ele, as horas no sótão passavam sem serem percebidas, foram pouco mais de três dias de imersão nos materiais do escritor, mas que foram fundamentais para a escrita de sua Dissertação de Mestrado e elaboração da Tese de Doutorado e decisivos na aquisição do arquivo pela universidade.

Por ser uma quantidade bastante expressiva de documentos, Ana entendia que era importante o acondicionamento adequado em espaços específicos de salvaguarda como universidades, bem como a importância da disponibilização para pesquisas. Então, as preocupações de Carvalho também eram aflições de Ana Moog que pretendia ver o arquivo

pessoal de seu pai em um local próprio e significativo. Outro quesito que pode ter influenciado nos trâmites para a aquisição do arquivo foi que a universidade já havia perdido a custódia do arquivo de Érico Veríssimo para outra instituição. Esse acontecimento impactava nas ações em prol da custódia de documentos de outro escritor gaúcho.

Um dos critérios para a doação do arquivo, era o de que ele fosse instalado num ambiente climatizado adequadamente e com segurança. Além disso, que fosse um espaço público para que também pesquisadores, estudantes e demais interessados tivessem acesso aos documentos. Assim, o tempo para olhar os materiais era curto e a acolhida foi um fator determinante na relação do pesquisador com a filha do escritor, tanto que ao conversar por telefone comigo, disse que queria contribuir em minha pesquisa da mesma forma que Ana havia feito com ele, mesmo sem nunca ter me visto.

Enildo convidou-me, inicialmente, a ir à sua casa em Cachoeira do Sul/ RS, o que se tornou inviável para mim por questões de tempo e custo financeiro. Como ele tinha um compromisso agendado em Porto Alegre, marcamos nossa conversa na capital. E no mesmo hotel em que morou Moog, tomamos um café num dia de inverno com sol e conversamos, numa entrevista piloto, sobre a experiência de Enildo com o AVM. É importante frisar que após ter escutado Enildo e Isabel, as informações ficaram bem mais claras. O que reforçou a crença de que alguns dados, só pude obter por meio de diálogos com os envolvidos diretamente no processo.

Assim, o trabalho de organização do AVM seguiu seu caminho atendendo as normas eleitas para a acomodação e disponibilização dos documentos para o público, para acesso no próprio Memorial, ou por consulta pelo site da Biblioteca Unisinos. A coleção dos livros do autor, entendida como os livros não só escritos por ele, mas que pertenciam à sua biblioteca particular, que totalizava mais de cinco mil títulos, também fez parte da aquisição do Arquivo Vianna Moog pela instituição jesuíta. Assim, a documentação de Clodomir Vianna Moog está organizada em pastas que são acondicionadas em caixas acrílicas armazenadas verticalmente, identificadas por etiquetas de papel com sequência específica. Uma parte dos documentos, em torno de 10%, já está selecionada, higienizada e catalogada nessas caixas que acomodam pastas que seguem uma ordem numérica e cronológica, ou seja, na caixa 02 as cartas do ano de 1970, por exemplo, todas em subdivisões por pastas. O número de pastas por caixa pode variar.

Figura 4: Documentos organizados em prateleiras com caixas enumeradas que contém pastas enumeradas.



Fonte: Memorial Jesuíta Unisinos – Arquivo Vianna Moog.

Na figura 4, é possível perceber com mais clareza a organização do arquivo no Memorial. Nela se visualiza duas estantes com cinco prateleiras cada. A primeira está quase completa de caixas acrílicas cheias de pastas com documentos, também é fácil de perceber bem destacada a marca d'água que acompanha cada imagem solicitada. Em cada caixa há um orifício redondo que permite a circulação de ar entre as pastas arquivadas. Estive em contato com as caixas e pude perceber que não são lisas por dentro, têm umas dobras internas que fazem com que a circulação do ar entre os papéis seja melhor distribuída, é como se fizessem uma movimentação aérea, oxigenam a documentação.

Figura 5: Prateleira do Arquivo Vianna Moog.



Fonte: Memorial Jesuíta Unisinos – Arquivo Vianna Moog.

Na figura 06, é possível visualizar uma das prateleiras do Arquivo Vianna Moog, no Memorial, enfileiradas horizontalmente e compondo fileiras lado a lado. Também observa-se alguns dos títulos de sua biblioteca particular já catalogados conforme os outros exemplares do acervo bibliográfico da universidade. Ou seja, uma etiqueta de papel coberta por fita adesiva de proteção e seguindo a ordem dos outros livros do acervo. A catalogação dos livros pertencentes ao escritor foi precedida pela ideia de que essa ação fosse guiada tendo em vista os livros que ainda não estariam disponíveis no acervo da Biblioteca Unisinos, títulos que eram inéditos no acervo bibliográfico da instituição de ensino.

Os livros que estão salvaguardados no Memorial Jesuíta são propriedade do AVM, disponíveis ao público para consulta local e com agendamento prévio por e-mail. A informação que obtive com uma funcionária do Memorial é de que o acervo bibliográfico será o último item a ser totalmente higienizado e catalogado, a ideia é priorizar os outros documentos.

Ainda sobre a questão do acesso aos materiais preservados, é importante salientar que existe uma sala anexa ao Acervo da biblioteca em que os documentos solicitados são disponibilizados para consulta. Sobre uma mesa grande, os pesquisadores e demais interessados podem folhar as cartas, as páginas de jornais com comentários sobre o escritor e sua vida social e profissional, política e demais itens.

Eu, do lugar de frequentadora de acervos escolares, onde descobri coisas que nem imaginava ao trilhar os corredores de memoriais escolares, fico com vontade de andar por horas entre as prateleiras que abrigam o Arquivo Vianna Moog. Permaneço na ânsia de ler as inscrições contidas em caixa por caixa, nas quais estão as pastas com seus documentos. Ainda que haja um horário de funcionamento, não existe limite de horário para o pesquisador permanecer no recinto, desde que mantenha silêncio.

Como não tive acesso às salas em que estão os materiais, essa análise da imagem ficou um tanto carente de mais informações, mas creio que esse acesso seja ampliado com o tempo e mais estudos que intentem rever as percepções sobre o quesito acesso para os pesquisadores.

Continuo com um desejo ainda maior de saber o que ele leu, o que escreveu e quando, porque sei que seu arquivo pode apontar muitas evidências sobre tantas questões. Um escritor com uma biblioteca particular com mais de cinco mil títulos é algo a ser pensado com maior profundidade, na atualidade, com certeza.

Nesse sentido, solidarizo-me com Foucault que compreende que em todos os campos da ação humana ocorrem e é possível identificar as relações de poder. No entanto, para que elas sejam efetivadas são necessários os sujeitos, por isso, “é impossível se livrar das

relações de poder”. (Ferreirinha e Raitz, 2010, p. 02). O que poderia ocorrer em uma disponibilização de documentos é, na verdade, uma expressão desses movimentos, ter a custódia implica em poder sobre os documentos e não necessariamente a popularização do acesso.

Conservar confere domínio para preservar ou não aquele artefato, pois implica em manter ou não aquele indício histórico. Guardar evidencia o valor que se confere ao artefato, e que se quer legitimado publicamente pelo acesso. Com isso, angariar arquivos é estabelecer e exercer, mesmo que subjetivamente, o que ocorre na maioria das vezes, relações de poder por meio de patrimônios documentais. Por consequência, as negociações para aquisição de conjuntos documentais pessoais devem ser problematizadas sempre.

No quadro 03, relaciono alguns dos materiais do escritor já catalogados e disponibilizados no site da Biblioteca Unisinos, de acordo com o critério de classificação e identificação estabelecido pelos arquivistas responsáveis.

Quadro 6: Localização e organização de alguns materiais do AVM.

Data referência/ Caixa e pasta	Características físicas e requisitos técnicos (gênero textual e materialidade)	Título
26/10/1975	Artigo impresso; recorte de jornal in: Jornal do Brasil	Academia vai virar S/A para dar mais vida aos "imortais"
15/04/ 1975	Artigo impresso; recorte de jornal in: O Liberal, 1º Caderno de 15/04/1975	A Amazônia de 33/34 na atualidade de Vianna Moog
1975- cx 08, p. 07	Cartão	Cartão do Sr. Jorge Amado encaminhado para o Sr. Clodomir Vianna Moog
Sem data - cx 1.1 p. 03 - Subpasta 1.3	Contrato	Contrato que entre si fazem o escritor Sr. Clodomir Vianna Moog e a Editora Delta S/A para publicação das obras de autoria do primeiro.
1944- cx.05, p. 01	Correspondência	Correspondência de Riader's Digest enviada ao senhor Clodomir Vianna Moog
1944- cx. 05, p.15	Correspondência manuscrita.	Correspondência manuscrita do Sr. Souza Filho, enviada para o Sr. Clodomir Vianna Moog
Sem data- cx 42, p. 09	Roteiro	Roteiro de uma interpretação da cultura brasileira

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A partir do quadro 6, é possível perceber a lógica organizacional do arquivo que foi empregada na seleção dos documentos. Essa organização privilegia o assunto do documento, o nomeia de acordo com o ano de sua produção e o disponibiliza para consulta pelo site conforme o gênero textual⁴⁰: carta, roteiro, telegrama, bilhete e coluna jornalística etc.

O interessado deverá saber o ano de produção do documento para procurar no site. Não segue uma sequência em que haja somente cartas do autor, ou uma seção que acomode

⁴⁰ “Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf

somente colunas jornalísticas sobre os trabalhos de Moog, também não aglomera em blocos do tipo cartas entre escritores. Segue uma lógica cronológica. Por exemplo, documentos de 1944, caixa cinco, pasta um “correspondência de Rider’s Digest enviada ao senhor Clodomir Vianna Moog” (Memorial Jesuíta, 2018), revista mensal de circulação mundial, que privilegia assuntos variados. Na mesma caixa cinco, há outra correspondência, porém enviada por Moog a Demócrito de Souza Filho, da UNE- União Nacional dos Estudantes- e advogado de formação em Recife, a favor do movimento de redemocratização de 1944.

Existem também alguns documentos sem data no site, porém um contrato costuma ter data registrada no próprio texto, sem tempo para um exame maior do documento. Não pude ler o contrato, mas fica a sugestão. A partir dessas informações, acessadas digitalmente, o interessado deve enviar um e-mail para o Memorial Jesuíta e solicitar que os documentos sejam disponibilizados para consulta local.

No acervo do Memorial Jesuíta, os documentos do arquivo são colocados sobre uma mesa de consulta e são oferecidas luvas e máscaras para o exame. Fotografias são proibidas porque afetam a conservação pela exposição inadequada à luz. As cópias dos documentos devem ser solicitadas por e-mail e essas serão escaneadas e disponibilizadas para o pesquisador pelo Memorial com uma marca d’água.

Se o desejo for consultar os materiais preservados, é necessário investigar no site e solicitar uma consulta via envio de e-mail à Biblioteca Unisinos, e esclarecer o que necessitamos consultar e a pasta em que se encontra, seguindo primeiramente o ano de referência de produção do documento. Dessa maneira, conforme comunicação via e-mail com responsável pelos materiais (Anexo B), os materiais do Arquivo Vianna Moog estão acessíveis aos interessados, primeiramente, via consulta no catálogo online da biblioteca⁴¹.

Por isso ressalto a distinção entre os termos acervo e arquivo, não posso dizer que o Memorial Jesuíta e o Arquivo Vianna Moog sejam a mesma coisa, no sentido de definição, pois o acervo do Memorial abriga o AVM, é maior em estrutura e temática.

Outros registros importantes sobre o trabalho arquivístico realizado com o AVM, por exemplo, uma das questões que normalmente afetam a organização e a seleção de materiais por arquivistas é o contato preliminar com o doador do arquivo, contudo, no caso do AVM, isso não ocorreu. Quando a consultoria começou a desempenhar suas funções no arquivo, o material já havia sido recolhido pela universidade.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.biblioteca.asav.org.br/biblioteca/>>.

Dessa forma, as ações iniciais do projeto de consultoria arquivística no AVM foram de “arranjo arquivístico, descrição e digitalização” (Questionário, FLORES, 2019). O primeiro contato com os materiais a serem preservados por instituições, no entendimento do estudo proposto, deve ser registrado por fotografias, deve haver uma listagem das caixas (se houver), e da ordem em que estavam armazenadas no âmbito privado, isto é, um inventário, não só dos itens, mas de sua disposição e organização.

Em suma, creio que deve haver um trabalho arquivístico especializado em entender como o produtor do arquivo o concebia, de que forma ele organizava seus documentos, qual era a hierarquia predominante e de que maneira era estabelecida. Ou seja, proponho a retomada sempre fecunda das discussões sobre a ordem original dos documentos.

Mesmo que compreenda que até o termo “ordem original” pode ser revisto, afinal essa organização é modificada inúmeras vezes pelo próprio produtor original do arquivo. Essa visão de arquivo pessoal é fundamental para seu entendimento na sua plenitude. Por isso, é necessário registrar se os documentos estavam em caixas, pastas ou simplesmente empilhados, amarrados em fardos ou como quer que seja. É necessário investigar a história do arquivo. Afinal, conforme Artiéres (2013, p. 48):

Trata-se por meio dessas experiências, de fazer a própria vida, arquivando-a, uma obra de arte. Esse ato implica a adoção de um modo de existência, muitas vezes, defasado em relação aos modos de vida dos contemporâneos. Por isso mesmo, não são os acontecimentos da vida os valorizados, mas o ato de arquivá-los.

Dessa feita, não é necessariamente uma convenção social que designa os modos de arquivamento pessoal, mas um dos aspectos da Modernidade. Porém pode ser uma transgressão da própria existência já que é idiossincrática de seu produtor. Assim, manter a ordem original dos arquivos pessoais, ou pelo menos, o registro dessa lógica estrutural de origem é um procedimento arquivista importante e que deve ser adotado pela instituição de custódia. Talvez o ideal fosse fazer um relatório, uma relação da ordem em que estavam os documentos, uma espécie de história desse armazenamento doméstico, antes do seu deslocamento para o ambiente institucional de um acervo.

Compreendo que as ações de salvaguarda empreendidas pelos produtores de arquivos pessoais não sejam orientadas por lógicas arquivistas especializadas e adequadas, salvo aqueles que o sujeito seja alguém relacionado às áreas de pesquisas. Como no caso de Sandra Jathay Pesavento, que preservou ordenadamente a maioria dos seus materiais utilizados em estudos durante toda a vida. O arquivo da pesquisadora

[...] está depositado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) desde final de 2014, por doação da família. O material completo do Acervo Sandra Jatahy Pesavento (doravante Acervo SJP) tem em torno de 114 metros lineares, abrangendo a biblioteca da historiadora, o material de estudo e de pesquisa dos 40 anos de trabalho da professora e pesquisadora, as obras completas digitalizadas e fichário completo, incluindo fichamento de jornais do RS dos séculos XIX e início do XX. (Retirado do site do IHGRGS)⁴².

Esses atributos tornam o seu arquivo bastante peculiar e profícuo para pesquisas, porém há que se manter sempre a problematização de espaços tão direcionados, tão elaborados. Compreender a forma que amealhamos documentos pessoais é fundamental para entender o arquivo, pois conforme as orientações de Cox (2017, p. 56), “mesmo a maneira como acumulamos e organizamos os documentos tem algo importante a nos dizer”, porque esse jeito de ser guardado, essa referência à própria existência é única e subjetiva.

Esses movimentos são parte do conjunto de documentos e precisam ser interpretados adequadamente pelos arquivistas e posteriormente pelos pesquisadores. Por isso, é importante manter o maior número de referências da ordem original, da lógica vigente na concepção uma vez que se trata de um arquivo pessoal e percebo que na sua constituição exista uma organização que também é planejada pelo seu produtor por meio da relação que estabelece com os seus guardados. Esse entendimento e as ações desenvolvidas a partir dele impactam na concepção do arquivo privado que migra para o nível institucional.

Ressalto mais uma vez a necessidade de olhares específicos sobre arquivos pessoais, a urgência de literatura sobre o tema, e principalmente uma formação arquivística que compreenda os documentos pessoais de acordo com sua gênese criadora. No entanto, sabe-se que essa sistemática de manter a ordem original, muitas vezes é modificada drasticamente em detrimento de outra norma arquivista. Não se trata aqui de discutir qual é a melhor ou a mais importante, pois o trabalho do arquivista é fundamental e a cada dia sua relevância é maior para o campo da historiografia. Contudo, intento tencionar que preservar um arquivo pessoal exige certos cuidados, visto que como tais, possuem uma estrutura que é inerente ao ato de amearhar e conservar documentos privados. Justamente, porque é essa proveniência que confere certa peculiaridade aos arquivos pessoais.

Esse detrimento de uma norma em função de outra afeta a constituição do arquivo pessoal, pois ela deveria ser intrínseca de cada arquivo, cada indivíduo guarda à sua maneira. Dificilmente poderá ser mantida a mesma ordem doméstica uma vez que essa também muda de acordo com muitos fatores externos ao arquivo como mudanças de residência, de

⁴² Disponível em: < <http://ihgrgs.org.br/>>.

acomodação, de valor sentimental do documento etc. Mas manter o maior número de referências pessoais do arquivo pessoal é fundamental para sua compreensão.

Registrar as ocupações e as situações de vida que eram relevantes para os sujeitos de acordo com os valores por eles atribuídos aos documentos probatórios dessa visão particular de suas próprias vidas; compilar os documentos de vida em um arquivo pessoal é um ato de criação da própria existência, se um indivíduo comum o faz, o que pensar da maneira que o engendra um escritor, artista por natureza?

O AVM é interpretado conforme as normas classificatórias que regem a custódia de patrimônios documentais por instituições. Assim, para a Unisinos, o arquivo do escritor é um fundo particular, o que é justificado pela sua proveniência. Farge (2009) compreende os fundos arquivísticos, conforme J. André (1986, apud FARGE, 2009, p. 12), como um

Conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte material, cujo crescimento se deu de maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física, ou jurídica, privada ou pública, e cuja conservação respeita esse crescimento sem jamais desmembrá-lo.

Portanto, é adequada a classificação de fundo para o AVM e a seleção que o enquadrou no setor de Coleções Especiais. Essa era uma de minhas perguntas iniciais que o estudo permitiu-me entender melhor. A compreensão da estrutura da ordem original é que designa a classificação por parte das instituições de custódia do patrimônio documental.

Por conseguinte, as proposições do estudo que realizei não foram fundamentadas em um único suporte documental, conversei com várias pessoas em distintas posições no trabalho com o arquivo. Analisei desde o site da biblioteca até os documentos na sua materialidade. Elegi alguns depoimentos e pessoas de acordo com alguns critérios definidos para trabalho, mas não são a única versão do que aprendi sobre o AVM porque são parte do conjunto de informações, indícios e vestígios que me permitiram chegar aonde cheguei até o momento.

Assim, para falar especificamente sobre o processo inicial do arquivamento na universidade, no sentido de movimentação logística, arquivística e classificatória, optei por utilizar o questionário respondido por Débora Flores. Segundo ela, os materiais chegaram ao memorial “em bom estado, porém muito acondicionados de forma acumulada, em maços volumosos e sem proteção especial” (Questionário, FLORES, 2019).

Sobre a lógica inicial de organização, foi possível perceber que havia uma hierarquização de documentos “ora por assunto, ora por espécie documental” (Questionário,

FLORES, 2019). Acredito que havia uma sistemática organizacional, uma relevância para que assim estivessem preservados, um fio condutor eleito pelo produtor do arquivo.

Questionada sobre os critérios de seleção e arquivamento ela respondeu que

Houve um processo de Classificação Arquivística, com aplicação do critério por assunto, focado nas características de acervos pessoais. O trabalho foi realizado por Arquivistas e Técnicos de Arquivo. O trabalho foi realizado com todo o material apresentado, sendo considerado o acervo documental. (Questionário, FLORES, 2019).

Assim, conforme Fischer, que propõe uma discussão sobre as etapas do processo arquivístico, discutidas por Jenkinson e Shellenberg acerca de arquivos privados e documentos públicos com valor de evidência, existe a *produção*, a *custódia ou aquisição* e o *motivo para aquisição por uma instituição arquivística*⁴³.

A *produção* seria por meio de indivíduos, de famílias ou de grupos e seria informal, casual ou espontânea (2018, p. 349). A *custódia ou aquisição* muda o caráter de propriedade sobre os fundos pessoais porque o arquivo pessoal de Vianna Moog torna-se um arquivo adquirido ou colecionado por uma instituição, mas ainda assim, mantém sua característica de constituição que é de arquivo privado, o que o difere de um arquivo governamental que seria transferido.

O arquivo público ou governamental designa o caráter de funcionamento governamental, é por isso, uma estrutura fixa, são evidências, ao passo que nos arquivos privados isso é problemático por evidenciar uma seleção subjetiva que é própria de seu produtor sem valor probatório, no sentido jurídico, mas sim de valor apreciativo. Para Fischer (2018, p. 349):

[...] é através da aquisição por instituições arquivísticas que os fundos de indivíduos e de entidades corporativas guardam semelhança entre si, e que as expressões “arquivos não institucionais” e “arquivos privados” se tornam mais coerentes e abrangentes; os arquivos privados são propriedade privada enquanto não forem adquiridos por uma instituição pública.[...] O arquivo corporativo é propriedade privada, mas não há transferência de propriedade quando os documentos são recebidos de um setor ou divisão da corporação.

Nesse sentido, o que leva uma instituição a preservar os documentos de um fundo privado tem a ver, conforme Fischer (2018, p. 350) com o *motivo para aquisição por uma*

⁴³ Sobre o tema, na compilação de artigos sobre arquivos pessoais organizada por Luciana Heymann e Letícia Nedel: Pensar os arquivos uma antologia,(2018, p. 329) Bob Fischer publicou o texto: Por uma teoria dos arquivos privados; Revendo os escritos fundadores de Jenkinson e Schellenberg.

instituição arquivística, e designa o caráter de “valor informativo ou para fins de pesquisa, por sua utilidade efetiva ou potencial para sua clientela ou entidade patrocinadora”. Por consequência, é importante manter a gênese organizacional do arquivo privado, ainda que seja efetivado um trabalho profissional de seleção e reorganização física dos documentos.

O documento histórico depende disso, ou seja, a salvaguarda de documentos privados por instituições é importante e deve ser incentivada, mas as pesquisas em torno do aspecto pessoal dos arquivos pessoais devem ser também aprofundadas tanto por parte de arquivistas, quanto por parte de instituições de custódia e pesquisadores em geral. Mas não basta higienizar, catalogar e guardar.

Compreendido pela instituição como um fundo, o arquivo pessoal de Vianna Moog, faz parte do Acervo Coleções Especiais. O total de itens angariados ultrapassa 77 mil documentos e, atualmente, mais de 6500 itens foram catalogados e disponibilizados para consulta pelo site da biblioteca. A organização para consulta dos materiais pela internet, segue uma lógica cronológica, cada documento possui uma data referência que é anual, e um título de acordo com o que está no documento, ou, em alguns casos, estabelecida pelo trabalho arquivístico.

Todas as vezes que estive no Memorial fui muito bem recebida e acolhida nas minhas necessidades, mas como pesquisadora, o fato de não poder estar entre os corredores do arquivo me frustrou bastante, em tese, dificultou meu trabalho, limitou literalmente. Esse limite entre o pesquisador e os documentos salvaguardados por instituições é algo muito comum. Arlette Farge ao experimentar o *Sabor do Arquivo* (2009) já descreveu e discutiu essa relação entre espaço de salvaguarda institucional e arquivos ao relatar sua experiência com o arquivo do judiciário sob custódia do Arquivo Nacional, na Biblioteca do Arsenal e na Biblioteca Nacional da França.

O livro é um ensaio produzido a partir da experiência com o arquivo do judiciário, nele a historiadora narra de maneira singular o caminho percorrido por ela para realizar seus estudos. Entre relatos que são estruturalmente apontamentos de um caderno de campo e discussões sobre alguns entendimentos sobre arquivos, Arlete habilmente descreve esses movimentos que tantos outros pesquisadores, assim como eu, realizam nos espaços de preservação da memória. Destaco que ao fazer a leitura da sua obra senti-me muitas vezes interpretada por ela, caminhei com ela, porém meu rumo era outro, e sei que tantos como nós percorram as mesmas trilhas nos museus e memoriais, por isso a ênfase.

Existem relações que só serão feitas pelo pesquisador se ele percorrer sem rumo o caminho dos documentos nas prateleiras. Compreendo que as ações que os espaços

institucionais realizam têm o intuito de preservar, e que sejam justificadas pelo aparente cuidado com a conservação dos documentos, pois a exposição e o manuseio indevidos podem comprometer a integridade dos documentos.

Reitero que é necessário ocorrer essa aproximação maior entre pesquisador e o objeto, e que os cuidados físicos para a estabilidade dos documentos são fundamentais, mas creio que não podem impor limites para as pesquisas. Afinal, a finalidade de preservação deve ser a escrita da história, os estudos e a disseminação de conhecimentos e como fazer isso sem linhas livres, limpas? Porque as margens são mais que limitadoras.

É essa cozinha do arquivo que dá o sabor peculiar, é nesse caminhar sem aparas entre os papéis, entre os objetos, entre as pastas que se descobre um produtor de arquivos como Vianna Moog. É nessa peregrinação que se encontra o cheiro e o jeito de ser do arquivo. E é essa “positividade” da preservação institucional de arquivos que, no meu entendimento, pode ser modificada. Esse deslocamento do sótão para a instituição é benéfico sem dúvida, mas impõe esse cerceamento ao pesquisador. Por vezes, quis ter subido com Enildo as escadas para as paredes do arquivo pessoal de Vianna Moog na casa de sua filha, porque sei que talvez lá o encontrasse mais fácil, talvez no sótão ele estivesse mais disponível. Assim, encaminho-me para as considerações finais obtidas por meio da pesquisa realizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de expor as considerações finais da pesquisa empreendida, creio que seja importante retomar os passos do caminho. Vale ressaltar, que alguns entendimentos só foram possíveis via trajetória acadêmica e pessoal, porque influenciaram de forma decisiva em algumas compreensões acerca do objeto de estudo, a saber: o Arquivo Vianna Moog- AVM.

Para fins de elaborar essas considerações finais retomo algumas questões que, ao longo da investigação me permitiram fazer aqui essas ponderações. Assim, quanto ao objetivo geral do estudo realizado foi definido no sentido de identificar as diferentes etapas que envolveram o processo de salvaguarda de documentos. De modo específico, o processo de constituição do arquivo Vianna Moog no Acervo do Memorial Jesuíta, localizado na Biblioteca Central da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Os objetivos específicos são descrever o processo de salvaguarda do arquivo pessoal de Vianna Moog desde a sua aquisição até a higienização, a conservação e a disponibilização para consulta no espaço institucional de uma universidade jesuíta. Além de analisar o arquivo pessoal do escritor Vianna Moog e sua potencialidade como documento histórico e para as discussões referentes à História da Educação.

Após ter o rumo pré-definido, ou seja, de modo geral, identificar as diferentes etapas que envolveram o processo de salvaguarda de documentos, optei por delinear os pressupostos teóricos que orientariam a direção para a realização do estudo. A História Cultural aliada a História da Cultura escrita e à História da Educação foram companheiras de caminhada, e permitiram compreender que arquivos pessoais são maneiras de estabelecer vínculos com diferentes substratos temporais que são essencialmente históricos. Ou seja, o ser humano, cultural por essência, deixa suas marcas por meio dos documentos de vida, artefatos documentais de sua existência. Essa herança é cultural, social, e é cuidadosamente arquitetada de forma a projetar o sujeito no presente para o futuro.

Esse é um dos primeiros aspectos a ser observado na análise de arquivos pessoais, isto é, há um quesito relacionado ao tempo de produção do arquivo, um tempo de projeção e um tempo de descoberta do arquivo pelo pesquisador. Os três momentos são indissociáveis do patrimônio documental, definem os olhares e as percepções sobre ele e conferem significados a ele atribuídos. Pensar os arquivos exige pensar os seus substratos temporais nos diferentes contextos a ele atrelados, seja de produção, ou de análise. O indivíduo cria as hipóteses de sua existência no seu arquivo, só a guarda o que deseja que seja parte de sua trajetória na memória de outros. Mas antes de tudo se guarda para si próprio. Talvez, mesmo projetando-se para o

futuro de modo laudatório, o que tende a ser um aspecto concernente ao arquivo pessoal, o ato de arquivar-se é a própria transgressão da existência.

Justamente por tratar de um ato de criação carregado de subjetividade, por consequência, impregnado de significados, o arquivo pode, devidamente questionado e analisado, fornecer pistas e indícios de tempos e espaços históricos, pois “as pessoas estão em todos os lugares” (FOX, 2017, p.71). Além de propiciar e oportunizar a compreensão de sujeitos e suas evidências por meio dos traços culturais perceptíveis em seus artefatos de vida, conforme Fox (2017, p. 85), “é importante que os profissionais dos arquivos pensem nas emoções que possam estar associadas mesmo ao documento aparentemente mais prosaico. E este é particularmente o caso dos documentos pessoais”.

Cada carta, cada fotografia, cada objeto contém uma história importante para quem materializou sua vida nos documentos. Enfatizo mais uma vez a pertinência do alargamento das concepções no trabalho arquivístico, no sentido de maior compreensão sobre as especificidades dos arquivos pessoais. Afinal, e consoante com Fox (2017, 87) “todo documento possui valor para alguma pessoa em algum momento”. Portanto, por meio do patrimônio documental dos indivíduos, é possível identificar as continuidades e rupturas sociais e culturais.

Especificamente, o processo de constituição do arquivo Vianna Moog no Acervo do Memorial Jesuíta, localizado na Biblioteca Central da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos- é o foco do estudo porque, com o auxílio de sua esposa, Frigga Camara Moog, o escritor produziu um arquivo de vida, um conjunto de artefatos documentais, compilado em mais de 72 mil itens.

Sobre ele é importante apontar algumas informações, foi um escritor gaúcho, casou-se com Frigga Moog com quem teve três filhos. Publicou seus livros e textos em nível nacional e internacional. Seu gênero textual de destaque foi o ensaio, mas o romance o consagrou. Obras como O rio imita o Reno, Bandeirantes e Pioneiros, entre outros que projetaram o autor gaúcho mundo a fora. Parceiros de trocas literárias de Érico Veríssimo, vizinho e amigo de Mário Quintana. Adversário político de Getúlio Vargas, percebo a partir da pesquisa, que sobre esse tema as discussões devam ser ampliadas.

Foi no governo de Vargas, que Moog foi exilado em Manaus por dois anos, período em que aprimorou sua escrita literária acerca de temas nacionais em voga no período como a cultura, economia e política brasileiras. E, direta ou indiretamente, contribuiu para as discussões acerca do Nacionalismo. Um dos intelectuais do período do Estado Novo no Brasil e da Ditadura Civil Militar, seus posicionamentos, nem sempre tão claros, podem ser

analisados por meio de suas pegadas documentais. Na vasta gama de artefatos documentais que compõe seu arquivo privado, é possível perceber os indícios de sua vida pessoal e profissional em diferentes situações sociais.

Moog foi representante do Brasil na ONU e na OEA, viveu no México por mais de dez anos. Assim como alguns de seus contemporâneos, circulou no meio literário e político nacional. No entanto, ao contrário dos seus pares, seu apogeu e declínio são discutidos por poucos autores e pesquisadores. Questão que chamou a atenção dessa pesquisadora em específico. Ainda que, a tese de Doutorado de Enildo de Moura Carvalho tenha chamado a atenção para esse fato e outros trabalhos tenham sido realizados sobre suas produções literárias em comparação à projeção e produção de outros do mesmo período, há uma lacuna no que se refere a produção de conhecimento sobre sua trajetória.

A pesquisa realizada apoiou-se na metodologia da História oral e, dessa forma, foi possível obter dados cruciais para a análise do objeto porque o contato inicial para a investigação foi com os principais interlocutores do processo de salvaguarda, Enildo Carvalho, Isabel Arendt e Débora Flores. O primeiro representou a filha do escritor, Ana Moog, a segunda a universidade e a terceira a empresa que prestou consultoria arquivística. Todos intimamente ligados ao processo desde a aquisição até a realocação na Unisinos.

Descrever o processo de salvaguarda do arquivo pessoal de Vianna Moog desde a sua aquisição até a higienização, a conservação e a disponibilização para consulta no espaço institucional de uma universidade jesuíta, interliga a história do arquivo pessoal de Vianna Moog a outros acontecimentos. Remonta ao passado de um estudante de Mestrado, que ao escrever sua Dissertação de Mestrado pensou as obras de Vianna Moog e Érico Veríssimo. Ao procurar subsídios para seus estudos, entrou em contato com a família do escritor, no caso, sua filha, Ana Moog. Por meio dela o pesquisador Enildo de Moura Carvalho, depara-se no sótão de uma casa em Petrópolis, Rio de Janeiro, com o Arquivo Pessoal de Vianna Moog.

Dessa forma, as trajetórias de Vianna Moog, Enildo de Moura Carvalho e o Memorial Jesuíta se entrecruzam. A investigação iniciada para a escrita da Dissertação e posterior Tese de Doutorado de Enildo, permitiu que fosse o principal interlocutor entre a família de Moog e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos na negociação da custódia documental. A Unisinos que possuía um acervo para a preservação da documentação da história dos jesuítas no Sul do país, e que também abrigava outros fundos no espaço do Memorial Jesuíta tornou-se a instituição responsável pela preservação da documentação do escritor.

O estudo que realizei mostrou que ainda há muito o que se pensar e produzir em termos de conhecimentos sobre arquivos pessoais, tanto no que se refere ao processo de

deslocamento do âmbito privado para o institucional, quanto aos entendimentos sobre arquivo. Nesse sentido, vale destacar que a instituição de custódia contratou uma empresa de consultoria para reorganizar os documentos pessoais do escritor no acervo do Memorial Jesuíta. A própria universidade compreendeu que por se tratar de um arquivo pessoal, o AVM exigia um olhar e compreensão específicos. A documentação está disponível para consulta por site da Biblioteca da universidade e está organizada de acordo com as premissas que regem as normas arquivísticas.

A partir do estudo foi possível vislumbrar que o campo de pesquisas em arquivos pessoais vem se alargando no que se refere ao interesse de distintas áreas do conhecimento sobre arquivos pessoais. Assim, alguns entendimentos acerca do aspecto privado dos documentos pessoais se ampliaram e a fonte documental de natureza pessoal pode fornecer subsídios indispensáveis para a historiografia. Além disso, as investigações realizadas permitiram compreender que o acesso aos documentos deve ser revisto no aspecto da análise documental efetuada por pesquisadores no espaço de armazenamento de documentação, pois existem relações que poderiam ser melhor exploradas a partir do contato maior e mais aprofundado com os artefatos pessoais.

No caso de um arquivo pessoal de um escritor, todas as possibilidades de ampliação das investigações para que se discuta melhor o arquivo deve ser incentivadas, enfim, revigoradas. Em específico, analisar o arquivo pessoal do escritor Vianna Moog e sua potencialidade como documento histórico e para as discussões referentes à História da Educação é muito importante. Conforme Hobbs (2018, p. 272), “no caso da cultura literária, é necessário rever constantemente os critérios de seleção, além de manter um saudável ceticismo em relação às tendências (estratégia igualmente importante nos campos da política e da liderança social, por exemplo).” O destaque é para os movimentos de seleção e acomodação dos documentos, mas pode perfeitamente ser ampliado para as ações de acesso a pesquisadores externos.

Afinal, e ainda conforme Hobbs (2018, 273):

[...] no caso dos arquivos literários, o valor simbólico ou estético dos documentos tem alta prioridade, como acontece com todo tipo de registro cultural, e esses critérios sem natureza definida constituem um dos mais importantes valores para muitos arquivos pessoais.

Do mesmo modo que o impacto do olhar do pesquisador sobre o conjunto documental deve ser considerado. Sei que alguns trabalhos apresentados no período em que fui bolsista de

iniciação científica sobre os acervos escolares e os patrimônios documentais de algumas instituições foram importantes para a investigação, pois, impactaram nos rumos sobre a compreensão do arquivo em discussão. A relação com o objeto foi intermediada pela relação anterior com os memoriais escolares, ou melhor, pelo contato com espaços de preservação de memória.

Desde o começo das visitas que fiz ao Memorial Jesuíta para compreender o AVM, uma das minhas inquietações era a de não poder ver o arquivo na sua plenitude estrutural. Vislumbrar, na íntegra, o espaço que abrigava o patrimônio documental de Vianna Moog; abrir as caixas que guardavam seus documentos, mesmo após terem recebido uma ordem arquivística; descobrir artefatos que extrapolem essa organização racional; estabelecer relações de acordo com as pistas deixadas pelo caminho. Afinal, compreendo que o pesquisador possui uma subjetividade própria e única, e essa característica, inerente a todo ser humano, esteve presente nas análises sobre os artefatos documentais de um escritor como Vianna Moog.

Talvez por isso, não tenha enxergado tudo que precisasse ver. Talvez pela expectativa não contemplada na sua plenitude tenha ficado com esse gosto de incompletude. Talvez por isso ainda tenha algumas perguntas, mesmo que as estabelecidas no início do estudo tenham sido respondidas. O que, acredito, seja normal na maioria das investigações, mas confesso, no meu caso, fica a ideia que com a possibilidade de acesso, poderia ter ocorrido de maneira diferente, a meu ver melhor.

A carga de subjetividade, de interpretação de mundo e de representação contidas em um arquivo pessoal de um escritor tem que ser analisada sob vários ângulos. Assim, quanto mais pesquisas forem realizadas em arquivos pessoais, em especial de escritores, melhores serão os subsídios para as discussões historiográficas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma o herói sem caráter**. Grandes da Literatura Brasileira- Círculo do Livro- São Paulo, 1989.

ARIÉS, Philippe. **Por uma história da vida privada**. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs). História da vida privada 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARTIÈRE, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (Orgs). Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BACELAR, Jonildo. **Os jesuítas: a companhia de Jesus**. Disponível em: <<https://www.historia-brasil.com/colonia/jesuitas.htm>>. Acesso em 20 fev. 2019.

BASTOS, Maria Helena C.; STEPHANOU, Maria (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil. Vol. iii- século xx**. Editora Vozes.

BASTOS, Maria helena Camara; STEPHANOU, Maria. **História, memória e história da educação**. In: BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs). Histórias e memórias da educação no Brasil Vol. III- Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A Morte do Autor: um retorno à cena do crime. **Revista Criação Crítica**, São Paulo, n. 12, p. 161-171, 2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BROTHMANN, Brien. **Ordens de valor: questionando os termos teóricos da prática arquivística**. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

CARDOZO, José Carlos da Silva. Reflexões sobre a abordagem macro e micro na História. **MNEME – Revista de Humanidades**, v. 11, n. 28, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>>. Acesso em 23 fev. 2019.

CARVALHO, Enildo de Moura. **Estados Unidos: espelho do Brasil em Érico Veríssimo e Vianna Moog**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

CARVALHO, Enildo de Moura. Na terra de Malazartes e Aleijadinho. Vianna Moog, um intérprete do Brasil. **Tese de Doutorado**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo, 2011.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. El tiempo de la cultura escrita. A modo de introducción. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). **Historia de la cultura escrita**. Del próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Gijón: Trea, 2002. Disponível em: <<https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/6778>>. Acesso em 23 fev. 2019.

CHARTHIER, Roger. **História da vida privada**. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

COOK, Terry. **O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma**. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

COX, Richard J., **Arquivos Pessoais um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2017

CUNHA, Maria Teresa Santos. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **Revista História da Educação** (Online), Porto Alegre, v. 21, n. 5, p. 187-206, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5800268.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2019.

CUNHA, Maria Teresa S.. **De achados locais a indícios nacionais**. Arquivos pessoais de educadores na História da Tempo Presente. In: CURY, Claudia Engler; VIEIRA, Carlos Eduardo; SIMÕES, Regina Helena S. (Orgs.). História da Educação: global, nacional e regional. Vitória:EDUFES, 2019, p. 75-97.

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FGV-CPDOC. O que são arquivos pessoais. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

FISHER, Rob. **Por uma teoria dos arquivos privados**: revendo os escritos fundadores de Jenkinson e Schellenberg. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e; Veiga, Cynthia Greive. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In : O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 89-128.

Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação Histórica – CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; Lopes, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2016.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto**. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs). Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: O historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-128, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/artic>

GÓMEZ, Antonio Castillo. **El tempo de la cultura escrita. A modo de introducción**. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (Coord). *História de la cultura escrita. Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedade informatizada*. España: Ediciones Trea, 2002.

GRAZZIOTIN, Luciane S. S.. História da Educação e História Oral: possibilidades de pesquisa em acervos de memória. In: RODEGHERO Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER, Méri. (Org.). **História Oral e Práticas Educacionais**. Porto Alegre: Oikos, 2016.

HEYMANN, Luciana. **Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

HEYMANN, Luciana. **Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. **Apresentação**. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. **Pensar os Arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

HOBBS, Catherine. **O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre avaliação para aquisição**. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

INFO ESCOLA. **Campanha de Nacionalização**. 2017. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/campanha-de-nacionalizacao/>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

JORNAL DO COMÉRCIO. Vianna Moog, o escritor gaúcho que desafiou o Terceiro Reich. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/especiais/reportagem_cultural/2020/03/7283_38-vianna-moog-o-escriptor-gaучo-que-desafiou-o-terceiro-reich.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

KAPLAN, Elisabeth. **“Muitos caminhos para verdades parciais”**: arquivos, antropologia e o poder da representação. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

KETELAAR, Eric. **(Des) construir o arquivo**. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018
LACERDA, Aline Lopes. **A imagem nos arquivos**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Orgs.). Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

LARGACHA, Antonio Pérez. **Escritura em el Próximo Oriente**. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (Coord). História de la cultura escrita. Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedade informatizada. España: Ediciones Trea, 2002.
le/view/2069/1208>. Acesso em: 23 fev. 2019.

LORIGA, Sabrina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs). Memórias e histórias (auto) biográficas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MARSON, Ana Maria Rodrigues. **Vianna Moog, ensaísta e ficcionista: cotejo entre suas concepções e suas práticas narrativas**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2009.

MCKEMMISH, Sue. **Provas de mim... Novas considerações**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (Orgs). Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

MEEHAN, Jennifer. **Novas considerações sobre ordem original e documentos pessoais**. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). Pensar os arquivos: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Intérpretes do Brasil. Disponível em:
<<http://memorialdademocracia.com.br/card/interpretes-do-brasil>>. Acesso em 25 fev. 2019.
MEMORIAL JESUÍTA - UNSINOS. **Currículo resumido**. 2017.

MOLINA, Talita dos Santos. **Arquivos privados e interesse público: caminhos da patrimonialização documental**. Dissertação de Mestrado PUC- São Paulo, 2013.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros: paralelo entre duas culturas**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1957.

MORGANTI, Vera Regina. **Confissões do amor e da arte**. Ed. Mercado Aberto Porto Alegre, 1994.

NEDEL, Letícia Borges. **Da sala de jantar à sala de consultas: o arquivo pessoal de Getúlio Vargas nos embates da história política recente**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Proj. História**, n. 10, 1993.

PALMEIRA, Miguel Soares. **Arquivos pessoais e história da história: a propósito dos Finley Papers**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PROST, Antoine. **Doze Lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RODRIGUES, Carine Bier. **As ilhas culturais (da literatura brasileira) a partir da interpretação de Vianna Moog**. Dissertação. 2009. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4137>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRNELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SABINA, Loriga. **A tarefa do historiador**. In: GOMES, Angela de Castro, SCHMIDT, Benito Bisso(Orgs). Memórias e narrativas (auto) biográficas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SALLES, Cecília Almeida; CARDOSO, Daniel Ribeiro. Crítica Genética em Expansão. **Ciência e Cultura**, v. 59, n. 1, 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S009-67252007000100019>. Acesso em 23 fev. 2019.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spíndola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
TOLOMEI, Cristine N.. Eça de Queirós e a crítica literária brasileira. **Revista Crioula**, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/52706>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

TRAVANCAS, Isabel. **Entrando no arquivo de Drummond e lendo suas crônicas na imprensa**. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU Joele; HEYNAMM, Luciana (Orgs.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de janeiro: Editora FGV, 2013.

VEIGA, Cyntia Greive. **História política e história da educação**. In: FONSECA, Thaís Nívia de Lima e; VEIGA, Cíntya Greive Veiga (Orgs). História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Roteiro de questões sobre o Arquivo Vianna Moog no Memorial Jesuíta.

1- Nome completo. Idade e Formação.

Débora Flores, 35 anos, Arquivista.

2- Atividade que exerce atualmente e que exercia na época em que teve o contato com o Arquivo Vianna Moog.

Arquivista da Universidade Federal de Santa Maria, na época, também atuava em consultoria arquivística.

3- Qual sua função à época em que esteve em contato com o Arquivo Vianna Moog no Memorial Jesuíta?

Arquivista consultora da empresa que estava organizando o acervo.

4- Você teve contato com Enildo de Moura Carvalho, pessoa que intermediou a negociação para a vinda do Arquivo Vianna Moog para a Unisinos?

Não.

5- Como foram os primeiros passos para receber o Arquivo Vianna Moog no Acervo do Memorial Jesuíta?

Quanto entrei no projeto o acervo já estava recolhido.

6- Pode descrever suas atividades com o Arquivo?

As atividades foram o Arranjo Arquivístico, descrição e digitalização arquivística.

7- Você sabe por que o Arquivo Vianna Moog ficou na seção de Coleções Especiais do Memorial?

Por decisão e entendimento da equipe do Memorial, em razão do caráter histórico do acervo.

8- Como chegaram os materiais do Arquivo? De que forma estavam acondicionados? Algum item lhe chamou a atenção em especial?

Estavam em bom estado, porém muitos acondicionados de forma acumulada, em maços volumosos e sem proteção especial.

9- Foi possível perceber alguma lógica de organização nos materiais na hora da acolhida, antes de serem arquivados no Memorial Jesuíta?

Sim, estavam ordenados ora por assuntos, ora por espécie documental.

10- Houve uma lógica de organização dos materiais do Arquivo Vianna Moog no Memorial? Como foi estabelecida? Foram arquivistas que fizeram essa seleção e posterior organização? Você sabe da existência de um cofre no qual estariam alguns itens entendidos pela família como “valiosos”, como medalhas, placas de honorárias, alguns relógios e coisas assim?

Houve um processo de Classificação Arquivística, com aplicação do critério por assunto, focado nas características de acervos pessoas. O trabalho foi realizado por Arquivistas e Técnicos de Arquivo. O trabalho foi realizado com todo o material apresentado, sendo considerado o acervo documental.

11- E sobre o que foi descartado, o que lhe chamou a atenção? Como foi feita a seleção de aquisição e descarte?

Por se tratar de acervo histórico recolhido, não foi realizado processo de avaliação, apenas a eliminação de cópias, originais múltiplos e de documentos descontextualizados ao acervo.

APÊNDICE B – BUSCA NO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

Autor/Instituição	Título	Palavras-chave	Tipo/Ano	Descritor
Ana Maria Rodrigues Marson/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Vianna Moog, ensaísta e ficcionista: cotejo entre suas concepções e suas práticas narrativas	Não há palavras-chave	Mestrado em Letras/2009	Arquivo Vianna Moog
Enildo de Moura Carvalho/ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	Formação cultural brasileira e norte-americana na ótica de Érico Veríssimo e Vianna Moog	Formação cultural brasileira e norte-americana na ótica de Érico Veríssimo e Vianna Moog	Mestrado em História/ 2006	Arquivo Vianna Moog
Enildo de Moura Carvalho/ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	Na terra de Malazartes e Aleijadinho. Vianna Moog um intérprete do Brasil	Vianna Moog; Produção Intelectual; Trajetória Profissional.	Doutorado em História/2011	Arquivo Vianna Moog
Paula Cristina Weber/Universidade de Caxias do Sul (UCS)	Representações da integração cultural das comunidades de origem alemã no Rio Grande do Sul do Estado Novo: um estudo das obras Um Rio imita o Reno e Longe do Reno	Vianna Moog, Bayard Mércio, alemanismo, integração cultural, teutobrasileiros.	Mestrado em Letras/2015	Arquivo Vianna Moog
Talita dos Santos Molina/ Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)	Arquivos privados e interesse público: caminhos da patrimonialização documental	Patrimônio Documental; CONARQ e Declarações de Interesse Público e Social; Patrimonialização de Arquivos; Arquivos privados.	Mestrado em História/2013	Arquivos Pessoais
Carine Bier Rodrigues/Universidade de Caxias do Sul (UCS)	As ilhas culturais (da literatura brasileira) a partir da interpretação de Vianna Moog	Vianna Moog; Ilhas Culturais; Geografia Literária.	Mestrado em Linguística e Letras/2010	Arquivo Vianna Moog
Isabel Cristina Arendt/ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	Representação do colono teuto-brasileiro católico através da negação do outro nos escritos de Pe. Balduino Rambo, S.J.	Não há palavras-chave	Mestrado em História/1998	Memorial Jesuíta
Enildo de Moura Carvalho/ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	Na terra de Malazartes e Aleijadinho. Vianna moog, um intérprete do Brasil	Produção intelectual, cultura brasileira, Moog, Vianna, trajetória profissional	Doutorado em História/2011	Arquivo Vianna Moog

ANEXO B – RESPOSTA DE TIAGO À SOLICITAÇÃO ENVIADA POR E-MAIL SOBRE O ARQUIVO VIANNA MOOG

Dentre as coleções que compõem o acervo do Memorial Jesuíta, gostaríamos de destacar o arquivo pessoal Vianna Moog, que foi doado pela família do escritor no ano de 2007 com objetivo de franqueá-lo ao público pesquisador em geral. O arquivo compreende originais de livros, correspondências, textos inéditos, conferências, álbuns de recortes de críticas e álbuns de artigos de jornais (referentes à atuação de Vianna Moog como diretor do jornal da Folha da Tarde), fotografias, comendas, diplomas, uma coleção dos relatórios do Comitê de Ação Cultural da Organização dos Estados Americanos (OEA). O espólio contém documentos textuais (9m lineares), 5.000 livros e periódicos e 623 documentos icnográficos (fotografias).

No intuito de organizar e disponibilizar este Fundo documental, composto de aproximadamente 77 mil documentos e dos quase 5 mil livros, também inseridos e pertencentes a este Fundo, o Memorial Jesuíta, através da sua equipe, passou a executar o seguinte plano de ação:

1. Realizar a avaliação e seleção (estudo sobre a organização produtora dos documentos; avaliação e seleção dos documentos de valor histórico).
2. Higienizar os documentos (extração de grampos, metais, poeira, plásticos, acondicionamento em papel alcalino);
3. Realizar o arranjo (classificação, identificação externa, ordenação, codificação).
4. Fazer a descrição (levantamento de informações das séries documentais).
5. Cadastrar os dados no catálogo online da Biblioteca da Unisinos (pergamum).
6. Garantir a conservação dos originais através de digitalização.

No decorrer dos anos de 2014, 2015 e 2016, foram selecionados, higienizados, ordenados e classificados os documentos deste arquivo. Conforme nosso plano de trabalho, no ano de 2017, demos continuidade as seguintes etapas:

- 1) Cadastro no sistema Pergamum
- 2) Digitalização dos arquivos.

Os materiais que compõem o Arquivo Vianna Moog estão disponíveis para consulta no catálogo online da Biblioteca no link: <http://www.biblioteca.asav.org.br/biblioteca/>. Recomendamos a pesquisa prévia dos itens desejados.